

Dorian Gray Caldas

Do Outro Lado Da Sombra

Poesia Quase Completa



VOLUME 1



DO OUTRO LADO
DA SOMBRA
VOLUME 1

DORIAN GRAY CALDAS

DO OUTRO LADO DA SOMBRA

VOLUME 1

IFRN
Editora ■■■■

NATAL, 2014

Do Outro Lado da Sombra - Volume 1

© Copyright 2014 da Editora do IFRN

Todos os direitos reservados

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem prévia autorização, por escrito, da Editora do IFRN.

O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade dos autores.

Divisão de Serviços Técnicos.

Catálogo da publicação na fonte.

Biblioteca Sebastião Fernandes (BSF) – IFRN

C145d Caldas, Dorian Gray.
Do outro lado da sombra. / Dorian Gray Caldas. – Natal: IFRN, 2014.
479 p. ; il. ; v. 1.

ISBN ISBN 978-85-8333-087-5

1. Literatura norte-rio-grandense - Poesias. 2. Poesia norte-rio-grandense. 3. Poesia brasileira. I. Título.

CDU 82(813.2)-1

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Charles Bamam Medeiros de Sousa

ORGANIZAÇÃO E CAPA

Adriano Gray Caldas

REVISÃO

Pedro Henrique Grizotti

CONTATOS

Editora do IFRN

Av. Senador Salgado Filho, 1559, CEP: 59015-000

Natal-RN. Fone: (84) 4005-2668/ 3215-2733

Email: editora@ifrn.edu.br

Presidenta da República

Dilma Rousseff

Ministro da Educação

Henrique Paim

Secretário de Educação Profissional e Tecnológica

Marco Antonio de Oliveira

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Rio Grande do Norte**

Reitor

Belchior de Oliveira Rocha

Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação

José Yvan Pereira Leite

Coordenador da Editora do IFRN

Paulo Pereira da Silva

Conselho Editorial

Samir Cristino de Souza (Presidente)

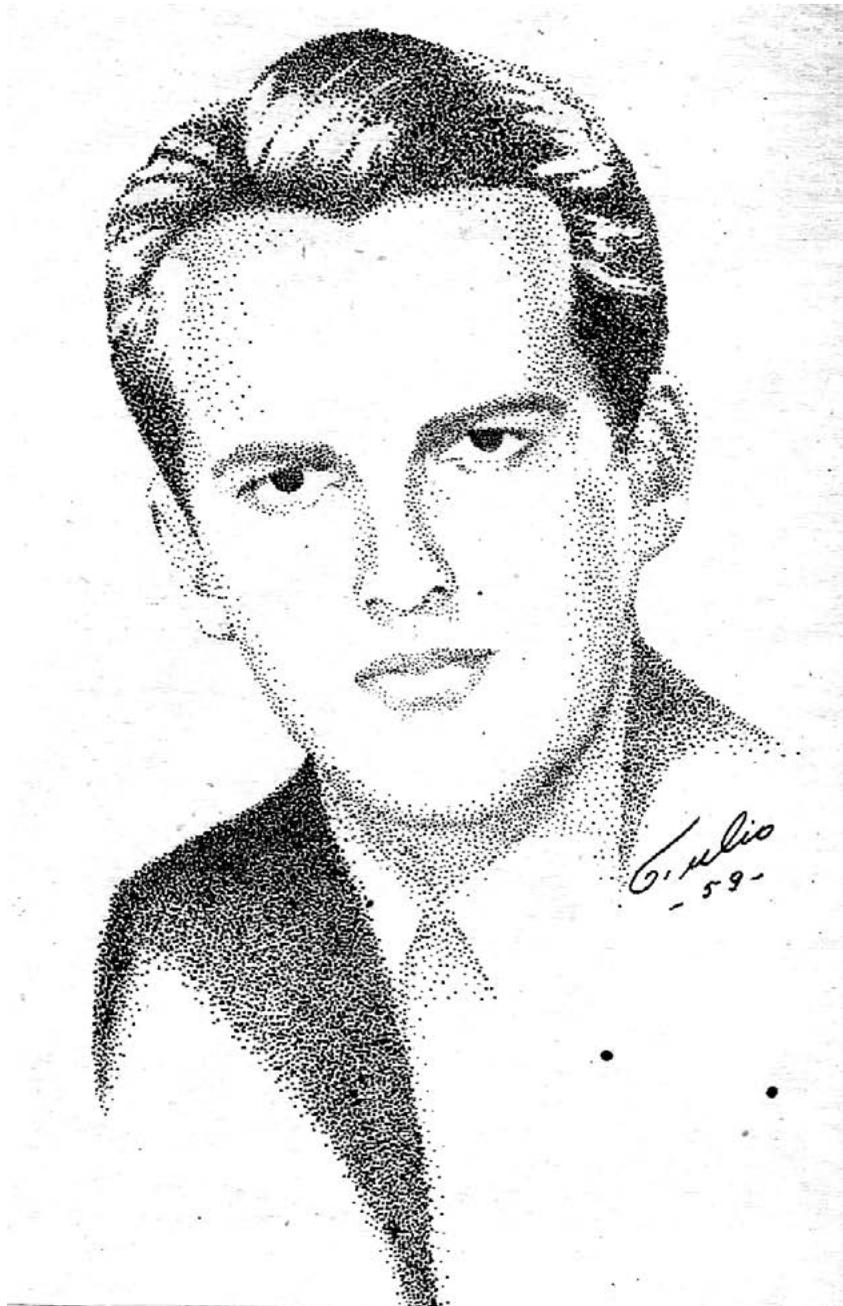
André Luiz Calado de Araújo

Dante Henrique Moura

Jerônimo Pereira dos Santos

José Yvan Pereira Leite

Valdenildo Pedro da Silva



Bico de Pena de Dorian Gray Caldas quando jovem, de Túlio Fernandes - 1959

“Do outro lado da sombra deve ter luz, não é? Ou, deve ser o dia. Então, esse livro foi escrito quase todo ele na penumbra ou na sombra, mas visando esse lado mais luminoso, do outro lado da sombra.”¹

Dorian Gray

APRESENTAÇÃO

 com imenso orgulho e satisfação que o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), através da sua Editora, presenteia os leitores com a coletânea “Do outro lado da sombra: poesia quase completa”, volumes I e II, do escritor e artista plástico natalense Dorian Gray Caldas.

Nascido em Natal, em 16/02/1930, onde sempre morou e se consagrou desenhista, pintor, tapeceiro, escultor, gravador e escritor, reconhecido nacional e internacionalmente, Dorian Gray segue em plena atividade artística e intelectual.

Sua relação com esta Instituição remonta à década de 60, quando realizou dois trabalhos artísticos para a então Escola Industrial: uma Ceia Larga e um painel mural alusivo aos Folguedos da Cidade do Natal, além da parceria com Newton Navarro num dos painéis executados pelo também artista plástico, nas rampas de acesso às salas de aula do atual Campus Natal-Central do IFRN.

Poeta, cronista e ensaísta, Dorian Gray reúne, nesta coletânea, uma produção literária de mais de 50 anos de trabalho, incluindo seu primeiro livro – Os Instrumentos do Sonho, de 1961. O volume I traz 10 livros de poemas, todos publicados anteriormente, motivo pelo qual o autor fez questão de manter as capas e os prefácios originais, a fim de subsidiar o leitor na compreensão do contexto de produção de cada uma dessas obras.

O volume II reúne outros quatro livros de poesias, dois dos quais inéditos – Água das Águas e Poemas traduzidos de outros autores, além da sua Fortuna Crítica – textos que contemplam a recepção crítica do conjunto da obra do escritor ao longo de todo o seu fazer literário, desde prefácios, correspondências, apresentações de livros, citações etc.

Assim, esta coletânea tem o privilégio de atualizar e favorecer a divulgação da obra literária de Dorian Gray, cuja faceta de artista plástico é mais conhecida do que seu lado poético. Trata-se de páginas de pura poesia e prosa cristalina, que, vindo à luz, quando ele está prestes a completar 85 anos de idade, revelam de modo sublime ao nosso olhar essa alma de artista, deixando entrever, também, um pouco dessa grande figura humana.

Dotado de rara sensibilidade e muita erudição, mas extremamente simples, educado, além de um intelectual incansável, sempre antenado com as temáticas do seu tempo, Dorian Gray pode, então, servir de inspiração às novas gerações também como o leitor obstinado, conhecedor da literatura universal à literatura nacional e local, demonstrando como o estudo, aliado ao talento, pode gerar o grande artista e intelectual que ele é e que faz a diferença.

Portanto, como tal, este livro constitui importante resgate de uma parte significativa do legado desse artista potiguar, que torna mais belo e valoroso o patrimônio cultural de nossa cidade, de nosso estado e de nosso país.

Belchior de Oliveira Rocha

Reitor do IFRN

1 Trecho de entrevista concedida à equipe da Comunicação Social do CNAT para produção de documentário sobre o artista.

PARA UM POSSÍVEL RETRATO

Tarcísio Gurgel

Quero referir-me, inicialmente, ao jovem artista de quem se busca traçar um retrato – sem joyceanas pretensões – no contexto de uma Natal ainda provinciana, na qual logo se destacou. Elegante, vasta cabeleira, e já começando a circular nos poucos, porém vibrantes, redutos culturais da Natal dos anos 50, ele surge produzindo com um talento e um entusiasmo que jamais o abandonariam. É um momento singularmente importante numa pequenina capital recém-saída da guerra e com vários candidatos a intelectuais indignados com as catilinárias de Antônio Pinto de Medeiros. Circulam os suplementos. E poemas surgem, tantos e tão frenéticos, que muitos parecem resultar de geração espontânea. Deslumbres e vislumbres de quem haverá de ficar, digno de figurar com um retrato na galeria dos melhores.

É também um tempo em que todos gravitam em torno de Cascudo, inteligência maior, o riso compreensivo a produzir generosos prefácios. Há porém, no cenário, outras marcantes personagens: um menino prodígio que sai do seminário para a vida; um anjo rebelde de versos agônicos; uma aluna de um colégio de freiras a produzir uma canção oceânica num domingo ensolarado de Areia Preta; e a irreverência existencial de um colega a produzir lindos desenhos, contos e etílicas más criações. Sanderson Negreiros, Walflan Fernandes, Zila Mamede e Newton Navarro são figuras alumbrosas para o menino encantado com a arte. A respirar arte. A sonhar com a arte desde que adormeceu pela primeira vez no regaço da mãe Nympha.

O pai, detentor de respeitável patrimônio, garantiria a opção prática: a pragmática escolha de ser – se quisesse ter sido – um bem sucedido empresário ou, ao menos, um profissional liberal reconhecido. Não quis. Atento à magia criativa das artesanias maternas; ao verso que brotava da pena e dos gestos de tio Luiz que tinha a leveza do ser na alma boêmia; e, sobretudo, aos retratos e paisagens que o primeiro pintor do Estado – e também seu tio Moura Rabelo – produzia para deixar fixada em óleos magníficos parte da vida cultural do Estado, preferiu o caminho da arte. E logo ocupa o lugar que lhe é de direito no proscênio da vida cultural da cidade, compondo quadros e pintando versos que lhe dariam um merecido reconhecimento.

Estreando em livro em 1961, com *Os Instrumentos do Sonho*, não mais deixaria de exercitar um lado lírico que, naturalmente, encontra-se presente em toda a sua múltipla atividade artística. E espanta, ainda hoje, quando ele atinge a chamada idade provecta, a vibração que o mantém um ativo criador em cada um dos campos de atuação. Suas telas continuam provocando admiração; seus poemas causando funda impressão em quem os lê; suas reflexões ensaísticas, em forma de ensaios, surpreendendo a quem nelas detecta um substrato de erudito atento e disciplinado leitor.

Sou um dos seus mais fiéis admiradores, desde quando, migrado de Mossoró, fui a ele apresentado pelo meu irmão, o também poeta Deífilo Gurgel. E posso registrar como um dos momentos mais gratos da minha vida de professor, a leitura que costumava fazer em sala de aula do seu poema “Engenho”, título carregado de uma força semântica capaz de ressaltar o seu fazer criativo. Atentos ao seu plano manifesto, lembro-me bem, os alunos confessavam que “viam” mais que “ou-

viam” tal poema, que me permito reproduzir, pois quanto a mim o vejo e releio como um dos mais representativos deste pintor-poeta – metapoema se o lemos como um quadro propriamente:

Na paisagem exata,
as muitas portas
da casa de engenho.
Pátios com vacas
ruminando o sono
da terra: o acre-doce
barro da terra.
No segundo plano,
além dos tetos
das casas e dos
verdes escuros e cavos
da cana recém-cortada,
o espaço queimado, em sombra
na cor da antiga plantação.
Em firme horizontal,
as casas do último plano
porta e janela, porta e janela
e sempre porta e janela iguais
com a vida dentro delas
feita deste mel escuro
que sobra da casa de engenho.

Esse breve instantâneo, mais que retrato de um artista assim, tão importante, se não se pretende obra definitiva, busca ao menos aguçar a curiosidade. Pois o lançamento da sua poesia quase completa, com o título de Do Outro Lado da Sombra é auspicioso para quantos nos interessamos pela poesia produzida em terras potiguares. Mas é também hora de comemorar e agradecer a este artista das linhas e dos versos, cuja cabeleira encaneceu – mas não o talento e o entusiasmo – por sua rica contribuição às nossas letras e artes.

ÍNDICE DE LIVROS

- 1 - OS INSTRUMENTOS DO SONHO - 13
- 2 - CAMPO MEMÓRIA - 71
- 3 - OS SIGNOS E SEU ÂNGULO DE PEDRA - 101
- 4 - FEIRAS E FEIRANTES - 153
- 5 - POEMAS PARA NATAL EM FESTA - 169
- 6 - BEATOS - 205
- 7 - O ATAQUE DE LAMPIÃO A MOSSORÓ - 225
- 8 - ENCANTADOS - LENDAS E MITOS DO BRASIL - 251
- 9 - CANTAR DE AMIGOS - 313
- 10 - OS DIAS LENTOS - 375

DORIAN GRAY CALDAS

**OS
INSTRUMENTOS
DO
SONHO**

NATAL

COLEÇÃO “JORGE FERNANDES”

1961

ÍNDICE

OS INSTRUMENTOS DO SONHO

A VIAGEM 23

AS ESTÂNCIAS 25

AS DIFERENCIAÇÕES 26

OS RECANTOS DO SONHO 27

AS COMPARAÇÕES NOSTÁLGICAS 28

OS RUMOS NÁUFRAGOS 29

OS DIÁLOGOS NOTURNOS 30

OUTROS POEMAS 31

TESTEMUNHO 32

O MORTO DE AGOSTO 33

A MADONA DE PICASSO 34

3 CANÇÕES

I CANÇÃO 38

II CANÇÃO 39

III CANÇÃO 40

3 POEMAS EM PROSA

I 42

II 43

III 44

POEMAS DA SECA

DA FAMÍLIA 48

DA CASA 50

DA MORTE DO RETIRANTE 51

DA CASA II 52

DA CONVIVÊNCIA DA SECA 53

A GESTAÇÃO DO FRUTO 54

SECA 56

POEMAS NEGROS

I 60

A UMA DAMA 61

II 61

III 62

IV 63

DA HORA 64

V 64

VI 65

A LEI DE LÁZARO 66

VII 66

MENINOS MENDIGOS 67

VIII 67

ESPECTRAL 68

IX 68

PRÉ-HISTÓRIA 68

X 68

PREGÃO

*"Por um pregão do ninho meu paterno,
Ouvi! vereis o nome engrandecido."*

Luís de Camões

A coleção JORGE FERNANDES começa marcando no firmamento literário do Rio Grande do Norte uma coluna poética em cada horizonte.

FÁBULA, FÁBULA, de Sanderson Negreiros, fica no austral, ode sobre o cruzeiro do sul. O APRENDIZ E A CANÇÃO, de Luis Carlos Guimarães, rumo à constelação setentrional da Ursa Maior, o carro do rei Davi, por onde se guiavam os Fenícios. OS INSTRUMENTOS DO SONHO, de Dorian Gray Caldas, marca o levante, pista do carro do sol. IMAGEM VIRTUAL, de Myriam Coeli e Celso da Silveira, fixa o fulgor de Vésper, anúncio das "fogueiras da tarde" de Castro Alves ou da "pedraria rubente dos ocasos", de Cruz e Souza. CAIS DA AUSENCIA, de Deífilo Gurgel, indica o centro, polo magnético onde se cruzam meridianos sensíveis e paralelos sentimentos.

A emoção recôndita é evocar o nome do Patrono. JORGE FERNANDES!

Jorge Fernandes de Oliveira, xaria da rua três vezes secular de Santo Antônio. Nascido a 22 de agosto de 1887 e falecido a 17 de julho de 1953, publicou um livrinho em 1909, CONTOS E TROÇAS. Encenou sua peça dramática, PELAS GRADES, em 1915.

É o criador da poesia "Moderna" em Natal com o seu LIVRO DE POEMAS, 1927. Tão pouco conheceu poetas e livros que melhor é negar qualquer influência literária. Foi um instintivo. Um precursor. Uma andorinha solitária fazendo o indiscutível verão. Uma surpresa para "o sul" quando comecei a publicar e remeter seus poemas. Todos o aclamaram. Eugenia Álvaro Moreira abriu um festival em São Paulo declamando-o. Mario de Andrade, dezembro de 1928, exaltava-o como igual aos maiores.

Jorge Fernandes conheceu os contemporâneos ilustres quando já voava na altura deles. O seu lirismo, ironia, piedade, amor esparso como uma névoa matinal, ocultando e denunciando o contorno da paisagem, revestiu-se de tonalidade e ritmos pessoais típicos, orgulhosamente dele. Nunca pensou que determinara uma revolução literária e jamais quis pertencer a uma associação cultural. Não era arredo, mas devoto da convivência humana, apaixonado pelos amigos, animador de todos os voos, tão longe da vaidade como da própria consciência do seu valimento.

LIVRO DE POEMAS saiu na tipografia do jornal que eu dirigia. Jorge Fernandes pagou apenas o papel. Escrevi um prefácio que é depoimento da companhia comum nas noites saudosas do velho MAGESTIC, que João Guimarães evocou admiravelmente.

Nossos passeios noturnos eram digressões poéticas. Ir ver a Igreja de Sant'Antônio dormindo. O Potengi acordando. Um amanhecer nos morros. Pôr do sol na Capela do Rosário. Comer

feijoada no mercado. Valorizar o cotidiano, o humilde, o popular, o banal. Defender o artesanato. bruxas de pano, cavalos de barro, cestas de vime. No íntimo, saudade e previsão do futuro. De uma poesia ampla, emocionalmente capaz de tudo sentir, expressar, traduzir. Também recordação, cisma, lembrança:

*“A luz elétrica do meu tempo
vinha com a lua cheia”.*

Violão em lá-menor. Peixe frito. Cachaça da primeira cabeça. Dizer versos pela metade. Pensar que o mundo começava com a nossa percepção. Ninguém olhara, antes de nós, a Papácea, os urumarás, os oiti-corós.

Homem, diferente. Insubstituível. Único.

Nenhuma homenagem mais alta e mais justa que seu nome nesta coleção de Poesia Moderna. Moderna por quê? Quando ela não existiu, em potencial, em sonho, informe e poderosa como uma nebulosa, grávida de mundos?

Não há nome mais garantidor de uma Poesia autêntica. Feita unicamente nos momentos de inspiração irreprimível. Longe da elaboração maquinal, da cultura orientadora, dos “andaimos do edifício” de que falava Olavo Bilac. Uma Poesia legítima em sua força, ímpeto, naturalidade, imperfeição humana, comunicativa e linda.

Esses cinco Poetas da Coleção JORGE FERNANDES anunciam outros. Jorge Fernandes deramará sobre essa dinastia vibrante o seu lento sorriso de aprovação e de bênção.

Luís da Câmara Cascudo

A ELOI CALDAS E
NYMPHA RABELO CALDAS

A Luiz Rabelo
Luís Carlos Guimarães
Newton Navarro
Sanderson Negreiros

À Wanda

A VIAGEM

AS ESTÂNCIAS

*Se é lembrado que eu te diga,
confirmo: Aprendi a amar coisas tão múltiplas,
fazeres que domino e encontro em tudo,
num raro esplendor por ser da arte;
mas não consigo das lembranças afastado
achar mais puro segredo
que conservas e mais recua de mim
a marca na tua blusa/azul
colegial. O jeito de jogar os teus cabelos
para trás, em ondas de negra oscilação
no gesto de doar-se
como se ficasses indo e destruísse o encanto de aceitá-las
com prodígios. Não só por ti espreito estas origens.
Sinto a morte descer sobre o meu peito.
Com seus lençóis, meu antigo oceano,
enquanto os astros caem do alto
em silêncios sempre interrompidos.*

AS DIFERENCIAÇÕES

*Diferes do teu ser, sendo da mesma natureza, a qual doas
nesta entrega de amar
em que te ausentas; senhora que os laços que nos unem
por mais raros zelos fazem-se distâncias e a percorrer largos ofícios.*

*Estas lembranças voam como pássaros
e o verão era breve sarça ardente
de tua nudez esplendidamente bela
na altivez da rosa azul
pousada na curva do teu ventre.*

- Certo o lugar e sem recusas

OS RECANTOS DO SONHO

*Se poder tenho sobre a morte
logo ponho meus olhos onde celebro o dia
que importa a fábula que eu crio
se debaixo de tuas pálpebras
há rios azuis, águas de março!
Glaucos horizontes, a construir distâncias
que vão em mim, em direção à presença do teu sangue
em ti gritam abismos, dançarinos gestos de afetos
escalas de um concerto
no teatro vazio.*

*Não posso negar-te asas, queimando borboletas
sobre os pianos
larvas de um vulcão, o verbo antes de Deus
na nossa intimidade sem palavras.
O resto é consumir-se, sem templos,
sem catedrais, sem lembranças;
a luta que se acabe no velho jogo de xadrez
que na sala vazia nos aguarda.*

AS COMPARAÇÕES NOSTÁLGICAS

*É possível que eu restaure agora a memória
dessas largas ilhas/águas
a luz que veste o teu olhar em calma
e insiste em revelar a tua alma.*

*Ainda posso ouvir a música que imagino
no tanque do quintal (tão simples)
guardando o teu rosto refletido
o musgo de outros tempos
que cobriam tuas vestes primaveris
as flores fulvas ou azuis
na opalina clara
que a relva guardou sem descrevê-las
como eram trançadas folha e flor.
Em pedra áspera (sem repuxo nem romano adorno)
não seria o lugar certo
de todo o sentimento que não veste
a graça gentil de teu encanto*

OS RUMOS NÁUFRAGOS

*Sem que saibas
te procuro e te alcanço
no instante em que chegas
há partida e pássaros azuis
que te festejam.*

*O verão agita o mar
e é tão singular esta presença
que alvoroça o ritmo do meu pulso*

*A tua entrega é música
mergulho em teu corpo anunciado
em festa e se este meu júbilo
te agrada à alma
terei de sempre festejar-te*

*Pastor amante que não deixa de cuidar
do seu rebanho
ao qual devoto as perdas
a as fúrias do seu sonho*

OS DIÁLOGOS NOTURNOS

*Se a tanto permito do teu reino
o poder sobre o que reténs
quando o curvo sol se põe
sobre o fulvo esplendor dos teus cabelos.*

*Fechado jardim e em sombras
sob os campanários cobrindo os mendigos
com suas ásperes de medo*

*E tudo que era perto faz distâncias
e tudo que era possível mais cuidado aceita;
pois nos degraus de Deus
podem cuidar abismos/existir
se a luz não aceita nem os óleos queimam
mais os nossos crepúsculos.*

*Jamais compreenderei por que em noites frias
aceito tua origem indesejada!
O verão esplende, o pássaro canta, sois de luz
e ainda a harpa do poeta se escuta,
na liturgia desse canto impuro*

OUTROS POEMAS

TESTEMUNHO

*Testemunhas desta hora,
a presença dos equilíbrios nos comove.*

*Só nós nos sentimos frágeis e suicidas
do tempo que o viver rouba dos mortos.*

*Colhemos e guardamos empobrecidos
o que restou do milagre e do convívio
do silêncio: viagem de outrora
que, agora, nos retorna amarga e brusca
na curva de outros rios,
que o olhar não abrange
e o coração não sabe até onde
se completa e divide*

II

*Testemunhas desta hora,
o que nos resta é preparar a palavra
e manter puro o silêncio de outros dias.*

*Cobrir de cores os palácios
e os caminhos percorridos*

*Equilibrar os declives
e falar com os mortos
com os quais convivemos.*

*Inventar as paisagens
que não existem
e queimar quase em delírio*

*a alma que perdeu o próprio brilho
de estar em presença
do que sonhamos para nós
quando era fácil
navegar nessas águas intranquilas*

O MORTO DE AGOSTO

*Estava toda a família a derredor, desolada
o morto ali jazia e lhes não dizia nada.*

*Alguém virava um pano, à cabeceira, devagar.
O morto não se voltava, nem mesmo para olhar.*

*Outra mulher que estava, sentou-se junto à janela
o luar que entrava, molhava os olhos dela.*

*Era um luar de agosto tecido de humilde paina,
desses que deixam nas águas um leve ar de desgosto.*

*Parecia que um vento incerto sobre a cama deitara
uma forma de criança, uma tristeza adivinhara.z*

*E o morto deste vento de nada se apercebera
- que ao findar de agosto sua vida fenecera.*

*Eram mulheres simples velando o que já não havia
sob um luar de agosto em uma casa vazia.*

A MADONA DE PICASSO

*Suave ei-la curvada
sobre o filho.*

*Prende-lhe a cabeça
com as mãos
e beija os seus cabelos.*

*E como se fosse o único
e último beijo.*

*A despedida prematura
do filho que ela viu morrer
sem poder tocar-lhe.*

*É o seu beijo de mãe
a um ser que ainda
não é Deus
nem um escândalo
ou escárnio
para os descrentes.*

*É o tempo mesmo de amá-lo,
de fiar e costurar
suas roupas
para que ele não sinta frio,
para que ele não sinta
os pregos e a cruz,
a lança e a espada*

*É o tempo mesmo de curvar-se
para que ele não escute a sentença,
nem o riso, e o pior:
o vazio e o abandono
na sua hora última.*

3 CANÇÕES

I CANÇÃO

*Canto a noite insone
o amor sem nome
canto o claro consentimento
o exórdio do medo
o segredo.*

*Canto o presságio,
o paraíso
o santo multifacetado,
o pórtico largo,
o crepúsculo sem luas,
os reis inúteis,
canto a ostentação do crime,
que na morte oprime
canto a palavra começada
a origem de um novo dia
que redime.*

*Canto o sentimento guardado
a herança dos atavios
o risco na água dos navios.*

*Canto um novo poema
que rebenta dentro do peito
a dor e o medo
refaço preconceitos
de todo poema inútil
desencontrado do poeta
e invento novas razões
que se completam.*

II CANÇÃO

*Escrevo antigas parábolas
os santos nos vitrais falam
dos mortos
nas túnicas
iluminados
dialogam seus destinos
transcendem o tempo e a memória,
o compromisso com a história,
a morte veio em segredo
fixou-os nos vitrais
eternizou-os nos seus gestos
paráclitos.
Nada se mexe ou aponta
o apocalipse, o drama,
estão na trama
do enredo
suas vidas insones
belos ornatos de ouro e prata,
a púrpura dos seus mantos,
as flores de seus cajados.
Não há nada a seguir
já completados assim
os santos nos vitrais
sonham com os olhos abertos
sandálias de areia e tempo
pórticos de pedras escarvadas
erguem-se de si glórias passadas.*

III CANÇÃO

*Nasce de ti o poema
nascem os zéfiros e os rios
os céus de todos os santos,
a cor dos atavios,
nascem os dançarinos do vento
os lírios dos campos que existiam
na curva dos montes bíblicos
nos altos penhascos, nos desígnios
de um Deus pousado na relva
que fechou a boca do morto.
No mármore que escreve o nome
e apaga o rosto anônimo
em ti caminho, ó memória da história,
Dante não encontra Beatriz
nem nos céus se encontra Ofélia
que desce ao longo do lago
na loucura presumível
de sua natureza sensível
o tempo extravia a correspondência da rainha
morta na guilhotina
Inês é outra história
e a morte fecha a porta
que contradiz a história.*

3 POEMAS EM PROSA

|

*Sei que pastores antigos escreveram a poesia dos primeiros
frutos e da força que têm as águas dentro das serras.*

*Cumpra sazonar a uva e as abelhas recolherem o mel.
E que, em louvação, seja clemente o sol meridiano.
A paisagem é de símbolos.*

*Um pássaro pousa numa chama verde de folhas.
Teu sexo é fruto sem nenhuma palavra de amor.*

*Para que o horizonte seja mais exato,
os primitivos riscam de luz, com setas, o ar vazio.*

||

*Nesta hora, o tempo a tudo assiste e fere.
Os mortos dizem dessa beleza sem significação
que os vivos não entendem.*

*Gira o mundo aos meus pés e amadurece no sombrio
das matas o silêncio que me faz entardecido.
Coisas frágeis chamam-me o nome, repetindo
o mesmo enredo de enganos.*

*Mas te ver tranquila no meu humano tédio,
empresta-me o que permito em vida e enlouquecido.*

|||

Fecho os olhos. Esqueço.

*Antes de tempos mais remotos, vinha esquecido
de que alguém me fere insequente.*

Assim, penetro no poder da noite solene e sem memória.

*Deixo que os corcéis selvagens da aurora derrubem, um a
um, os pórticos onde elegi em arcos os meus sonhos.*

A hora é tarde. (Toda hora é tarde).

E já trazia essa morte prometida.

*Sigo. Nenhuma palavra dirá da pedra e
do silêncio meu agora.*

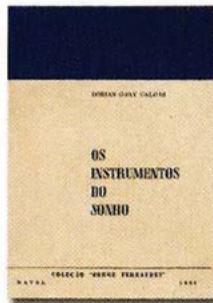
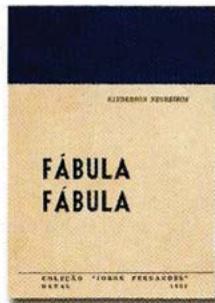
*Não quero pensar dentro deste meu
signo maldito e vazio de estrelas.*

*Florescerá nas memórias amigas um sentimento
aflito por um ser nunca conhecido, além desta
paisagem de espelhos bruscos e partidos.*



1ª Feira do Escritor Norte Riograndense – Natal, 1961 – Coleção Jorge Fernandes.
Da esquerda para direita: Dorian Gray Caldas e Wanda Dione de Barros Caldas
(em primeiro plano)

Registro do Livro: Informação da Literatura Potiguar, do escritor, jornalista e contista, Tarcísio Gurgel, p. 353, Caderno de Imagens.



POEMAS DA SECA

DA FAMÍLIA

*Sertanejo quando faz filho
faz sempre multiplicado.
Múltiplos josés e joãos
múltiplas marias e joanas
pois se um morre
e outro fica
e é igual ao que findou-se.
Nunca José é o primogênito,
João o predileto,
todos são filhos primeiros
são todos irmãos iguaiszinhos
como se tivessem nascidos
todos de uma só vez,
os filhos que pôs no mundo.
Doze? Seis? Três?
Os que ficam continuam
(ou fazem) a família sertaneja.
São acima de tudo um forte
porque resistiram (ou sobreviveram) à morte.
São todos joaquins ou josés
são josafá ou tadeu
todos com o nome do santo
do dia em que nasceram.
O sertanejo nem precisa preparar
o filho (ele mesmo se prepara)
para a vida ou sobre-vida
(que a vida não é nada).
Difícil para o sertanejo
é estar vivo*

*e ele sabe disso.
O sertanejo logo aprende
os modos de viver:
fazer roça, apanha,
recados, artes tudo por imitação
faz tudo que fez o pai e mãe
por simples dedução.
O que um faz
o outro faz.
E quando morre
um desses seres amados pequeninos
é mais uma estrela que se acende
no negro céu do sertão.
E ele pra este céu
que os anjos vão sem caixão
vai sem mortalha nem choro
nem reza nem encomenda
vai de corpo e alma para o chão.*

DA CASA

*Difícil é falar do que falta
do pouco, do quase nada.
falar do muito, da fartura,
do que sobra, do que transborda,
é fácil. Difícil é falar do mínimo
do raquítico, do interstício,
do que mal se vê
e quando se vê é menos que circunstante.
Difícil falar da arquitetura
da casa do sertão:
Duas águas e chão.
Falar do gordo, do barroco, do adorno,
da voluta da curva do ritmo das ancas
de formas cheias (cheias por dentro e por fora)
É fácil. Dispensa qualquer discurso.
Falar do panejamento, do torso de mulher
de rútila carnadura (pele de fruto quase a arrebentar-se),
É fácil.
Difícil é falar do magro, do osso, do árido,
do que sendo pouco diminui a cada hora.
Mais um pouco.
Diminui a cada passo do retirante.
Diminui por dentro e por fora,
diminui a hora do retirante.
Difícil falar do osso, do osso duro, resistente,
sem óleo, rangente. Osso férreo essencial
preciso dentro da pele, ou melhor, dentro do nervo
que a pele cobre, que se mostra e se exercita
no corte seco anatômico do estudante.*

*difícil falar do que não há,
do que se esconde
no homem. Difícil falar da alma que não se vê
e da última morada do ser.*

DA MORTE DO RETIRANTE

*Não há porque fazer-lhe o perfil da morte.
Mesmo porque a morte
na morte do retirante
não é importante.
Mesmo porque a morte do retirante
é apenas um nome.
No caso do retirante
é menos que um nome.
A morte do retirante
é sua própria natureza:
é ter dentro de si
a morte presa.
É ter a morte a caminho
ou ser caminho da morte.
Ser retirante coletiviza
a morte.
É a sua condição,
é o óbvio ululante
que causa estranheza.
Retirante já carrega
a morte consigo.
como dentro do bernal*

*a rapadura e a farinha
do pouco que ainda havia.
Ser retirante é consumir-se
Do pouco que lhe restara.
É consumir-se por dentro
como uma vela numa sala.
O retirante morre inteiro
seco como a seca.
Daí concluir-se que o retirante
jamais será herói.
Jamais terá inscrição em pedra,
ou bronze.
Igual aos outros homens.*

DA CASA II

*A casa do sertanejo
a ele se assemelha.
É essencial como ele.
Igual por dentro e por fora
e mais por dentro. Vazia
como a fome que o anuncia,
muito antes da fala
sem mesmo nos dizer
nada.
De pedra e cal
vara e adobe
quase sempre*

*o seu magro corpo cobre.
As varas deixam ver
a sua ossada de pobre,
como a de um retirante
a sua ossada sem nome.
A arquitetura da casa
é a sua sementeira
onde pensa e repensa
o bom inverno e fartura.
No mais a casa
Só a outra coisa é igual
(sendo inversa a construção)
Quando suas paredes
se levantam
a poucos metros do chão.*

DA CONVIVÊNCIA DA SECA

*Conviver com a seca
eis a regra prudente.
É o que faz o sertanejo
sempre.
Aguça os sentidos
e os ouvidos.
Procura no som do vento
a canção da chuva, o tempo.
Procura na cor da poeira
a água primeira.
Procura na viração terral*

*a gota da chuva, essencial.
Conhece a matemática exata
da fome
e até onde ela o consome.
Até onde a máquina
de seu ser trabalha
e quando falha.
É melhor conviver com ela
em seu desafio diário.
Melhor exercitá-la de vida
do que a ter na morte
consumida.*

A GESTAÇÃO DO FRUTO

*Difere da mulher
esta gestação de árvore
que do núcleo/semente
rebenta e continua
presa.
Mãe/seiva a alimentar-se
do coração da terra
seu músculo exposto.
Respira o ar essencial
assim como nós.
Uma vez plantada
nele mais se aprofunda.
O resto é saber-se folha
e sombra uso e fruto.*

*É saber-se aérea e dia pleno.
É ter consciência vegetal
nervos sensíveis expostos ao tato.
É ter no tronco
onde se apoia a estrutura
a possibilidade do verde
(que o verde é seu maior orgulho)
de onde toda a força
se move dentro da terra
com seus mil dedos
sempre mais nela se aprofundando.
E quando chega o outono
ela como a um filho
liberta as folhas
que rodopiam no ar
como pássaros secos.
Eu sou assim também
como esta árvore
de raízes plantadas
no chão de minha origem.
Sou de mim mesmo sobrevivente
de muitos invernos.
Passei a minha vida
estendendo meus braços
sem sair de mim,
como os últimos galhos
desta árvore.*

SECA

*É necessário conhecer a terra.
Não basta o sentimento.
Saber onde começa
a sua máquina adusta
tudo que cria
ou fia
a sua máquina operária
a sua máquina agrária.
Pois do sertão se conhece
mais o que se retira do homem
do que o que se lhe empresta
se conhece mais a sua condição
ávara, nunca a tributária.
Pois o verde só é verde
plantada a semente no tempo
certo
e das outras coisas diversas.
Por exemplo: não medra semente
na pedra. Pedra não abre em flor
ou folha. Faz-se
fio uterino da vida
na semente acende aérea
vegetal pulso da terra
crescendo sempre nela.
A pedra ao contrário da semente
só se acrescenta por fora
nunca por dentro.
Quando trabalhada no rio
ou rolada*

*se faz redonda
é mais mulher que a semente
que depois de fecundar
cresce em espada/homem
de afiado gume.
É por isso que é preciso
conhecer a terra
na sua máquina tributária
na sua máquina caseira
na sua máquina pedreira.
Dia e noite
a sua máquina intestinal
trabalhando o chão
para uma nova consumação.*

POEMAS NEGROS

|

*Sou como um sol negro para os círculos
de ouro das virgens de Botticelli.
Sou a música ouvida e guardada.
A música, à espera do concerto.*

*Sou: na noite o que colheu das tuas mãos, a rosa negra,
sou o pescador de águas profundas.
Navego dos peixes abissais,
dos teus dedos nas águas dos lençóis.
As luas queimam as ramagens altas.
As colunas de tuas pernas erguem-se,
como um templo grego.*

*Sou o tempo que não estar nos computadores,
o número do número, além de qualquer registro ou dígito.
Maior que qualquer força, pois não há medida,
na gota do orgasmo da eternidade.*

*Deixo agora a noite cair do seu manto túrgido;
que há de cobrir meus pés mendigos.
No tempo venho construindo esta verdade:
Cristais dúcteis nas águas.*

*Águas do que sou.
Águas do que sou, primeiras.*

A uma dama II

*De antigos dias
vinhas com orgulho e joias
taças e plumas
transparências raras
em salas e ruínas.
Os olhos ainda brilhavam
nas horas de fúrias
de um verão perdido
entre flores, saxes e sexo,
que o tempo escureceu do outro lado.
(e eram claros
os dias iluminados pela luz
das acácias).
Senhora, que às horas todas esmagaram
como um fruto seco.
Desejos
ainda habitam no seu coração
amargo e frio
quando giras o olho na cratera do seu destino.*

|||

*Vou falar do que sei e não sei
porque não é somente o que é visível
ao nosso entendimento o que melhor se alcança.*

*Irei sobre estes campos
semeando as minhas palavras de vento
e de chamas; correndo sobre eles
corcel de vidro. Deitarei meus olhos sobre
tudo possuído e ser herdeiro do paraíso.*

*Tudo que vejo será meu:
A árvore e as suas raízes,
as curvas terras
as altas colinas. Tudo foi meu, ontem.
Nada me deteve. Fui como um deus,
criando seus caprichos.*

*Fui como a força comum da natureza,
não sabia que apenas pó
semeamos em nossas semelhanças;
e nossos deuses.*

*Acordo os ventos, lá onde se reúne,
e faço os dias, lá onde as trevas morrem.
Canto o canto, amargo ou puro,
enquanto engenho e arte tiver
que valha o canto.*

*O que perdi, perdi, mas procurando-lhe.
O que fui, foi em mim mesmo, encontrando-me.
Sou o que sou, nem sempre lisonjeiro,
mas só por ser assim serei até o fim.*

IV

*Não lamento o que não tive, ou o que não tenho;
Por mim passou. Os campos continuam claros,
neles debruço-me para colher os frutos
que homens e mulheres obscuras herdaram.*

Acontece a poesia:

*Frutos maduros
ao sol de um céu distante.*

*Outros brilhos:
Já não sou apenas o que vê,
mas o que sente.*

*A dor do mundo toca-me
o flanco esquerdo da alma.*

Resisto. As raízes do meu pulso, presidem.

*Clamo, sussurro,
só a poesia é eterna.*

*Só a poesia faz o tempo
anterior aos relógios.*

*Imemorial, antes e depois de estar no tempo
invento novamente, o violino do cego da estação,
longamente deito-me sobre os campos,
sirvo-me da minha medida.*

Da hora V

*Direi de todo a gota de veneno.
De toda palavra gasta a garra de ouro.
Direi do ódio que amarga-me o corpo
E sobre mim direi que sinto-me ferido;
Das asas da poesia.*

*Conheço estas virtudes todas. Deixei-me ir
pelos barcos e pelos sons, de alma erguida.
Nada restou. Como uma estrela que corre
De um a outro tempo, só encontrei abismos.
Reparto o que quis para mim*

*Esta biografia dos amigos; ausências reclamadas
folhas de uma árvore, múltiplas: a árvore nunca
foi avara. Não tenho parentes nem irmãos
meu nome é tudo que tenho e tudo que me encerra.
Antes de vir já sabia desta sorte incerta.*

*Nada mudou. Mil anos bato à mesma porta
e não encontro resposta.
Nas torres antigas das catedrais,
gargântuas medievais, pontas de lanças.
Esgrimas de bailarinos.
Só esta minha ternura é pluma e não gasta a primavera.*

*Sou aquele que perdeu a hora do encontro
aquele, o que chegou velho para uma hora nova.
Despertam dentro de mim sua eternidade.
Sou a estátua do jardim encontrada no lixo.*

*O modelo antigo perdido do pedestal.
Em qualquer lugar que me coloquem
sou como uma paisagem sem tintas.
Um rosto devorado pelas chamas.*

VI

*Poesia.
Acordo em tua claridade.
Lavo as minhas mãos em teus relâmpagos.
Faço do teu nome a minha bandeira, flama, chama, primeira.
Passeio em teu jardim
de sons, de cores, de transparências raras;
teu jardim como uma casa, aberta, clara,
onde espero os poetas e a poesia acontece.*

*Abro a porta ao vôo, do inesperado,
o novo, o ingênito grito, o mito.
Reconstruo as brancas colunas
que sustentavam os jardins,
Visto as túnicas dos deuses, inúteis,
Tudo ruiu e foi ha muito tempo.
As cidades caíram sob o jugo das guerras.
Que me resta?*

*Um punhado de pó, uma pedra calcinada,
Um bronze retorcido.
Só tenho pontas de abismos,
por isso eu te convoco, te chamo, poesia.
Te convido, poesia. Amante claridade.
A única palavra possível.*

A lei de Lázaro VII

*Vivi da vida todo o tempo
e não mais me abate ou arrefece-me
a alma, a dor de ter vivido.
Cortaram-me o peito em lanças árabes,
o nervo exposto e gasto.
Renasço.
Contra quem me rebelo?
Contra qual deus eu luto?
Em cada caminho meu,
sempre há mais luto.
Os sinos são bocas
e gargântuas roucas,
guardam os bronzes
as vozes de ontem.
Acorda o menino do
outro lado do rio.
Ninguém saberá o que
descobri nos livros eternos.
A palavra não basta
explicar o homem.
Enterraram-me o corpo
e renasci do morto
disseram-lhe anda
e ele morreu de novo.
Somos antigos, Lázaro.
Os deuses nos esqueceram.*

Meninos Mendigos VIII

*Lá onde as sombras se reúnem
eles se reúnem. Os meninos mendigos.
Filhos do lixo, da lepra dos casebres
mutilados; da assimetria das ladeiras.
Barracos e barrancos onde brilham (apenas)
as latas dos zínco dos telhados.
Onde as gargantas dos esgotos
abrem fétidas feridas negras.
Geografia do imprevisível. Do crime organizado.
Da espúria convivência: retrato falado
das manchetes. Heróis e bandidos da breve
consagração, na morte consumidos.
Os meninos mendigos na mesma árvore
do crime. Na mesma euforia da masturbação
e da maconha onde se consomem em festa
(a única festa).
Nas dobras das calçadas da negra escadaria
Adormecem.*

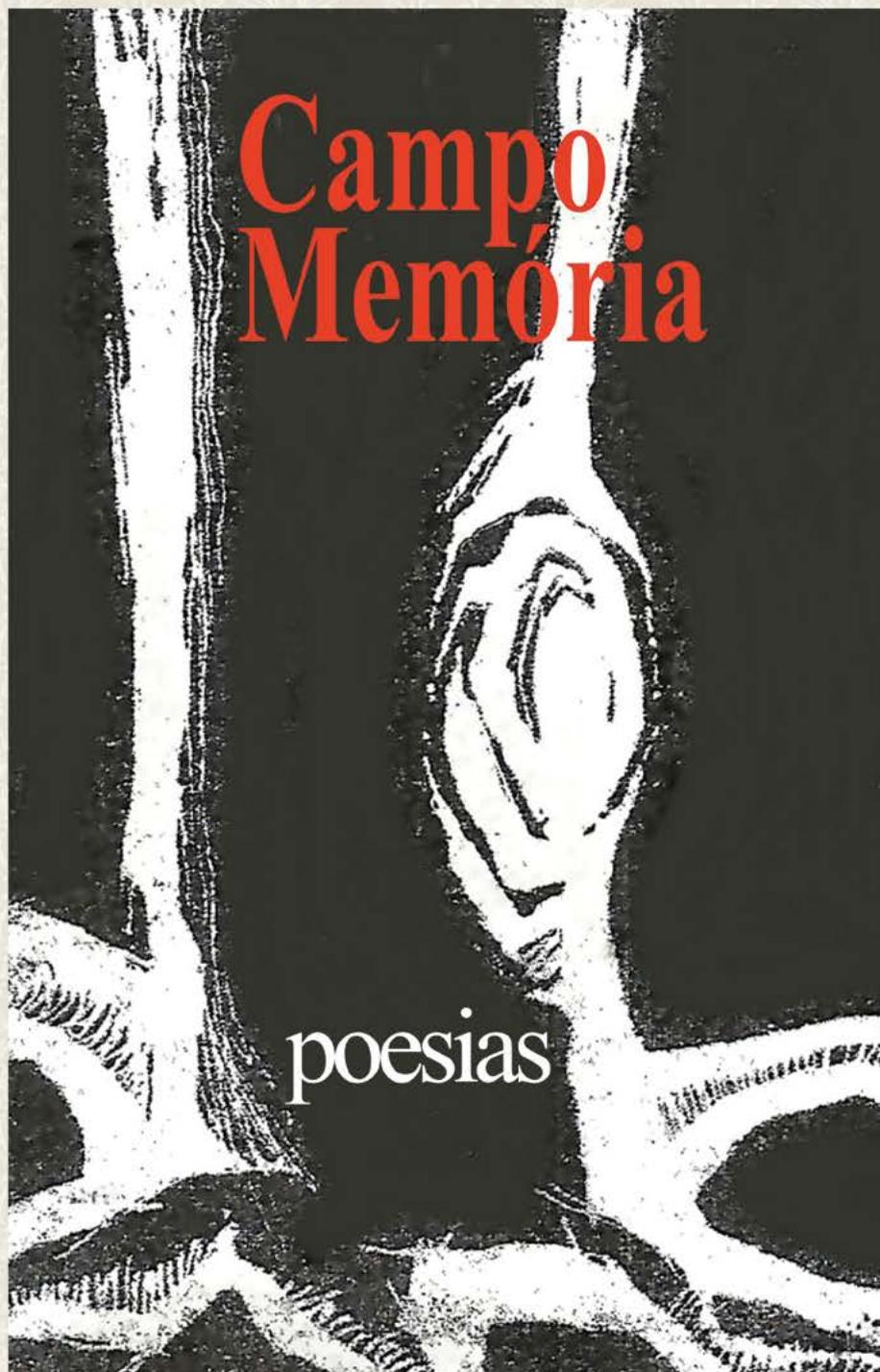
Espectral IX

*Negros meus sonhos todos são
negros. Cortejos, lanças e punhais
em brasa acesos.
Ruínas de palácios
onde encalharam barcos espectrais
luas de março.
Pelas horas medonhas
componho o quadro onde passeio
sem nome.
Sou como um rei demente
de algum reino doente.
No êxtase deste meu lado
adverso
vou cantando
na minha lira, o negro verso.*

Pré-história X

*Mesmo que tivesse vivido mil anos
não saberia dizer de ti, de tua mão,
de tua espessa sobancelha, dos teus dentes.
Mesmo que perscruta o tempo, reúna os fragmentos
líticos, penetre-se ao fundo da caverna, encontre-se
a lasca pontuda (a arremessada e a contundente)*

*não posso adivinhar-lhe a energia do arremesso,
o impulso para atingir a caça,
para alcançar o vôo, que pedra escolheste?
Para a morte? Que morte escolheste na pedra?
O osso de tua memória não me restitui
no homem, só o caminho. Não posso chegar
à tua ardente integridade, ao sangue do teu reino.
És como o vento. A sua fronteira não tem pátria.*



CAMPO MEMÓRIA - 1966
Capa: Newton Navarro
Departamento Estadual de Imprensa

ÍNDICE

CAMPO MEMÓRIA

AS LEMBRANÇAS

AOS AVÓS 80

AO AVÔ I 82

AO AVÔ II 83

A TERRA

AS SERRAS 86

A PAISAGEM E O HOMEM 87

CAATINGA 88

PLANTAÇÃO 89

CANAVIAL 90

ENGENHO 91

FEIRA I 92

FEIRA II 93

MELÃO 94

O FERREIRO 95

GADO 96

RIOS 97

BARQUEIRO 98

BAMBELÔ 99

DAMAS E GALANTES 100

Aos amigos

Newton Navarro
João Ururahy
Nei Leandro de Castro
Luís Carlos Guimarães
Luiz Rabelo,

Dedico este livro.

Uma geração vai e outra geração vem:
Mas a terra para sempre permanece.

O que foi, isso é o que há de ser: e o que se
fez isso se tornará a fazer: de modo que
nada há novo debaixo do sol.

Eclesiastes, I-4,9

Em “Os Instrumentos do Sonho” (1960), maduro livro de estreia, Dorian Gray Caldas delineava uma tendência de estilo poético que se firma neste seu segundo volume de poemas: o verso simples, isento de rebuscamentos, carregando (não pelo efeito sonoro das rimas ou da palavra em si, mas pelo todo do contexto) uma grande força lírica. É exemplo disso o poema “O Morto de Agosto”, no qual se lê: “era um luar de agosto tecido (de humilde paina) desses que deixam nas águas (um leve ar de desgosto). Parecia que um vento incerto (sobre a cama deitara) uma forma de criança, uma (tristeza adivinhara)”.

Agora, em “Campo Memória”, Dorian Gray retoma aquela simplicidade, a objetividade lírica do verso e da mensagem, e enriquece tais valores com a presença do campo ligado à sua memória mais pura. A terra, com efeito, está presente em todos os momentos do livro - que é, pode-se afirmar sem receio algum, um só poema: ode, écloga, canção de amor e morte à terra e aos seus frutos - os habitantes redivivos no memorial poético:

“Hoje sei que ainda respiras sob (a terra).

Ela acaricia tuas mãos que nenhum de nós ousou beijar. E sabemos como eram ternas no amanhã, tácitas no rapasto, ágeis com os pássaros e simples como a única palavra que ainda se (lê sobre teu túmulo).”

Poucos livros de poesia terão alcançado, como este “Campo Memória”, tão indissolúvel unidade temática. O bucólico e o memorável, em suas várias acepções, estão nele interligados e confundidos. E unindo tudo — os avós e a paisagem, o canavial e o gado — há um contínuo fio elegíaco, raiz tânica que se aprofunda e ressalta na poesia de Dorian Gray.

Pintor e escultor, Dorian Gray Caldas revela-se igualmente o artista plástico do verso. Da terra “combusta ou assassinada” ele soube retirar a sua argila mágica, à qual misturou as “seivas das nascentes”. A poesia fruto dessa argamassa, memória dilatada na lhanura dos campos, há de permanecer como a terra permanece, fiel ao preceito bíblico.

Nei Leandro de Castro

AS LEMBRANÇAS

AOS AVÓS

*Perdi campos
e reparti minha pobreza,
doces frutos avaros.
tantos contornos
na assimetria das colinas
nem longe nem perto
por momentos na memória
despertados.
O meu cavalo
que não tive, as cabras e os bois
descendo das clareiras,
os desejados fenos e os fumos
das casas dos aldeões
paredes-meias vizinhas
à minha parede invisível.
Os que amei, depois de longos
dias de convívio
mortos estão
sob a paisagem.
Lembro-me de ti, meu avô.
Possuías de bens de algibeira
o teu relógio pulsante
como um pássaro.
Onde estão aqueles que te rodeavam?
Sob os arcos da noite
os sons de violões, pousados
e vibrantes como um dardo.
Sob o sol
a cabeça lisa de um boi,*

*a certeza de seca
doendo em nossos olhos.
A avó fazia sequilhos e os punha a secar
Em pratos esmaltados
Nos corredores escuros da casa
ainda sua sombra caminha.
Suas mãos ainda bordam
as tranças de rede para cobrir e adormecer
um menino.
Minha vontade sonha, sob a copa
da árvore, morder os mesmos frutos
e habitar a mesma casa,
chorar longamente, chamando
pelos nomes que há muito não escuto.
Dizer-vos, avós, que se inclinam agora
todos os horizontes
e que minha vontade e a minha revolta
não atingem a afiados gumes.*

*É noite e o meu coração está aceso
como uma ferida.
E dói-me a luz da lâmpada.
um minuto de pedra e um silêncio de memória
entenderão minha palavra,
arestas de um diamante.*

AO AVÔ I

*O silêncio é tua fome
Ele te devora
é preciso reconstituir-se
mais nítido do que foste,
para que todos saibam como eras.
Perscrutadores eram os teus olhos,
destra a tua mão, altiva a tua vontade.
De tardos sonos, despertos teus sentidos,
teu bote pequeno nas águas,
á luz da manhã, fazia-se claro gume de uma faca.
Nem a casa te abrigava.
Teus sentidos acompanhavam o vôo dos pássaros,
a percussão de sons distantes nas matas,
a linha da montanha perto e longe
no reverso do horizonte dos teus olhos.
Quando desperto, logo o lume apagavas.
Ao café, à mesa, a fala breve
e logo a passo ligeiro no campo recomeçavas
o trabalho.
Hoje sei que ainda respiras sob a terra.
Ela acaricia as tuas mãos
que nenhum de nós ousou beijar.
E sabemos como eram ternas no amanho,
tácitas no repasto, com agilidades de pássaros
e simples como a única palavra que ainda se lê
Sobre o teu túmulo.*

AO AVÔ II

*Os dias antigos
foram de longa espera.
Os filhos dormiam
em claridade e sombra
à luz das lamparinas.
As tuas mãos, meu avô,
trançavam a taipa
(harmoniosa cestaria) das paredes da casa.
As tuas mãos trabalhavam.
Que eternidade as detém agora em tua imobilidade?
As tuas mãos ainda trabalham.
Medem no relógio da casa
os grãos de areia
que em pouco tempo
triturou como numa máquina
os teus ossos, um a um.
Tuas mãos ainda trabalham.
Levantam no noturno de minha memória
os campos claros de tuas roças plantadas,
e com cuidado e desvelo, parece-me vê-las
cobrindo as plantações à margem dos campos
e dos rios onde navega também o meu primeiro espanto,
preso ainda à tua morte, paráclita.*

A TERRA

AS SERRAS

*Conheci montanhas.
Entre uma e outra
atirei meus pássaros.
Depois, trabalhei
suas planícies onde
não cresce a erva
dos altos montes,
nem o vento sopra
o horizonte para
além das serras.
Sem frutos terrenos
que alimentassem os
animais domésticos
apenas pedras
colhi à minha fome.
Ar mineral
das serras,
na solidez do azul
a máquina da terra,
ainda se oferece.*

A PAISAGEM E O HOMEM

*Paisagem não existe
(aridez de quem a vê)
não mudaria a planície
(mineral)*

*em verde pasto rural,
a riqueza sob o solo.
Mas a luz é que cega
o homem que trabalha
noite e dia sua terra.*

*Os mortos sob o chão
duro
conhecem o instante
(metal)
da poeira que os cobre
com radiações naturais:
fósforo, manganês, cálcio,
percorrendo os seus nervos
iluminando-lhe os ossos,
além da fome natural
que a terra tem de alimento,
fome antiga e de sempre
em seu exato momento.*

*Esta é a paisagem
(aridez de quem se vê)
distância de outra paisagem
que não se cansa de ser:*

*estampa decalcada
de uma estampa igual
tendo como motivo o
desenho do seu metal.*

CAATINGA

*Distância
cultivando espinhos.
Do litoral
não chegará
rumor de águas
que o Atlântico
flora nas ramagens,
sal e azul
de permanências vagas.
Não chegará.
Será sempre
este rumor de terra
do que cresce
da terra e desgasta-se.
Agressivo de ossos,
cal e espaço
de homem ou bicho
oferece-nos
sua cruel beleza.*

PLANTAÇÃO

*Da antiga
permanência
deste sol,
ou brisa
igual,
desliza agora
o estio.
A seiva
se evapora
nas nascentes,
onde inúteis
seremos
algum dia
forma e
e presença,
singularmente.
Enquanto isso,
colhemos os frutos
que o verão
cumpriu,
do gosto
que têm
os ácidos
dos dias
de ventos
e solidões
desta planície.*

CANAVIAL

*Este caminho da infância
por onde vou passando
era uma festa de verde
e terra cor de laranja.
Era um caminho que ia
e eu sabia de um olhar
por onde não me perdia
e haveria de encontrar:
o engenho e uma preta,
um curral e umas vacas
pastando e ruminando
sua fome vegetal.
E também uma campina
cortada por uma seta
de um rio, contínuo.
Bem longe do matagal,
as asas das borboletas
feitas de azul e metal,
e a geometria do tempo
as rosas de minhas mãos...
Havia o cheiro agreste
de ervas vindas do céu,
dos pássaros migradores
nos telhados das manhãs.
Da colina a esta árvore
eu espalhava as sementes
feitas de amor e de mel
das margens do litoral,
do rio que vai passando*

*e agora não passa mais.
Na penumbra, apascento
a incerteza dos dias,
coisas que vão em mim
na palma das correntezas.*

ENGENHO

*Na paisagem exata,
as muitas portas
da casa de engenho.
Pátios com vacas
ruminando o sono
da terra: o acre-doce
barro da terra.
No segundo plano,
além dos tetos
das casas e dos
verdes escuros e cavos
da cana recém-cortada,
o espaço queimado, em sombra
na cor da antiga plantação.
Em firme horizontal,
as casas do último plano
porta e janela, porta e janela
e sempre porta e janela iguais
com a vida dentro delas
feita deste mel escuro
que sobra da casa de engenho.*

FEIRA I

*Hora de sol
forte.
A tua carne
amadurece:
negra.
Tuas pernas
curvas
sabem
a maciez
dos frutos.
Teus olhos
guardam
o ir e vir
dos sacos,
a palma forte
das mãos,
a graça pura
e brilhante
das cores dos pássaros,
ao teu lado
o pequeno cesto
de rendas,
e a meia-quarta
de água
da moringa:
viras a cabeça
e o teu peito
se retesa
- arco que partindo*

*do teu pescoço
esplende
tua raça
negra, virgem.*

FEIRA II

*Poema inspirado nas
vendedoras de mangabas*

*(Na curva
das ânforas,
no arco firme
dos braços,
o odor forte
dos frutos
que amadurecem
ao sol
entre as paredes
do vaso.)*

MELÃO

*O ar te corrompe.
Madura tua carne
(viva)
à luz do sol
como numa pedra,
o tempo
e as migrações
fizeram fruto.
Esplende tua breve
estação,
tua hora maior de fruto
e raridade luminosa.
Ameaçada tua
polpa aberta,
enxameada,
semi-devorada
por duros bicos
de pássaros,
dormida pela lua
entre volumes cegos
(e sem vida) num canto
de sala,*

O FERREIRO

*Malha, bate,
o martelo.
cintilações
de chama e ferro.
Rosas, rodas,
e os grandes
arcos nas pontes.
Encaixes fáceis
de engrenagens,
girândolas
de ferro e aço.
ponta de ferro:
--- utensílio.
Peso de ferro:
-- equilíbrio.
Nas mãos
do trabalhador.
Alabarda, lança.
arma,
carbono dúctil,
maleável,
equilibra no gesto
o metal de nossa
dor.*

GADO

*Silenciosos
sobre a campina
rasa,
estão os bois
em suas mortes
ruminando
o pasto
e o inverno
que não há.
Onde estão, tudo
é equilíbrio
e transparência
exata
da fome
e do que, gasto,
se finda.
Consumindo-se
ao sol
desta campina
estão os bois
alimentando-se
do que há
em si
e a morte
não pode
ainda
devastar.*

RIOS

*Agora
seriam os rios,
se os seus
leitos
não estivessem
secos.
Seriam os rios
se as mulheres
não pusessem
o óxido
do sujo
da roupa,
ou dos corpos
do tédio,
ou do medo
que a estiagem
faz
na calma
das águas.
Se houvesse
os rios
que os pássaros
festejam, que os dias cumprem
a colheita
certa
do inverno
nas vazantes.
Se houvesse
os rios
como sangue
que corre
nas veias
de cada um.*

BARQUEIRO

*Barqueiro
de rio,
barqueiro
de barco,
de farinha
e fumo.
Barqueiro
de rio,
dos rios
gerais,
dos meus
grandes rios
e de minha memória,
dos pequenos
rios,
todos eles rios
de mangues
verdes,
enseadas, mastros.
grandes rios
homem e barco,
e vela no barco
de levar farinha,
no porão escuro
escondendo astros.*

BAMBELÔ

*Tambores dormidos
em teu sangue
acordam a África
em ti.
É preciso manter
os pés livres
e o coração
bater forte
para que todo o corpo,
ágil e puro,
estue neste ritmo
que não é só teu.
Neste ritmo
que é também o teu povo,
que é a tua África,
antiga e selvagem
e não uma civilização
que não te entende,
e onde os rios
de teu sangue
correm em todas as direções,
ó meu irmão negro,
para que te amem,
para que imensamente
te amem,
como és,
puro, selvagem,
espraiando-se no canto,
África.*

DAMAS E GALANTES

(Inspirado no auto de Bumba Meu Boi.)

*Ó guardadores do Corpo de Deus
que é feito do Senhor?*

*Movimentam-se os pares,
rosas vermelhas nas mãos,
(sangue de Cristo em retalhos).*

*Espadas para guardá-lo
da cruz que já esta erguida
no cavo monte calvário.*

*Lutar por mim, por você
pelo sangue derramado,
pelo incenso, pela mirra
presentes imaginários.
Contra a fome a exploração,
a servidão do usurário.
Lutar por mim, por você
pela paz, pelo amor.*

OS
SIGNOS
& SEU
ÂNGULO
DE PEDRA.
DORIAN
GRAY.

OS SIGNOS E SEU ÂNGULO DE PEDRA -1976

Capa: Joaquim Pecego
Editora Universitária

ÍNDICE

OS SIGNOS E SEU ÂNGULO DE PEDRA

OS SIGNOS

OS SIGNOS 112

OS ÂNGULOS DO COTIDIANO 115

CANTO A JOSÉ 116

RETRATO 117

INFÂNCIA 118

A ESPERA 120

POEMA ANTIGO 120

POÉTICA 121

POEMAS DA OFERTA 122

UMA PALAVRA 124

REFEIÇÃO 125

FONTE 125

O MENINO NO MANGAL 126

A CIDADE

A CIDADE AMANHECE 128

A CIDADE VISTA DO RIO 128

HISTÓRIA DA SETA E DO ALVO 129

MANGUE 130

CARNAÚBA 131

O DESENHO DO TOURO 132

AVE 133

RENDEIRA 134

ORIGENS

ÁRVORE 138

MARINHA 139

PASTORAL 142

A CASA DO MEU PAI 144

MONTANHAS 145

PALAVRAS AO PAI 146

ELEGIA 147

AUTO DO NATAL EM QUE SE CONTA A ESTÓRIA DE JESUS NATALINO NASCIDO NUM TERRENO BALDIO ONDE SE INSTALARA UM CIRCO 148

PASSEIO NA PRAIA 150

DA QUIETUDE DOS MÓVEIS 151

MAR 152

Dedico este livro

A Luís Carlos Guimarães

e a Luiz Rabelo.

PREFÁCIO

Luís da Câmara Cascudo

Os signos e seu ângulo de pedra. O poeta é Dorian Gray Caldas. *The Picture of Dorian Gray*, de Oscar Wilde, era livro inseparável dos “letrados” da minha geração. Definição do Artista: *The Artist is the creator of beautiful things*, quem impõe a beleza no que realize é um Artista “Criador de coisas bonitas”. Hoje, o critério funcional da beleza é a angustiada pesquisa através do grotesco, como sugerira Goya e os esquizofrênicos geniais, cismando nos pavilhões psicopáticos.

Dorian Gray, o nosso, é pintor, escultor, poeta. Em tudo deixa um balo de beleza autenticadora. Um artista. E, como o infante navegador, Dom Henrique, poderia usar a divisa: *Talen de bien faire...*

Releio Os Signos e seu Ângulo de Pedra.

É uma ressurreição de sombras, de fantasmas queridos, movimentação de imobilidades sentimentais, um mundo vivo para Dorian Gray, tecendo a renda linda com fios que o tempo faz.

Revivo, na perspectiva lírica, que é a mais legítima de todas as dimensões ajustadoras da percepção, esses signos e os ângulos da visão sedutora, andança nos rios dos meninos, a igreja do galo, tropismo de vegetais, e a vida iguais; Sete palmos que nos caberá, e a doce monodia saudosa:

De um tempo sem memória

-- fechada a casa

e recuada a porta --

a casa de meu pai

se faz,

com frutos e jardim

antes e depois de mim.

Esse menino solitário, calado caçador de caranguejos no domingo fluvial, o menino no mangal, é uma alma telúrica, esparsa e devota da paisagem milenar da Terra, é a ela que reconheço, o meu maior parentesco, fiel, inarredável, enlevado.

Compreende-se que Dorian Gray, pintor e desenhista, enfrentando a composição abstracionista, a idealidade mais irreal, tenha a vocação pictórica pela realidade brasileira, incapaz de deformá-la mutilá-la, sob pretexto de interpretação pessoal. Esses sentimentos, profundos, obscuros, radiculares na permanência mental, ascendem no impulso irresistível da espontaneidade, constituindo uma anticlinal, uma figura coletiva, palpitante e lógica, na personalidade do Artista, *the creator of beautiful things*.

A emoção duplica os temas da modelagem impressionista, numa diplopia geradora de imagens de assombro e verdade:

A Cidade com seu casario repete-se dentro do rio.

Os Signos e seu Ângulo de Pedra será, decorrentemente, um livro sempre dos nossos e dos futuros dias, amanhã e ontem, vibrante, amoroso, recriador, real e mágico.

Como dizia Antonio Nobre:

*Lede-o e vereis surgir do poente
as idas mágoas,
Como quem vê o sol sumir-se,
pelas águas,
E sobe aos alcantis para o
tornar a ver!*

OS CLAROS SIGNOS DE DORIAN GRAY

A essencialidade da poesia de Dorian Gray Caldas consiste na coerência a uma linguagem poética, de clareza e transparência, conjugada nos dois primeiros livros – “Os Instrumentos do Sonho” (1961) e “Campo Memória” (1966), – e com seguimento neste último, “Os Signos e seu Ângulo de Pedra”, agora publicado pela Editora Universitária. Consiste do caminho que se impôs percorrer, nunca o atraiu o artifício – em regra passageiro – de modismos e experimentalismos formais.

Entre o contemplativo e o subjetivo, nas variantes de um temário de solidão, intercorrente entre o acentuado lirismo e os tons elegíacos de “Os Instrumentos do Sonho”, o poeta contrapôs em “Campo Memória” uma abordagem do telúrico, que constitui a quase totalidade do livro, serializando uma memorialística da terra, de profundas raízes nordestinas, num inventário de rara agudeza poética de uma experiência de vida, que marcou sua infância e se projetou com um sentimento de permanência no adulto.

Acrescente-se, no entanto, que as vertentes da poesia de Dorian Gray sendo as mesmas, contíguas e confinantes, ele não procurou beber de outras fontes; o lirismo que foi busca de uma linguagem e conteúdo no princípio, hoje é encontro, exploração de descobridor, posse, domínio definitivo. A maturação do verso, ora longo ora curto, mas limpo, sem requinte e afetação, apurado até na sua simplicidade, é conquista do estilo poético no qual a palavra lavra semanticamente seus objetivos, quando não atua na suplementação da riqueza do poema pela sonoridade, rima e ritmo dos vocábulos utilizados.

Isento de hermetismo e abuso de metáforas - tendências em fase de extinção – “Os Signos e seu Ângulo de Pedra” é poesia acima de tudo receptiva, com o dom da revelação imediata, nunca signo/enigma, de contexto do princípio ao fim, ao nível de um “Claro Enigma” drummondiano. Clareza a que não faltam densidade, transparência aliada à essência, traços representativos da potencialidade da poesia de Dorian Gray, à qual se pode aplicar a epígrafe de Dilthey, de que “os poetas são os órgãos de compreensão da vida e a incompreensão da vida revela-se em não se saber o que é poesia”.

O livro reúne poemas de várias datas, alguns mais antigos, outros mais recentes. Como exemplo, veja-se o sabor clássico de “Poemas de Oferta”, alternando com a modernidade de “Refeição”, de verso curto e palavra seca, de função quase visual, todos, entretanto, de hoje, de agora, de sempre, a demonstrar que se não existe um espaço para a poesia, muito menos haverá um tempo para a poesia, e que se o poema não envelhece “*el futuro se llama ayer*”, como enfatiza o verso de Pedro Salinas.

Deste poeta não se dirá que, de título para título, pela ausência de intensidade e consistência no que produziu, mesmo acumulado diminuiu ao invés de somar, dispersando ao vento do tempo a unidade que poderia emprestar conjunto à sua poética. Sendo adesão e compromisso com a beleza, e sobretudo testemunho, sobre “Os Signos e seu Ângulo de Pedra”, vale a citação de Jorge Guillén – “Esta poesia es eso: un mundo profundamente acompanhado por una alma”.

Luís Carlos Guimarães

Novembro de 1976

OS SIGNOS

Os Signos

I.

*A pedra resiste
ao horizonte e aponta
(ponta de lança)
caminhos a seguir
por sobre os montes.
De pedra saliências
agressivas, serenadas,
a brasa, a chama, o horizonte
em planícies aclaradas.
Enquanto na ponta
cada pedra
-- gume de aço, arca da porta --
permanece.
A casa sabe:
tanto nos permite
a pedra,
desde o nascimento
-- sete palmos
que nos caberá.*

II.

*Da pedra sei também
as coisas temporais.
A casa, a cidade feita
a cal, a tácita aceitação
do claro-escuro*

*entre vivos
e mortos
no álbum da família:
na pedra que os cobre
redivivos com seus vestidos,
seus retratos vivos.
Não como hoje costumamos
na câmara flash surpresa,
fixá-los de nós o ângulo
todo escuro.*

*Porque sabemos que o olhar
de frente
fere a pedra
e a verdade
que a consente.*

*III.
Da pedra eu sei
a intimidade familiar.
Trabalhada pelo tempo
se nos apresenta aguda,
ambígua e resistente,
e fere nossa carne duramente,
enquanto a hora nos ronda,
guardiã
com sua fome irmã.*

IV.

*Serras que vistas
do patamar da igreja
a diferença do homem
que existe
do centro do que se veja.
Serras de pedra,
de vento e solidões,
escrita com esta grafite
de fácil reprodução,
milenarmente resiste
quando pomos nela a mão.
Nasce de seu flanco ferido
outra serra de pedra
destas pedras destas serras.*

O ÂNGULO DO COTIDIANO

CANTO A JOSÉ

*Canto um canto claro
à tua paisagem, José.*

*Canto os teus terreiros
de barro antigamente
nas manhãs de engenho,
José, menino.*

*Canto um canto claro:
pátios de igrejas,
cântaros nas cabeças
de mulheres (renascendo
nos corredores
das casas-grandes,
sombras).*

*Deponho um canto antigo
No azul, nos átrios
Da procissão dos passos,
Nos teus cansaços, José.*

RETRATO

*Vertical
de branco,
pulso de rendas,
camafeu de osso,
porte senhorial
a moça no retrato*

*Lento desliza
os fios
dos cabelos
metais
de puro sol
reverberados.*

*Pássaros não bicam
estas flores
postas em vaso
ou urna,
pontas de setas
agudas
sobre o marquesão
no desenho
do quadro.*

*O que esta além dos ferros
trabalhados
de curvaturas de sexos
deslembrados
é pretexto outonal
de claro e escuro.*

*Toda força
parte do seu ser
ambíguo,
sugestão maior que vida
nesse quadro raro.*

INFÂNCIA

*Lembro o espaço sem limites
dando sombras para o mundo.*

*Lembro a sala de jantar antigamente,
a refeição,
o espaço por onde andava
o avô, amparada sua mão de encontro
à minha mão: seus fios de visão.*

*Lembro seus olhos
que voaram do seu rosto
como dois pássaros.*

*Lembro o meu bairro fluvial.
Lembro a calçada alta,
a porta com seu batente
e o menino em frente.*

*Lembro as flores da horta
E minha vontade morta.
Sei a casa fechada,
sua entrada, a porta,*

*sua sala de morada,
círios e prantos.*

*Lembro o jardim destruído.
Lembro o pássaro roído
neste jardim,
suas plumas coloridas,
transparências antigas.*

*Lembro os frutos na mesa
sem fome que os comesse.*

*Lembro a almofada bordada
Com letra dourada.*

*Lembro a lua de agosto
e os seus halos de metal.
Lembro o menino que fui
na paisagem consumida
na sua infância ferida.*

A ESPERA

*A espera que nos torna amargos
prepara o fruto e a flor
na hora exata
onde nos debruçamos comovidos;
onde uma criança equilibra os arcos da tarde
que as nuvens e os pássaros
constroem os elementos do seu canto.*

*Todavia, propícios à presença da morte,
ousamos esquecer que esse tempo
é a única realidade
na qual fluímos despercebidos.*

POEMA ANTIGO

*Tomas de mim de repente
minha dor antiga.*

*No sol desta planície
medito a minha morte.*

*E fendem-se
os caminhos de agora.*

Pouca coisa conservei.

*Pouco tenho para dar-te
ou dizer-te.*

*Em algum lugar,
a noite se faz bela
aos olhos contemplados.*

*Em algum lugar, na verde terra,
colhe-te a primavera caída.*

*Em algum lugar, sem que eu o saiba,
Faz-se a poesia
que eu levarei comigo
irrevelada e inútil.*

POÉTICA

*Arado sulcando a terra.
Cavalos soltos no pasto.*

*Mãos cavando a terra
antiga como um enigma.*

*Vê: não podes nada,
a simples folha governa
mais que tua mão.*

*Tem mais força,
que a lâmina afiada.
A flor contra o arado,*

*a flor contra a espada,
a flor contra a tua mão:
a simples flor do chão.*

*Vê: tua mão não pode nada,
rebenta outra flor
se pões nela a mão,
mais pura, sem ódio,
sem guerras,
simples flor,
vegetação.*

POEMAS DA OFERTA

Eis que te trago um pássaro onde ardem
qual num vitral
a luz final vestida de espaço,
a cor mais pura que teu riso parte.

Intato em tuas mãos o azul se faça
do lento trabalhar da onda
de encontro aos barcos.

Aceita-o. As sombras principiam
a descer sobre os campos que vão em mim
e tecem um silêncio que o metal
de minha solidão já não resiste.

Mas, por saber-te pássaro e mais
que oferta, ainda persiste.

2.

Se mais não lhe agrada a oferta
esqueça-a; em minhas estações
a pedra e o musgo se repetem,
a mesma cor veste a mesma
solidão e a hora
sem no entanto ser a mesma;
o tempo
traz o antigo e o novo reduzidos
a uma coisa única e nunca amada.
Embora os gestos, os frutos e a paisagem,
Dádivas do tempo dissolvente,
estendam-nos as mãos sem serem astros.

3.

Para melhor ventura do momento
o antigo fez-se novo e fez-se oferta;
flauta e canção, arco e azul
nas pontes desoladas.
A presença foi amor e chão
para a quilha dos desejos.
Barco que atravessa teu corpo
ao sol e azul de mim entardecido.
Depois éramos como nunca fomos:
Paz no nosso olhar, silêncio nos campos,
onde não chegam nossas vozes
nem sabem as sombras que os pássaros
têm seus cantos.

4.

Reintegro a lembrança que há em mim
sem a paz que é seara de silêncios.
As aves dormem, cúmplices do tempo,
E a noite fere a carne
Obscura do meu ser.

UMA PALAVRA

Desce a noite.

*Suave pensar na amada
que nos espera na varanda.*

*Anda pelo ar uma calma
que o mar põe nos olhos
dos velhos marujos.*

*Humilde alguém se senta a um canto
e fica a escutar a música das árvores
e a lua que chega.*

*Há muito se foram também
coisas velhas reprimidas.*

*Por que ainda guardo
um amargo sabor de tudo isso?
Põe agora tuas mãos no silêncio
e recolhe alguma palavra
do que eu nunca te disse.*

REFEIÇÃO

*O pão na mesa,
a palavra certa,
minha língua presa.
A hora da fome,
a garganta exposta,
a palavra difícil,
a vontade oposta.*

*Essencial como a vida
o hábito do ato,
mastigar sem sentido
a natureza morta.*

FONTE

*A água jorra
generosa da boca
desta máscara.*

*Cava na pedra
do tempo, o asco
no seu arco.*

*Do mármore
entre metais
irrompem cristais:
seus gumes ardentes
de punhais.*

O MENINO NO MANGAL

A Luiz Rabelo

*Viajam na lembrança
canoas nas águas presas
no domingo fluvial.
O menino no mangal.*

*Viajam na minha lembrança
palmas de folhas verdes
contra a copa das mangueiras
por sobre a correnteza
com sua sombra vegetal.
O menino no mangal.*

*Viajam na minha lembrança
os varais nas enseadas
e os mastros dos navios.
O menino no mangal.*

*Na distância consumida,
pequenino pelo frio,
Pequenino, só e distante,
o menino no mangal.*

A CIDADE

A CIDADE AMANHECE

*A cidade fica no alto
entre os morros e os rios.*

*No exercício diário
repete a tecelã
o operário insepulto
- morto amanhã.*

*Tece o fio de algodão
no seu espaço de chão.*

*Fixa raízes, cortes, nervuras
de diversas texturas.*

*Braços e olhos se consomem
de seus múltiplos pulmões,
neste ciclo de ações.*

A CIDADE VISTA DO RIO

*A cidade se avista
de pedra edificada.*

*Plataformas despontam claras
em suas diversas áreas.*

*Cortes longitudinais
na linha dos beirais,*

*Onde cresce a vegetação
no desenho do portão.*

*Pedra como convêm
a cada um, na solidão comum.*

*A cidade com seu casario
repete-se dentro do rio.*

HISTÓRIA DA SETA E DO ALVO

*A construção da igreja
data de mil setecentos;
ali foi colocado
o seu primeiro assento.*

*Escolhido no planalto
em lugar bem alto
para que a brisa soprasse
sul e norte
nestas pedras angulares
com seus vértices
na terra
e a agulha de sua seta
apontando a serra.*

*De pedra a indicação do lugar,
trabalhada pelo vento
que sopra constantemente*

*construindo, destruindo,
elaborando o grito
do homem
que planta nesta planície
pedra, areia, granito.*

MANGUE I

*Te construo, mangue, de massas, umas planas,
outras, áridas, de relevos
pretos, brancos,
sempre com fortes contrastes;
te construo de negros átomos,
pequenos grãos de lacre.*

*Sem pincel e sem mãos,
te construo a vontade.*

*Faço-te com a plena certeza de quem
constrói um edifício,
sem portas, sem vidros, arcabouço
infalível.*

*Começo a planta baixa,
corto as terras de planagem,
sinto as tuas veias invisíveis
paralelas ao meu braço,
medito teus declives, teus ângulos
de fuga, teus planos equidistantes,
amparados em minha mão, depois*

*coloco os operários
no centro que a vida requer,
cada um ocupado em seus múltiplos disfarces.*

*Levanto mastros, velames,
invento viagens sem litorais,
peixes sem brilho de prata,
ácidos mortais, Densos como os silêncios
que habitam, sem ser de mar,
O azul galáxia
de radioativos mundos no ar.*

*Depois te humanizo
com os claros e escuros da vida.*

CARNAÚBA

*Leques despontam
Com suas armaduras de lanças.*

*Palmas curtas, agressivas,
de uma planta nativa.*

*Nas margens dos rios lentos
entre verdes transparentes.*

*A cidade se esconde
entre cortes desiguais.
A cidade não comove,
nada nela se move.*

*Repetem-se planas e curvas
as suas ruas.*

*Tropismo de vegetais
e vida iguais.*

O DESENHO DO TOURO

A Newton Navarro

*O traço diz
da armação em círculos
na qual se assentam
sobre o corpo inteiro
forças que vão do arco
da ossatura côncava
ao tornozelo.*

*Nestes círculos
-- mais que ponta ou seta,
mais que dardo arremessado —
impulsos concêntricos,
desde o casco
firme do pé
ao arco da testa,
armam-se agudos
os dois punhais
dos chifres.*

AVE

*A plumagem
veste
tua armadura
leve
de ave.*

*Da externa
quilha
de uma barca,
partem teus
músculos
de vôo.*

*O ar penetra
teus ossos,
identifica-se
às tuas raízes.
Nestes espaços
curvos
constróis
outra mecânica
de espaço:
outros círculos
de átomos
e de astros.*

RENDEIRA

*Lanças virgens,
verticais nervuras,
hastes longas
as mãos trabalham
no bordado
fios de tapeçaria.*

*Formas surgem
do tecer no plano.*

*Reflexos metais
este floral consome.*

*Crivos que os bilros
tecem
na palma de suas mãos,
na linha deste mistério
o fio não se repete
– A vida, este desenho
grava.*

*Tece, tece sua renda
criva; prende
sua estória, sua gente.*

*Tece, tece
a palma da folha verde,
e o gosto que tem o fruto
na estação sazonado.
Criva em cada fio no espaço*

*o pano da embarcação
para a viagem.*

*Sobre as jangadas na praia
e os morros no Tirol
fios de ouro sol.*

*Barravento, quilha solta,
corda, velame, lastro
fios sobre os caminhos
dos barcos.*

*No horizonte distante
criva ponto: jangada.*

*Tece, tece a rendeira
sua renda de arminhos
toda espinhos.*

*Com varais
de estender redes
e nos terços
dos rosários
fios que o tempo faz
para o diálogo diário.*

*Crivo. Ponto. Logo espaço
frustração, desespero,
desejo vão
no bordado.*

*Aranha, larva, descubro
no desenho desta renda
com alvo punho bordado.*

*Tece, tece
na almofada, lembranças
da minha infância.*

*Tece, tece a rendeira
nos fios do seu bordado
canais com linhas de metais.*

*Tece, tece a rendeira
o tempo de espumas e de rendas
do navio entrando o porto
no mês de maio ou agosto.*

*Com casario veranico,
em sua hora matinal.*

*A Ribeira portuguesa-nordestina
com seus bordados e cravos,
com frontões coloniais.*

*E para os lados do Alecrim,
o operário
no seu trabalho diário
no pátio da feira reúne
o incerto do amanhã.*

*Tece, tece a rendeira
criva, prende
sua estória,
sua gente.*

ORIGENS

ÁRVORE

Sou antigo como a terra.

*É a ela que reconheço
o meu maior parentesco.*

*Meu avô
estende-me o pulso
que termina
em sua mão
com ternura
de aluvião.*

*Navegam nas suas veias
quilhas de proas
acesas
e asas de correntezas.*

*Minha avó,
doce sombra
que caminha
nos corredores
fazendo prece
aos andores.*

*Estes são
meus ancestrais,
a minha árvore forte,
a linha da minha vida,
minha vida maior
que a morte*

MARINHA

*Com um candelabro no céu roto
esta luz de repente
o vitral ilumina onde tu
olhas as velas suspensas
dos mastros, altos, sobre
o mar recuado de minha memória no passado.*

*Entre a palma do céu e estas águas, tardo.
Teu rosto, camafeu antigo, acende,
na moldura da janela, ardências.*

*Seja o azul a porta destas águas
das distâncias, aves redimidas. Seja.*

*E o cristal das palavras parta-se,
os ventos aliciando o canto incerto.*

*Sinto o silêncio
pousando em mim teu corpo nenhum.*

*Permito-te um risco breve
de azul em minhas sombras.*

*A noite é breve, a vida nasce
de repente.*

*Escuto o teu silêncio pousado hoje.
Recomeças ao tempo a perda do que se foi
uma única vez, e já ferido.*

Sombras agora sobre o mar e os peixes.

*Mar que se debruça sobre o campo
e as árvores.*

*Todos com luz e chuva
do tempo
voltam pobres comigo.*

*Agora ao silêncio
entrego os ócios do meu canto
- o meu equilíbrio de pássaro inútil.*

*Há em ti esta calma de campo
quando baixam as estrelas.*

*Em frente ao mar a que assisto
levanta-se uma chuva marinha
de cristal e sombra.*

*Chuva antiga e de sempre,
nesta paisagem e nesta hora
invadida de inexplicável
presença e poesia.*

*Estamos sós,
como só existe no mundo o estarmos sós
junto à grande noite que se descalça
à tua porta,
na grande solidão que fecha teu
coração como nas pedras.*

*Teu coração que mistérios aprendeu?
Teu coração espera o milagre
do enigma da morte em teu corpo
jovem e fechado como um lago.*

*Águas de muitas luas
passou pelo teu corpo
sem transmutar tua realidade primitiva,
reino do meu intento
onde celebro a hora vazia
dos dias perdidos
e do pó.*

*E tudo esquecerei um dia:
o vôo dos pássaros,
teus sonhos desfeitos nas águas das estrelas,
o amor que a rosa imagina,
o vale recolhendo tua voz
- meu sonho que avança.*

*Coração lícido,
pranto seco, rio claro,
fonte pura.*

*Passaram-se dias iguais.
tenho fugido de mim?*

*Por que, noite,
teu jardim sempre fechado?*

*Viajo para o fim
que é um sempre começar
como um pássaro
que o espaço continua.*

PASTORAL

Verdes palmas.

Pedra e forma.

*Estrutura de cor
antes de ser vegetal,
palma fruto ou flor.*

*Equilíbrio de folhas
simultâneas,
Lâminas de seiva
deste paraíso
irrevelado.*

*E por sobre nós
suas agulhas de olhos
que nos ferem.*

Símbolos, símbolos.

*Plenos de razões
como um vaso de flores.*

*Puros como um clown de Picasso
sobre azul.
Linhas de plantas na paisagem.*

*Os brancos gritam. As mãos trabalham
os verdes. E os verdes repousam as águas
de seus olhos.*

Os pássaros voam.

*A argila, o verde a palma a haste o aço
da tarde.*

*Mas nenhum pássaro se esconde
nestas folhas.*

*Imagino-os nos verdes caniços
leves sombras de luz.*

*E estas folhas
feitas de pedra
infiltradas de veias.*

*Conhecer esta terra profundamente,
todos os dias surpreendê-la.*

*Todos os dias
novas formas de surpresas.
Reino.Reino.*

Torpor na minha alma.

A CASA DO MEU PAI

*De um tempo sem memória
- fechada a casa
e recuada a porta –
a casa de meu pai
se faz,
com frutos e jardim
antes e depois de mim.*

*Abro a porta que não existe
neste bairro fluvial
como coisa natural.*

*Sem ter sido na lembrança
terra e herança,
a casa de meu pai
prende o tempo na memória
do ter sido agora,
como a água sobre a flora
ou as lembranças redivivas
domadas pela vida.*

*Componho as suas paredes
de artérias invisíveis
que pulsam ainda fortes
nas minhas veias possíveis.*

*(O menino que fui nela
na infância que não tive
redescobre sua vida
com mais verdade e ferida.)*

MONTANHAS

*Sepultei antepassados
na linha dessas montanhas
que se afastam de mim.*

*Ilhargas de sombra móvel
nos lugares onde vivi.*

*Na brancura das paredes,
no lugar de minha rede.*

*Ilhargas de sombra móvel
no animal abatido
no pátio da casa-grande
do tempo sobre a calçada.*

*Ilhargas de tempo móvel
no reboco desta casa,
nesta mancha desta larva
nesta linha de montanhas.*

PALAVRAS AO PAI

*Teu filho aprende
o difícil ofício
dos adultos.*

*Recupera terras,
inventários. Cumpre
o trabalho vário,
no convívio humano.*

*Também inventa o homem
que começa todo dia,
no filho, no amigo,
no estranho.*

O homem que se faz.

E crê nele.

*Caminhamos juntos
as cercanias dos poucos bens
que nos restaram.*

*Enquanto em tuas mãos
depositadas, pai,
estavam
o futuro,
o sustentáculo, a vertigem
do teu filho amparado
no flanco do teu ombro
raro.*

ELEGIA

*Ainda falo em teu nome
avô, pai e pastor.*

*Mais lentos teus movimentos
e mais grave o doce acento.*

*A tua alma infiltrada
destas coisas naturais.*

*Fundamenta ressonâncias:
voz de pastor que canta.*

*Faz o ritmo da chuva
obliquamente mais curva.*

*Das distantes cordilheiras
as tuas veias presas.*

*Sem ter sido semente ou abrigo
faz-se maior tua vida*

Na tua morte repetida.

AUTO DO NATAL EM QUE SE CONTA A ESTÓRIA DE JESUS NATALINO NASCIDO NUM TERRENO BALDIO ONDE SE INSTALARA UM CIRCO

Para Nei Leandro de Castro

*Quando eles chegaram
às portas da cidade
já entardecia a tarde.
Fecharam-se as portas
da noite
com o sol posto.
Não ultrapassaram os muros
guardados pelos cães noturnos.
Um céu de laranja ainda
gritava seus metais de cinzas.
A dor abre a flor
do seu sexo
no nascimento do filho.
A dor é sua certeza humana
sua consciência de vida.
O nome Jesus Natalino
homenagem ao Menino.*

*Ele também teve esta palha
que mal agasalha.
Ele também teve esta estrela
igual
tão distante e fria.
Ele também teve
a pálpebra de Deus
do espaço inteiro
quando morreu.*

*Maria e o seu pedreiro
(ou carpinteiro?)
e o menino
que nasceu.*

*As lonas esfarrapadas.
mal cobrem do circo
a entrada.
Curiosos como os homens
os bichos foram chegando
para ver o menino nascido.
Foram chegando também
os homens
como depois da festa
na noite do sono despertam.
Cada um foi trazendo
alguma coisa que valha:*

*A água que às vezes falta
e o pão que a todos iguala.
Trouxeram também o vinho
e anteciparam o sangue
com outro nome.*

*Anteciparam a festa
e a morte
que a alegria
antecede.
Festejaram o nascimento
com o auto dos Santos Reis
que a tradição preserva
em homenagem
ao menino Deus.*

PASSEIO NA PRAIA

*Andando na praia
encontrei uma bota
como diria Geir de Campos
"meia adernada na areia".
E eu parei e fiquei
sem saber o que dizer
preso a uma inexplicável
perturbação:
Pensei num quadro
"as botas de Van Gogh"
pintadas por ele
e sendo dele, deformadas
pelos seus pés de aldeão
andando sob o sol
de Arles em busca de girassóis
Luminosos:
Pensei num poema de Langston
quando ele diz "que engraxou
as botas de Abel Lincoln".
E vieram de repente
numa associação de ideias
todos os negrinhos do mundo
que engraxam as botas
dos patrões.
Pensei no genial Carlitos
servindo-se dos cadarços/macarrões
de suas botas (ó andarilho
de todos os caminhos) sopa
fumegante que lhe servia de alimento.*

*Pensei em todos os miseráveis
em todos os mendigos, em todos
os abandonados de todas as cidades
do mundo. E foi devido a isto (certamente)
que eu fiquei por momentos atônito
sem saber porque aquele achado
aparentemente inútil
me perturbara tanto...*

DA QUIETUDE DOS MÓVEIS

*Os móveis da sala pensam e falam.
Escutamos suas vozes no silêncio, da sala!
Com a simplicidade do trabalho dos artesões
Os móveis guardam
Os claros sons de suas arquiteturas
Na sala.
A mesa posta de domingo
A louça branca, sons de sinos ao longe.
Os sons de sempre e ontem.
Esgrimam talheres sobre o retângulo,
do folheado da cerejeira.
Ascendem-se as flores de luz.
Festa.
Os guardados nas cômodas,
de arminhos e alvos lençóis.
Respiro essências antigas.
Aos poucos os móveis emudecem.
Apagam-se as luzes das cortinas.*

*Respiram ainda, lívidas, caladas
nos seus mistérios anímicos,
no hiato das conversas senhoriais.
Isto foi antigamente,
a lembrança permite,
e as vezes desmente.*

MAR

*Uma lembrança molhada ao sul: teus olhos.
Uma cordilheira de ferro apontando
um horizonte de luas submersas.
Origem de todas as minhas viagens.
Porto de todos os meus navios.
Tantas vezes parti. Voltei.
Este mar foi o meu caminho. Único porto.
Leões de nuvens passeavam jardins
ao crepúsculo. Falavam faluas vermelhas nos
acenos das bandeiras. Era a hora de ir.
Nenhuma âncora pesa mais que este
adeus de estátua na memória. O limite
do mar nos abandona.
Emergi das ilhas. Naufraguei nas distâncias.
Fui oceanos. O peso das águas
sobre os meus ombros.*



dorian gray caldas

**feiras
£
feirantes**

**desenho
e
texto**

**Fundação José Augusto
Natal-RN
Apoio: Embaixada do Canadá**

FEIRAS E FEIRANTES - DESENHO E TEXTO - 1982

Capa: Dorian Gray
Fundação José Augusto

ÍNDICE

FEIRAS E FEIRANTES

FEIRANTE 159

AS MADRUGADORAS 161

LIMÕES 162

AS MULAS 162

AS MÃOS 163

AS VENDEDORAS DE ABACAXI 164

VENDEDORA DE MANGABA 165

RETALHANDO O PEIXE 165

OS RETALHOS 167

A HORA DE IR PARA CASA 168

O FIGURATIVO E O TEXTUAL

“Feiras e feirantes” constrói-se poeticamente de imagens e de palavras, em rara, feliz integração do figurativo e do textual. O esforço criativo desenvolve-se em torno de um só eixo temático: a aglomeração urbana da feira livre, remota e parece que eterna manifestação da sociabilidade humana cidadina. Mas o que importa não é o convencional nem mesmo a dimensão sociológica de fato.

A transfiguração estética opera-se ao nível do humilde mistério de um universo cíclico. As imagens e as palavras estão impregnadas das atividades de organização, de implantação, de operação e, por fim, de remoção das estruturas simples em que vivem as feiras e os feirantes. Os animais fazem parte da ambiência humana: “as mulas”. Em relação a elas:

*“Toda a culpa
é útil
ao grito”.*

Mas a presença de maior força, de maior criatividade (pragmática e poemática) é a das mãos.

*“As mãos assumem
o espaço dos sonhos”.*
E, mais significativamente, o desvendamento de sua função:

*“As mãos trabalham
os fardos/pedras
os fardos/frutos
os fardos/fardos”.*

Trabalham também (por que não?) os fardos/poemas. São eles que tornam plásticos os poemas, que criam ao lado dos poemas/palavras os poemas/desenhos, que fazem com que uns não se tornem meros complementos ilustrativos dos outros mas novas dimensões de expressividade poético/documental.

É difícil não se emocionar com o livro de Dorian Gray, até mesmo pelo despojamento dos desenhos e dos textos, como ele transformou uma simples manifestação sócio-econômica-cultural popular em instrumento de contato intuitivo (e portanto sem mediações) com as criaturas operárias e com o mundo nascido de suas mãos, em que cumprem o seu destino.

A Fundação José Augusto teve poucas oportunidades de servir de forma tão construtiva aos objetivos de política cultural, que constituem a razão de ser de suas atividades, como agora, ao editar “Feiras e Feirantes”.

E este evento só foi possível graças ao apoio inestimável da embaixada do Canadá, que desde a primeira hora demonstrou profunda sensibilidade para a realização desta publicação, na pessoa do embaixador canadense no Brasil, o excelentíssimo senhor Ronald Maclean.

Espero que muitos tenham o privilégio de sentir a beleza estética e a repercussão humana deste livro que, por ser feito com muito amor, é digno de ternura que sentimos por seu universo temático e pelos seres que nele habitam.

Natal, março de 1983

VALÉRIO MESQUITA

Presidente da Fundação José Augusto

FEIRANTE

*Cada um na feira
faz sua parte.
O desenho revela
o contraste
de branco antes
do traço
sobre o papel
imaginário
que faço
de sentimento
o contraste
que não cabe
no flash
que não se revela
no chão da feira
na praça
na microvida
que nasce
no espaço
do pensamento.
A mão compõe
o desenho.
Surgem olhos
que nos olham
nascem mãos
que se ocupam
de dar vida
ao sofrimento
de feirantes*

*no trabalho
elementar
como a vida:
plantar, colher, entregar.
As mãos sozinhas os frutos
os fardos
que pesam.
Surgem dos pés
queimados do sol
nordestino
os dedos devorados
no risco breve
que arrisco
mais do que posso
ou do que estava
previsto.
Figuras e mais figuras
sublocados espaços
de sujas lonas armadas
neste estrito corredor
que denominamos livre
de livre iniciativa
a troca de bens possíveis
desenhadas no papel virgem
com a líquida tinta
no traço
sub-humano na forma
e semelhante
ao outro homem
que caminha
ao nosso lado.*

AS MADRUGADORAS

*Se ocupam desde a madrugada
para que não falte nada.*

*Levantam as armações
tábuas e lonas armadas
entre as paredes invisíveis
do chão.*

*Cada um conhece o que é seu
(só nos olhos contados
e nada se perde ou pertence
ao vizinho do lado).*

*Cresce o convívio que começa
de madrugada.*

*Nenhum é só nesta feira
nenhum é só neste homem.*

*Esta mão que aqui começa
na outra vai prolongada
e se ajudam mutuamente.*

*Cada vez mais aproximada
da direção sempre a mesma
da outra mão procurada.*

*Cada um faz a seu modo
a feira nos seus cuidados
do princípio até o fim
(quando dada por terminada)
a feira do Alecrim.*

LIMÕES

*O verão
em sua polpa
amargo e quente.
A cor
empresta ao fruto
a madureza.
A faca corta
em duas partes
a estação
a cada um amarga
o limão.*

AS MULAS

*Esta espera
não é de hoje.
Toda culpa
é útil
ao grito.
Toda a carga
serve
ao semi-arco
dos pesos
no equilíbrio
dos cambitos.
Envelheceram
os teus olhos*

*de negras rugas
luas noturnas.
As ancas ao sol
acendem
moscas e larvas
ao acre suor
do teu sangue.
As esporas
espantam
as manhãs
com suas
pontas
e atingem
a flor
do teu ventre.*

AS MÃOS

*As mãos assumem
o espaço dos sonhos.
As mãos resumem
as solidões.
As mãos trabalham
os fardos/pedras
os fardos/frutos
os fardos/fardos.
Conhecem as mãos
a antemanhã
do breve chão*

*da feira
o primeiro
espaço de quem chega.
As mãos conhecem
as tábuas
a lona
a armação
o múltiplo
(cada barraca
é um múltiplo
que restou
da outra feira)
na preparação,
à margem das tardes
e pregões
dos últimos, horizontes
consumidos.*

AS VENDEDORAS DE ABACAXI

*Sejam somente as palmas
e refaça-se a plantação.
Paisagem de campo
aberto
no cimento deste chão.
punhais de verdes
e colheita
na anti-safra de fruto
que a madureza
conserva*

*entre serragens
inútil.
Paisagem de campo
aberto
de verdes
punhais e fruto.*

VENDEDORA DE MANGABA

*(Na curva
dos alguidares
na arca firme
dos braços
o odor forte
dos frutos
que amadurecem
ao sol
entre as paredes
do vaso).*

RETALHANDO O PEIXE

*Corta o peixe arabaiana
fere a pele desta escama
alumínio reverberado
nos dezembros
já chegados*

*pela ponta das ramagens
dos cajueiros floridos;
pela ponta dos bordados
pelos crivos dos labirintos
pelas letras filigranadas
feitas de cal e caliça
no frontal de sua porta
no beiral de sua casa
no lençol de sua cama
no monograma.
Tempo de mar, pescaria
vento sul e aguardente
quando me for para o mar
quero ir completamente.
minha rede de arrastão
presa ao dente
na hora da precisão.
Linha forte de barbante
a minha rede suporta
cinquenta quilos de albacora.
Vou pescar onde o vento
dobra a curva do oceano
ali eu cuido
do meu rebanho.
Vou mudar o vento norte
me guiar pelo cruzeiro
para que minha pescaria
seja toda de chegada
com meu pescado graúdo
com minha barca
de volta, ao canto do mangue
de madrugada.*

OS RETALHOS

*Hora de sol forte
a tua carne
amadurece
negra
tuas pernas
curvas conhecem
a dureza
do chão.
Teus olhos guardam
o ir e vir
dos cestos,
a palma forte
das mãos,
a graça pura
e brilhante
dos retalhos
no chão.
Ao teu lado
o pequeno cesto
de roupas
e a meia-quarta
de água
da moringa.
Viras a cabeça
e o teu peito
se retesa
arco que partindo
de teu pescoço
esplende
tua graça
negra,
virgem.*

A HORA DE IR PARA CASA

*O que tem de humano
e permanente
não se esconde
nem ascende
estrela.*

Amarga nesta feira.

*Os sonhos
percebidos
são intervalos
de silêncios consumidos
na hora de reunir
os pertences
dos restos
comuns a esta hora.*

*O que restou
da implícita
esperança?*

DORIAN GRAY

**POEMAS
PARA
NATAL
EM
FESTA**



POEMAS PARA NATAL EM FESTA - 1984

Capa: Dorian Gray
Nossa Editora

DORIAN GRAY, CANTO E DESENHO

Dorian Gray Caldas, artista/poeta, tanto poeta como artista, dá-nos mais um documentário do seu trabalho sério e silencioso, naquele plano duplo em que se distingue no ambiente cultural do nosso estado. É este “Poema para Natal em Festa”, em que evoca e celebra a sua amada cidade, através do canto e do desenho.

Recriador, no sentido de sua arte, de figuras, paisagens, costumes, lendas, vivências do folclore, envolvendo a nossa gente e a nossa terra, ele se debruça aqui mais para o espaço e a atmosfera de suas origens, embora certas temáticas participem de áreas mais amplas de nosso país. Ele os vê, assim, com olhos natalenses, colocando-os dentro de fronteiras do rio e do mar, das praias e do chão que nos são privativos. Seus modelos e suas sugestões são, por isso mesmo, mais locais, mais próximos de nós, tocados das formas e das proporções do nosso cotidiano e dos nossos visuais, como respostas aos apelos encantados que desafiam mais diretamente suas concepções de artista e de poeta.

Do poeta, aliás, nada se dirá de novo, ao salientar-se a harmonia, a pureza e a emoção contida de seus versos. Do artista, igualmente, que suas linhas se definem em contornos cada vez mais finos e sensíveis, oscilando entre o sutil e o incônsútil, movido pelo seu instinto e sua verdade essencial de criador. Nele, nada de improvisado e artifício. Ao contrário, um calor humano, um sopro que vivifica, na transfiguração do real, talvez transitório, ao artístico, sempre permanente. Há como que uma corrente de vinculações e identificações, uma espécie de simbiose, um sistema de vasos comunicantes, entre o verso e o desenho, que os fizeram completar-se, naturalmente, como as faces de um díptico.

Dorian Gray Caldas, tão pessoal nos seus meios de expressão, já impôs um estilo, uma marca própria e intransferível nos quadros artísticos da província e do país (com irradiações, inclusive, para o exterior), onde significa uma fixação, um nome, uma presença, um destino.

Américo de Oliveira Costa

ÍNDICE

POEMAS PARA NATAL EM FESTA

CARTA ABERTA PARA A MUITO AMADA CIDADE DE NATAL 168

TOCADORES DE CÔCO DE RODA 193

CRÔNICA PARA O REI COROADO 194

CONGOS 194

FESTA DA LIMPA 196

O MANGUE 197

O ENGENHO 198

O SANGUE HERDADO 199

DO CONHECIMENTO DE JOSÉ ANTÔNIO 200

A VERDE MEDIAÇÃO 202

CARTA ABERTA PARA A MUITO AMADA CIDADE DE NATAL

*Uma cidade tem difícil exercício.
De amor precisa.
Fechada está sempre
a sua porta
aparentemente em festa.
Uma cidade, mesmo sendo Natal,
não é só pedra e cal,
ouro e sol
na curva do seu sexo
de mulher/criança.
Uma cidade é como uma concha marinha
quando tocada abre suas
mil pétalas oceânicas.
Uma cidade sobrevive, mesmo violentada,
mal dirigida,
mal planejada.
Mas de amor precisa,
mulher e amante
até não ter mais o gozo que a sacia
nem o sangue que a inicia.
Uma cidade como Natal,
que já foi “vale ameno entre coqueiros”,
serestas nas noites quentes,
acácias amarelas
espadas verdes de suas mangueiras;
Ita do Norte
soprando a cinza do seu motor
bombeando cardioclaudicante*

*o rio;
ou a flecha de suas ioles
cortando o lençol da água
amanhecida;
bandeiras da Procissão dos Navegantes
saindo do Canto do Mangue,
toda enfeitada de flores
dos quintais das Rocas;
cantigas das rezadeiras
do alto da Limpa
abrindo os lábios da rua
com o seu sorrir, a rua;
do Náutico Sport Club
avistando-se o cemitério Holandês
coberto de gramínias
crescendo ainda.
– Tudo é passado?*

*As flechas dos índios festejavam
os sinos dos portugueses?
a pólvora / mancha no azul
assustava
o nativo
fugitivo?
Do seu antigo domínio
o sino ainda anuncia
navio entrando no porto.
Sol morto?
Bandeiras do sinaleiro
alegria dos visitantes
mastros nos altos gageiros
fandangos?*

*Violões de Eduardo Medeiros,
praieiras de Otoniel,
saudades de Branca
e Itajubá?*

*Vozes de ontem,
cantai,
ainda se avistam "terras de Espanha
areias de Portugal"
nos seus quintais?
O passeio na calçada,
meu avô com os seus filhos (onze)
contando estórias fantásticas
meninos fantasmas
portões de cemitérios
engenhos mal-assombrados,
caminhos que nunca voltam
à mesma estrada.
Dezembros de luas mortas
nos beirais dos casarios.*

*E novamente o pátio,
o entreposto do Paço
com seus pregões e seus tipos;
a mulher das ervas bentas,
meia garrafa, o Conde, Barrão
setenta,
Dona Joaninha das rendas
cabraia, Maria mula manca, cuíca, o leproso.
Os alfinins, lírios de açúcar,
os doces secos com cravos,
os beijus brancos nos cestos;*

*as falas todas de ontem
numa só fala de hoje.*

E os seus poetas

líricos

e os seus poetas

tísicos?

E os seus poetas

glosadores,

trovadores,

parnasianos,

de laço solto

chapéu / palhinha

e os versos de doze sílabas (passos de leão)

metrificados, rimados

perfeitos.

Onde estão eles?

Otoniel, Ferreira Itajubá,

Gotardo Neto, Palmira, Auta, a poeta triste,

e o Jorge,

o modernista?

Com seus poemas visuais

surreais

regionais?

No velho Magestic? Nunca mais.

e o Royal Cinema

com sua crônica histriônica

que todos nós conhecemos

de começar a sessão

com tudo que tinha direito

(e respeito)

*a esposa do Coronel Cascudo,
no tempo de Jorge Palito
e Genoveva Garcia
que acompanhava ao piano o roteiro da fita?*

*Uma cidade carece de amor
e com amor
venceremos seu duro chão
de indiferença;
plantaremos a semente
de nosso orgulho natalense.
Plantaremos uma rosa
no seu férreo coração de pedra.
Passearemos suas colinas
de mulher sempre voltada
para o mar;
dos seus meninos
nas motocross.*

*Nem é só a margem
do seu mangue
ou a marginalização dos seus morros
onde se refugiam os seus "pivetes"
mal-amados, maltrapilhos estereotipados.
Nem as camas de cimento dos batentes
debaixo das marquises dos sobrados
quando o comércio fecha as suas portas
e abrem-se as suas luzes dos seus vidros / vitrines.
Uma cidade defende-se como pode do seu invasor,
assim como do seu impostor
dos seus poetas menores que usam seu nome indevido
e de seus poetas anônimos*

*que se escondem sem motivos.
Defende-se como uma aranha
tecendo o metal
de sua teia
ou a abelha rainha
multiplicando as células de sua colmeia.
Uma cidade guarda seu músculo
debaixo de sua pele
como um rio guarda o segredo
de sua origem.
Uma cidade se aprende principalmente
a amar
num exercício diário.*

*Vi-te primeiro
e ainda não
te amava,
cidade talássica
entre o rio e o mar,
tardia nos verões,
crepuscular nas sombras longas
do entardecer
por trás do velho porto
na hora do sol posto.
Palmas verdes dos tabuleiros,
cajus vermelhos
florações eriçadas
pela brisa sul
Cal e azul.
Mas, se mereces o canto,
vais pelo rastro do navio
entre o Forte e o rio.*

*Canto as tuas praias
desertas.
Teus poetas.
Tua Igreja do Galo;
Santo Antônio,
livrai-nos do mal
nas cantorias das beatas
no átrio da Catedral.
Os trópicos te fizeram
ácida no litoral
chama e azul, penedia
todos os dias
fizeram-te também
pedinte;
nos recantos
dos teus sobrados;
os desabrigados.
À maneira das outras cidades
tens fome de afetos
e projetos.*

*Negra flor do abandono
ó densa indiferença do homem.
Quando amanhece o dia
viajam nos teus navios.
Itas do Norte partiram
para o Rio
(o Rio de Janeiro continua lindo)
outros janeiros tardios
entre a praia e o mar.
Natal, não te traí;
adolescente*

*em teus becos,
elegi tuas putas
como um príncipe
sua princesa amante,
fui persuasivo e inconstante.*

*Nunca pensei sair de
ti.*

Laço de afetos.

*O pai, na rua Chile,
de chapéu palhinha
a tarja preta
que ao tempo ainda
se usava no adereço
do braço
o laço.*

*Passos ligeiros
renasces pai
na eternidade.*

*O avó contava estórias,
madurava
nas noites mansas em flor
uma vaga secreta dor:
desta antiga tristeza
nestas noites calmosas
na latada das sombras
vagarosas.*

*Ó ofício da tarde,
na igreja de São Pedro
guardados relicários
serventuais*

*e seus segredos
de um tempo do Alecrim
com seus palanques de verdes;
ou do Baldo
com seu tanque de água
e banho
represada da Lagoa
Manoel Felipe
entre folhudas árvores
e as palhas das casas
das mulheres lavadeiras.
Registro o pintor Moura Rabello,
"Padre João Maria
a caminho da caridade".
Ó altar do Alecrim,
São Pedro,
São Luís,
filmes de capa e espada
a feira e o picadinho
tão próximos de nós
sob as tendas dos lonados
a boa talagada
da cachaça.*

*Onde estão os poetinhos,
Emílio, Berilo, Navarro;
"estão todos dormindo deitados
dormindo profundamente",
como dizia o poeta
Manuel Bandeira
nos sete palmos
de terra.*

*“Uma cidade não se abre fácil
como um guarda-chuva”
já nos dizia Nei Leandro de Castro,
o que cantou mais alto
seu amor por Natal.
E se fez merecedor
da sua cidadania
ó palavras já faladas, repetidas
como as namoradas do poeta
Ferreira Itajubá.*

*Ó falésias dos morros calvos,
“vale ameno entre coqueiros”,
ó cidade quatro vezes centenária com
seus brasões de cal e nomes
entrelaçados nos laços
dos bordados familiares.
As solteiras, ah! Se me lembro
das sonatas de Beethoven,
as irmãs Lira ao piano
deglute a saudade de outro tempo o avô.
Retretas da praça
Pio X,
Bernadete, a louca, ensaiava
passos e gestos alados
transbordam dos sons agora
remasterizados;
estórias de um nunca acabar
a cumplicidade lunar.
“Nestas noites de goma”
do poeta Itajubá
sonatas ao piano*

*o avô que os anos
fizeram o retrato de
poeta ou de profeta.
Ensina-me novamente
a contar nos dedos
as rimas do parnaso;
ensina-me o caminho da casa-grande,
teus olhos de cinza
e sombra
vêm o que não vi no engenho Mereré,
sortilégios libertados da matéria;
portão de ferro e varanda,
o rio e o canavial,
cal de brancas lembranças
no frontão colonial.
Guardados da sobremesa
na petisqueira
de vidro.
Cristo dos oratórios
carcomidos.
A larga mesa da sala
a sagrada refeição.*

*Gravioleiros florindo;
calçada alta: domingo.
A roupinha de retalhos,
o retrato do menino
onde o bolso para os guardados
a bola de gude, a carteira,
os afetos no pouco pano,
a palhinha da cadeira?
o que resta?*

*o retrato na parede
sou um outro que me espera
na distância apreendida
no retrato da família.
Se não te amasse, ó cidade
de dura pedra
e talvez não te aplaudisse
como mereces é porque
existem os descompassos
entre o que sou e a vida.*

*Viés
de coisas sabidas
de velhas cretinices
de alguns de seus filhos
ditos ilustres
que enfeiam a tua imagem
e a deslustram;
comprometem a tua imagem
nascida para devolver
a sua dignidade
inviolada,
cidade de reis.*

*Ó Clodomiro, meu tio,
marco um encontro contigo
na rua 15 de Novembro:
óculos, terno e gravata
à borboleta,
chapéu de massa,
bolero no toca-disco
vestígio do após-guerra
a mão mecânica dispara
outra canção*

*no repetido refrão;
é o amor que mata
ó perfumes de bogaris
ensina-me a amar
a casa pobre,
a luz das lamparinas,
o oblíquo chão,
a rosa da luz acesa,
a flor das nossas incertezas.
O que seria de nós
se não nos reuníssemos
em derredor dessa mesa,
a única
na casa do meu avô.
Todos estavam
presos ao laço
dos seus afetos.
Esta sempre festa
“do pão das nuvens”
do poeta;
as doces e modorrentas viagens
dos dias e das paisagens,
os tios nas tardes quentes,
baús fechados,
os janeiros chegando
pelo cheiro dos maturis
dos cajueiros floridos,
tardes de abril.*

*Os oratórios enfeitados
de papéis filigranados
à maneira das rendeiras*

*nos seus ricos bordados.
Nos corredores
da casa
dos que fizeram o convívio
estou só e ainda caminho
entre o silêncio e o ouvido.
Dos vidros das cristaleiras
num mês de março ou agosto
já se fazia abril
nas distâncias divididas
dos dois tempos da lembrança.
Ó latões de mel de furo,
ó água fria à caneca
a bíblica jarra,
a rodilha
a sede que a tudo
sacia.
A água boa da fonte
a dulcíssima fartança
do pobre;
“tá com fome, negro”
“tô sim senhor”.
“Beba água, negro”
dizia meu bisavô.
Cabelos brancos florindo
na lembrança tardia
em flor.
Um perfume de resedá
marrafá de pente fino
prendendo o cabelo
de minha avó.
Um rebanho de ovelhas*

*no vale ou à beira de algum ribeiro
entre a porteira e o engenho
recrio o teu nome inteiro.
brasão heráldica embarcação
viaja em teu nome
rabelo.*

*Das lamparinas
aos fogos
acendiam-se a luz antiga
nos vestidos da menina.
Juntos aos assados dos fogões
as negras tisanas
preparavam assombrações.
Tempo também de feira
no Paço da Pátria
e no Alecrim,
madrugadores nos fardos
dos ensacados
secos e molhados;
rapaduras nos caçuais
os moleques cabriolando,
nos lombos dos jegues mansos,
os frutos amanhecidos
nos ácidos dos dias quentes.*

*Ó quintais dos outros novembros,
ó janeiros do nunca mais,
dos teus poetas
seresteiros,
dos teus comandantes gerais
ó mestre Caldas,
no azul desses céus de porcelana*

*onde escutar seus versos
de cor sabidos
das heráldicas lembranças
de outras armorias
distâncias das danças e pastoris,
bumba-meu-boi
as marujadas
as cheganças?
Redondilhas,
primas nobres,
sestinas desses versos
que o mestre Navarro
compôs
na proa do barco Gajeiro
avistando terras de Espanha
ou de Portugal?
Surpreendo o rio
na água do Potengi,
nas aguadas das aquarelas
na folha das palmeiras
que se fizeram mais aguadas
das tuas aquarelas
guardadas por trás dos vidros.*

*A casa está em silêncio,
paredes de branco cal,
água fria da cabaça,
a avó caminha
escuto passos nos corredores,
os filhos dormem
em seus leitos
o tempo na brancura da parede
a geografia incerta*

*da saudade que me aperta
como dois fios de navalha
de minha alma deserta.*

*Aberta ao meu afeto,
cidade festa.
Linhas no papel,
o lápis e o prumo
de Palumbo.
Os becos nasceram
depois
de surpresa.
Cidade noiva
do Mestre Cascudo
na franja do mar
que a renda
da praia ostenta.
Casas de Brasília Teimosa,
favelas subindo o morro,
margens do litoral
e o coqueiral.
Navegando o rio
verdes desvios.
O mangal do outro lado
na ponta do horizonte.
ioles nas veias azuis*

*Da linha d'água corrente
domingos de sol e vento.
Ponteio de viola e
um horizonte de verdes
entre o rio e o mar*

*e as margens da preamar.
Negra rosa da noite,
o chão,
o mangue reclama
a usurpação. Do Rosário também
a pedra indica
a solidão.
Barcos no rio
antes do Paço,
espaço
do entreposto
antigo,
a feira livre
e o seu convívio.
Paço da Pátria,
sol morto
no velho porto.
Trezentos e sessenta
e cinco dias
Câmara Cascudo
vê o sol sobre o rio
sempre um outro
no sol posto.
A rosa do sol acende
lâmpadas de estrelas
nos mastros
dos navios.
Barqueiros repousam
o leque dos lemes
e as águas tremem.
Passeio no rio
e te recrio,*

*cidade festa
ao meu afeto
de poeta.*

TOCADORES DE CÔCO DE RODA

*Dentro de sons
de percussão
a vida cadencia
o passo
e o coração
prestes a saltar
(pássaro no peito)
se alegre.*

*Em círculos vão
os pares
e é festa.
Tocas de leve
a companheira
e o ventre da mulher
se incendeia
ao simples toque
do pé
- o companheiro.*

CRÔNICA PARA O REI COROADO

*José de Arimateia
(conhecido como rei de congos)
num terreiro de um quintal
nas quintas em Natal, nos idos
de mil novecentos e cinquenta e quatro,
numa noite semelhante
a esta, entre calmosa e quente,
sobre este chão, no qual muitos
dos que amávamos
já morreram; sob este céu, limpo de verão
e com o poder que Deus
permite aos homens, foi coroado
com muita cachaça e aplausos,
José de Arimateia,
morador deste lugar, boa praça, analfabeto,
sábio, e principalmente
puro de coração.
Ao receber a espada recoberta de prata
de papel e fitas com espelhos, felizes
todos nós iniciamos a festa.*

CONGOS

*Um canto invisível
renasce em teu irmão.
Mão nas
espadas
lutam pela posse
da amada.*

Ritmo de dança
contra/dança
a dança.
Arcaica flor
de antigo gesto
cavalheiro
cavaleiro;
cavalhada.
O tempo na varanda
na sacada
no balcão
na almofada
bordada.
Nas flamas
pela mão dos amantes
gestos senhoriais
à companheira.
Passeio o tempo.
Na coroação
de embaixadores
a festa se faz
mais íntima
entre a folhagem
e a lua nova.
Do fausto brilho,
o cortejo.
É festa.
Rei e Rainha
seguidos do seu
préstito
festejam o nascimento
Do menino
Deus.

FESTA DA LIMPA

*Velas no rio
anunciam o verão.
Mastros apontam
o azul.
Sobre a pele do rio
o mangue.
Da limpa passeio
a flor das barcaças
nas manhãs de alumínio.
Da Limpa
as palhas dos coqueiros
cobrem os frutos
traçam as barracas
com os arcos festejados.
É festa de Reis.
Cumpra visitá-la.
Amadurecem os frutos
ao sol verânico.
Os peixes
se vestem de ouro
nos carvões braseados.
A boa talagada
de aguardente
faz o verão
nos álcoois evaporados.
É verão.
As casas do adro
se humanizam
do amor constante*

*nos beijos dos amantes.
Estivadores
endomingados
sem vestígios
dos dias de trabalho,
bebem a noite
presa no colar
do lampadário
a igreja
barco ancorado
no alto da limpa
solta as amarras
e sem raízes
de pedra
lentamente
começa a navegar.*

MANGUE II

*Eis a vida em teu ventre
a porta das águas
aberta
o leito do mangue
em teu sangue.
A lama sobrevivida
da cidade grande.
Nas tuas margens
caranguejam crianças.
canções adormecem*

*barqueiros.
Tuas pálpebras
guardam o sono
dos mortos.
Os teus olhos conhecem
o profundo segredo
dos mortos.*

O ENGENHO

*A casa com as portas
abertas
para o mar de verde
o fartum do curral
o azinhavre dos tachos
as avinagradas tinas
os álcoois fermentados
o vôo dos pardais
o labirinto branco
a louça inglesa
o leite matinal
servido
seja.
Serenos e graves
o senhor dos escravos
fantasma
de outros tempos
começa a mastigar
a eternidade.*

O SANGUE HERDADO

*Os restos
da moenda
o lábio da menina,
cinzas.
A flor da surpresa
nos olhos presa.
O alpendre da casa
a alpercata
que não serve mais
para medir
as léguas de engenho;
as alpercatas
que dos pés
não caminham
as braças de terra;
o rosto
do morto
as moscas
no rosto,
o alpendre da fazenda
o acre sangue
deste morto
a flor da surpresa
nos olhos da menina.*

DO CONHECIMENTO DE JOSÉ ANTÔNIO

*O passo leve
ave breve
o pássaro
passo
entre espaços
do canavial
José Antônio.
O passo ave
entre caniços
verdes
das chamas verdes
destes punhais
José Antônio
no canavial.
A dança cobra
a flor do cacto
com os seus dentes
mordentes
prenúncio
e morte
no canavial.
Dente de cobra
no sangue aflora
cresce no corpo
de José.
Antônio
o sobrenome.
A morte avança
abre no corpo
ponta de lança*

envenenada.
Um sol de
aço do laço
Passarinhado.
José Antônio
por sobrenome
o nome
e o seu legado;
umas cem covas
de meia
com o patrão
latifundiário.
O seu sangue
seu sobrenome
o seu nome
José Antônio.

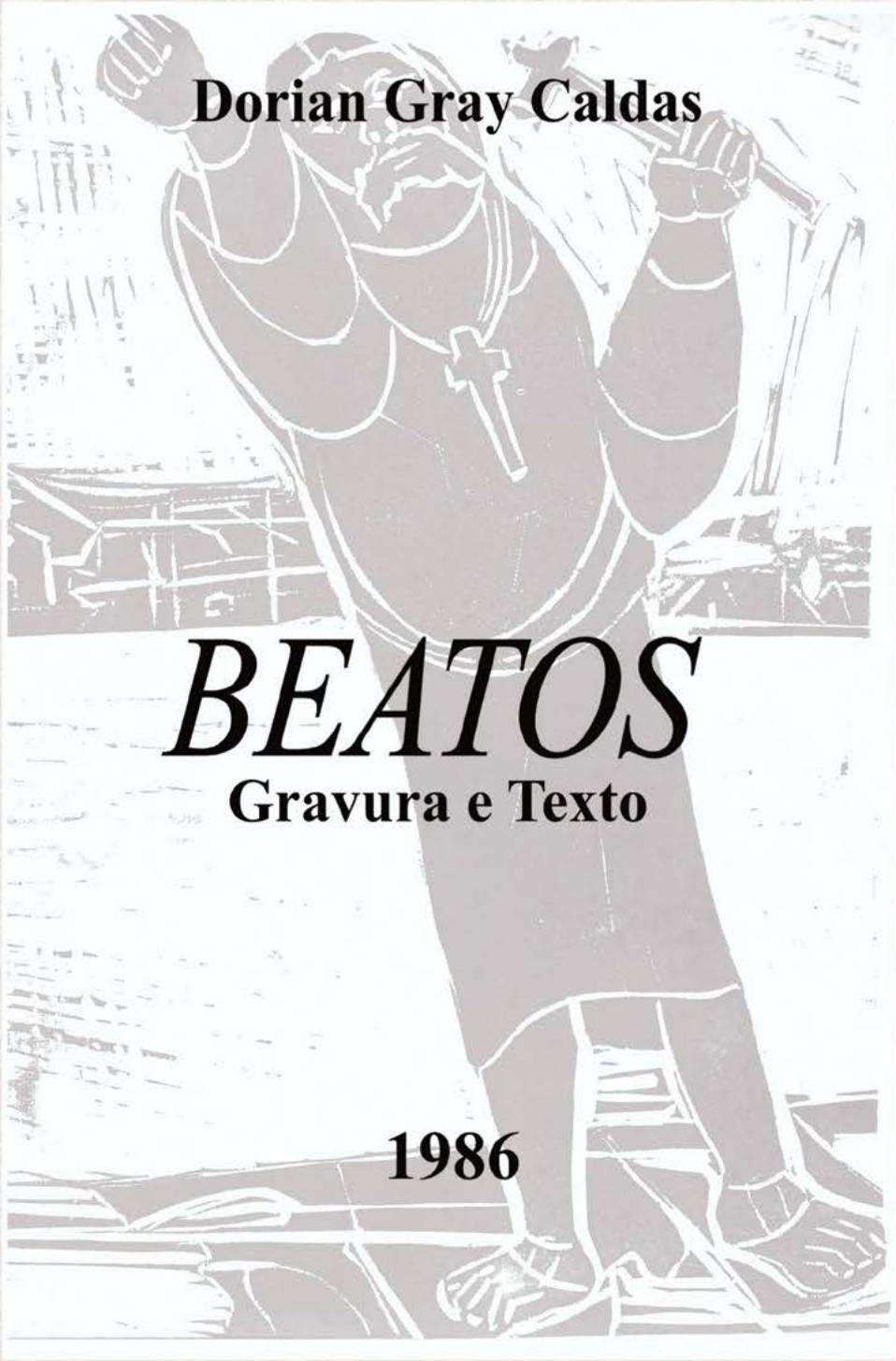
Sua vida
de poucos bens
ficou mais pobre
sua mulher
e os seus filhos
com sua morte.
Nas feiras livres
lhe deram
pela honradez
da profissão
(vendia historias
do seu cordel),
por sobrenome
Antônio.
Morto José
ficou menor

*ficou mais pobre
ficou mais só.
Na terra
que o recebeu
ficou apenas
José.*

A VERDE MEDIAÇÃO

*Não tem o corte
de cana
a mesma significação
entre o que planta
e o que colhe.
Entre um verde
e outro verde
a mediação.
Um é mais verde
e resiste
ao corte de facão
o sumo vai-se no ar
fica a nódoa na mão.
entre um corte
e o outro
aumenta a terra
a lavrar.
A roda gira
devagar
a cana entre os verdes
das folhas*

*espera a madureza.
As vozes de ontem
somem nos ecos
por traz dos montes.
As portas
do engenho
se fecham sozinhas.
O verde liberta o verde
o verde de quem o veja.
Os filhos nesta viagem
tecem nos seus rosários
acentos de sentimento.
Mais afeto
pela terra
e por tudo
que ela encerra.
Silêncio
na boca do morto
sua boca cicatriz
de um só traço
igual
por dentro
e por fora
como uma costura
na alma
onde não se veja
o avesso;
um risco de giz
sua boca
que falava
e agora
não fala mais.*



Dorian Gray Caldas

BEATOS

Gravura e Texto

1986

BEATOS - GRAVURA E TEXTO
Capa: Dorian Gray

Dedico este Álbum ao cinquentenário da
Academia Norte Riograndense de Letras

O autor

VERÍSSIMO DE MELO

Dorian Gray Caldas é artista consagradamente reconhecido e admirado dentro e fora das nossas fronteiras nacionais. Eu mesmo já assinei nota de algumas páginas sobre trabalhos seus – marinhas e tapetes – na mais importante revista alemã editada para o mundo luso-brasileiro: HUMBOLDT.

O que muitos ignoram – e a mim sinceramente surpreendeu – é esse seu extraordinário talento poético, demonstrado em narrações motivadoras de recentes ensaios gráficos.

Este “Beatos” por exemplo, é texto primoroso. Dorian Gray transfigura momentos decisivos da saga de Antônio Conselheiro, com palavras de forte expressividade e beleza poética.

Fosse outro – Dorian teria apenas aproveitado graficamente a temática de Canudos – permanentemente rica de sugestões e impressões visuais. Foi mais longe: criou texto linear, claro, luminosamente representativo da tragicidade do episódio baiano.

Vê o fanatismo por dentro. Com olhos de beato, herói e mártir. Como vê a reação aos fanáticos de dentro para fora: massacre estúpido e cruel de pobres homens e mulheres analfabetos. E tudo por quê? Pelo crime inominável de uma crença, um mito, uma fé.

Nunca se deveria matar ninguém por amor a uma crença, um mito, uma ideia religiosa. Infelizmente, quase todas as guerras explodem e se desenvolvem por esses motivos. Dorian Gray prega também o mesmo posicionamento nosso, recolhendo ensinamentos e atitudes.

Gosto muito – além de outros instantes – do episódio das rezadeiras encomendando o corpo do Conselheiro, tal como o reviveu Dorian Gray:

*“As mãos rezam e refazem
a pobre vida do morto
que em vida valia pouco
e agora não vale nada.”*

Louvo o texto de Dorian Gray, pelo seu realismo humano e pungente. É pesquisa e criação. E arte sobretudo. Arte da palavra medida e pesada no sentimento do artista, que vislumbra mais além da pura aparência dos fatos. Na alma dos heróis que morreram, ele procura a semente da verdade – que certamente ali existiu. Verdade massacrada e destruída a ferro e fogo. Sobraram as cinzas entre pedras, as quais Dorian Gray recolhe e sopra-lhes a magia de forma artisticamente superior.

ÍNDICE

BEATOS – GRAVURA E TEXTO

ANTEVISÕES DE ANTÔNIO CONSELHEIRO 212

NASCE O ARRAIAL 213

O ATAQUE 215

DISCURSO PARA A MORTE DE ANTÔNIO CONSELHEIRO 218

REZADEIRAS ENCOMENDANDO UM CORPO 220

O ARRAIAL 222

A DESTRUIÇÃO DO ARRAIAL 223

ANTEVISÕES DE ANTÔNIO CONSELHEIRO

*Os lírios do senhor
são espinhos no meu sangue
são espadas na minha carne
são cravos nas minhas mãos
punhais nos meus pés
cactos na solidão.
Aos olhos do matador
é pescaria
é linha de mira
é desfecho
em sua mão,
é tiro certo.
Aos olhos do matador
somos todos prováveis
pássaros de uma mesma árvore.
Somos todos na praça,
ou na rua, uma só presa
fácil.
O crime os redime
ou os oprime?
Aves em volta da igreja
seja
mais provável a morte
por si mesma.
Cercados pelo inimigo
montados nos seus cavalos.
Com suas armas fatais;
montados nos seus cavalos,
todos iguais.*

*Acima de nós estão?
Com suas cargas de recados
nos rifles/repetição,
pelo dever justificados
pelo dever acobertados
eles estão.
De nossas vidas dispõe
às nossas vidas
se impõem.*

NASCE O ARRAIAL

*Levantam-se paredes
em mutirão.
Armam-se as varas
da cestaria
a taipa
do chão.
Este é o lugar
a casa para morar.
Esta a meta
a porta
a festa.
De todas as partes
vieram
Para a promessa.
Nada trouxeram
que não tivessem:
a fé*

*em Deus
e no profeta.
Nada fizeram
que não pudessem
fazer
com suas mãos
e orações.
Nada deixaram
que fizesse falta;
nem a casa
ou a plantação
nem o parente
ou o descrente
nem o irmão
descontente.
Nada deixaram
que tivessem de lamentar
ou lembrar.
Só o trabalho
de construir
a tosca cruz
as vigas mestras
de mulungu
de catingueira
em corte certo.
Só reunir
no seu trabalho
mulher e filhos
chamar os nomes.
Só redimir
os seus pecados*

*pelo senhor.
Escravos.
Esta é a hora
do sacrifício
pelo senhor
rezar ofícios.
Esta é a hora
de morrer.
Esta é a hora
de renascer.*

O ATAQUE

*Nos seus cavalos
a trote,
de botas, fardões, esporas,
com suas dragonas de ouro
eles chegaram
pra combater os fanáticos
de Antônio Conselheiro.
Cercado pelos fardados,
pés descalços, pilhados, caçados,
na mira de fogo cruzado
de resistência esgotados
ainda lutam os jagunços
de Antônio Conselheiro.
Com faca de gume
afiada, espingarda
e bacamarte
sem esperanças*

*ainda lutam os fanáticos
de Antônio Conselheiro.
Enfrentam a morte no fio
da baioneta calada
que é ingênita por dentro
e por fora de cada pessoa
do seu aço traspassada.
Cada jagunço caído
neste espaço de chão
a terra logo reclama
a usurpação.
Por cima dela (são eles)
os donos
mas por baixo do chão
se igualam:
O jagunço e o beato
o general e o mestiço,
num mesmo espaço cabem
num mesmo espaço convivem.
De cima são diferentes
nas armas e nas maneiras:
os jagunços nas trincheiras
se enterram na areia
pra confundir a tropa
que do alto galopa
em seus cavalos castanhos
ou em seus cavalos baios.
Embaixo é mais seguro;
no convívio com a terra
na certeza que ela empresta
ao corpo que ela espera
e que um dia
será dela.*

*Em outra coisa também
um é do outro diferente:
e na tática de guerra:
sem ter artilharia pesada
canhão, granada, espada,
é mais fácil vencer o inimigo
dentro da mata cerrada.
Com a armadilha, a artimanha,
pegar o inimigo de surpresa.
O único preço da luta
é a campanha do Cristo.
Sertão, pedra, punhal,
xiquexique, palmatória,
facheiro, coroa de frade, espinhos.
Quando eu for para cidade
eu quero a minha patente
de tenente.
Quando eu for para cidade
vou cantar nas feiras livres
que eu fui sobrevivente
desta guerra de canudos.
Que um dia enfrentei
com valentia
os volantes do Moreira
que eu enfrentei (tive sorte)
a própria morte.
Que eu a enfrentei
(digo outra vez)
tive sorte.
De estar aqui com vocês
contando a minha história
Na estória que contei.*

DISCURSO PARA A MORTE DE ANTÔNIO CONSELHEIRO

*Sobre o peito
a tosca cruz.
A cabeça pende
para um lado
está consumado.
Nenhuma palavra
se escuta
do que estava reservado
pra falar.
A língua já não
queima na garganta,
chama.
Dentro de si
crescem raízes.
A sua voz
repete-se no eco,
nas dobras do espaço
para quem a quiser ouvir
e quem não a quiser.
Ele está morto.
Incomodava.
Cresceu dentro
de si
e transbordara.
E ainda cresce
em todos estes anos
na palavra,
por sobre a flor
do cacto*

*e em qualquer parte;
no massapê da cana
no plantio,
nos desafios.
Nos pés dos retirantes
nos avoantes.
Nos punhais dos cangaceiros
nas redes dos viajantes.
Sua voz veste os campos
desnudos,
tece o fio de algodão
do Seridó
de uma fibra só.
Veste o operário
com o brim ralo,
e os lençóis dormidos
nos varais
dos quintais.
Sua voz tece a vela
da barca do barqueiro
e a cera das velas
dos padroeiros.
São inúteis as palavras
sem o sopro
que as animava?
Inútil como um horizonte
sem uma ponte,
um barco
sem o mastro,
a cabeça de um cangaceiro
num vidro,
um anel partido.*

*O discurso se fará
inteiro:
nas asas dos carcarás
nas pontas dos punhais
na aba das serras
nas pedras;
nas palavras dos profetas
na caatinga desolada
no grito dos boiadeiros,
nos oiteiros.
A palavra se fará
como uma lâmpada
no deserto se ilumina.*

REZADEIRAS ENCOMENDANDO UM CORPO

*As mãos
se multiplicam no terço
rezado longo e corrido
nas contas do padre nosso.
Uma precisa da outra
e rezam no morto o morto
ou a morte.
Antecipação sentida
em cada pessoa viva.
As mãos no terço debulham
o trigo da palavra antiga;
rezadas na conta contada
de cada palavra contida;*

*igual a chama de uma vela
na outra continuada,
ou uma sombra no chão
do corpo continuada,
ou a própria alma do morto
no corpo procurada.
As mãos rezam e refazem
a pobre vida do morto
que em vida valia pouco
e agora não vale nada.
As mãos rezam no corpo
sua vida desgastada;
sua vida que foi vivida
por poucos bens de valia.
Seis alqueires de terra
chantadas neste verão
como os ossos deste defunto
que hoje entregamos ao chão.
sete palmos de comprido
quatro palmos de mão.
Tampouco para quem em vida
teve seis alqueires de chão.
O seu corpo encomendado
com toda glória (dizem),
pra no reino dos céus entrar.
As mãos recomendam a alma
que em toda sua vida
não soube o corpo ocupar,
alma e corpo deste morto
levados pra se enterrar.*

O ARRAIAL

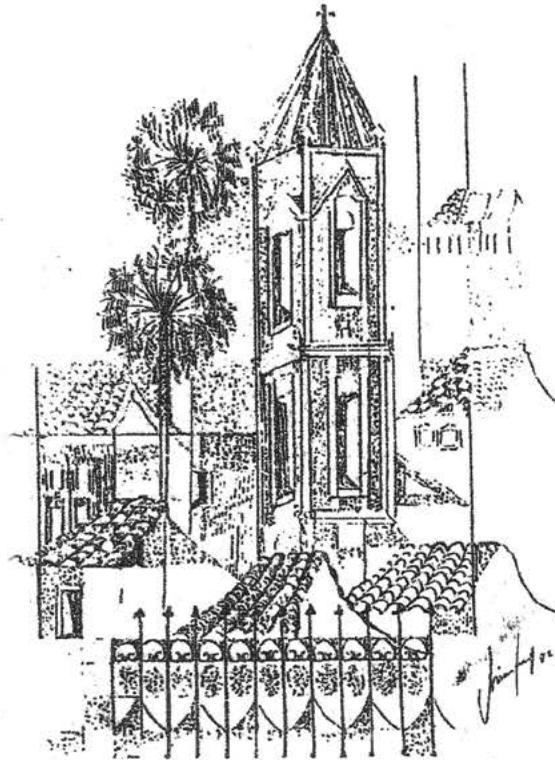
*Esta é uma fábula
de todas as partes,
eles chegaram.
Traziam poucos bens
e poucas falas.
Vieram para ouvir
e crer.
Vieram para servir
e morrer
Deixaram a terra por plantar
na entressafra da colheita
certa.
Deixaram a casa
a porta aberta
que a ninguém interessa
ocupar.
Deixaram os campos
e os rebanhos na caatinga
sempre a passar
em busca de outros pastos.
Levantaram paredes,
trançaram a palha da taipa,
vestiram estes ossos de estacas
com cal e barro,
sangue da terra
que o homem reclama.
A palavra era necessária.
A palavra essencial.
De amor vestiram as casas
e os caminhos
que levariam ao Senhor*

*os peregrinos.
E deste amor quiseram
redimir o homem
e milagres fazer
em seu nome.
Esta é uma fábula:
depois fez-se história.*

A DESTRUIÇÃO DO ARRAIAL

*Não bastava ao homem
sua morte;
era preciso exterminar
o arraial
não sobrar nem pedra.
As cinzas espalhar
ao vento
e com elas o sal
para que não renasça
a flor da ideia
neste caos.
Nem a cruz
no sertão
sirva ao morto
ausente deste chão.
Era preciso exterminar
o irmão
com a bala
o punhal, a traição.
Por quem lutava por Cristo
era preciso morrer
e renascer.*

Dorian Gray Caldas



**O ATAQUE
DE LAMPIÃO
A MOSSORÓ**

O ATAQUE DE LAMPIÃO A MOSSORÓ
Capa: Dorian Gray

NOTA DO AUTOR

Em 1981, fui convidado pelo meu amigo Carlos Augusto Rosado para realizar um mural, na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte, sob o tema “A chegada de Lampião a Mossoró”. Já antes, nos anos 50, precisamente em 1955, o mestre Luís da Câmara Cascudo havia me convidado para pintar um cangaceiro para guardar a entrada da sua biblioteca. Obra de inspiração regionalista (tão evidenciada nos anos 50), e de intenso sentimento de brasilidade. Não é preciso dizer que este convite (aceito e executada a obra), marcou definitivamente a minha carreira, então jovem estreante nas artes plásticas.

O motivo do cangaço estava desde já incorporado à minha temática, tão expressiva na pintura da época, na obra de Portinari, que ilustrava, na revista “O Cruzeiro”, fascículos de José Lins do Rego sobre o cangaço, assim como de outros artistas nacionais, notadamente Aldemir Martins, Clóvis Graciano e tantos outros que procuravam em estilos marcadamente expressionistas a temática do cangaço como fonte de informação sócio-econômica e artística, sem descaracterizar as legítimas tradições do povo nordestino.

Realizei o mural e guardei os bicos de pena. Logo depois escrevi os versos que hoje entrego ao público na íntegra, tal qual foram ditados pelo sopro da pintura ou vice-versa. Pertencem de fato e de direito à bela e heroica terra de Mossoró, que tantas vezes tive o prazer de visitar e vivenciar. Sem o contato com seu povo, ordeiro brioso e valente, jamais teria escrito esta pequena contribuição à extensa galeria de títulos da “Coleção Mossoroense”, tão bem inspirada e dirigida pelo nosso patrono perpétuo: Vingt-Un Rosado, a quem devo esta honraria.

Ao passar do tempo, enriqueci meus conhecimentos da vida pregressa de Lampião, através de livros, depoimentos, registros. Ajuizei detalhes, comparei situações, analisei opiniões. Li Optato Gueiros, Raimundo Nonato, Isaías Arruda, Pedro Augusto, Felon Almeida, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Billy Jaynes Chandler (talvez a maior contribuição ao estudo sistemático sobre Lampião), e muitos outros autores, revistas e jornais; e cada vez mais me convenço que fatores sócio/político/geográfico/ econômicos influíram determinantemente para a formação do fenômeno do cangaço em nossos sertões. Isto sem falar na índole do nosso homem nordestino, destemido e bravo, que no dizer de Billy Jaynes, Lampião era um desses temperamentos “fortes” representativos do nosso sertanejo.

Circunstâncias favoráveis ao crime e à vingança, atritos, dificuldades econômicas e sociais, despreparo policial e prepotência foram, em parte, causa e seguimento das comunidades marginais do nosso sertão.

Não pretendo neste breve registro de “Chegada de Lampião a Mossoró” enaltecer-lhe a valentia desumana nem os propósitos inconfessáveis. Todavia, não é possível, hoje, passados estes anos, apaziguados os corações, não estudarmos a vida adversa de Virgolino Ferreira e de tantos outros como fenômeno de contexto social de uma época. Portanto, este poema é um registro no qual procuro estar mais próximo das razões que fundamentaram o cangaceirismo nos nossos sertões. Longe de ser um mito, o cangaceiro é símbolo e herança das verdades sociais de uma época, que ainda hoje persiste e reclama modificações profundas e que não puderam (ou não quiseram) realizar.

LAMPIÃO DE DORIAN

Se o coronel Rodolfo Fernandes, pai de Raul Fernandes, tivesse passado, às mãos calcadas de Virgolino Ferreira, os 400 contos de seu pedido, não teria havido o susto de 1927, nem as subsequentes despesas anuais de Mossoró nas comemorações do evento.

Mas, a minha cidade teria proclamado o seu preço: 400 contos. Como Judas marcou o seu beijo de traição: 400 dinheiros.

E a minha cidade não podia ter vivido o heroísmo para a qual estava predestinada. E o meu povo, de comum, doce como pedra de açúcar, não teria provado que também na resistência armada, no cheiro de pólvora, fuzis, clavinotes, espingardas, revólveres, traves, facas, quicés e até baladeira, resiste até o fim.

A mesma gente que, no clube Ypiranga, dança bolero *Va ya com Dios*, tenta passos de foz, ginga no samba, bate os pés no compasso do “xaxado”, tocado por Lampião e Maria Bonita. Desde sempre aquele povo, o mossoroense, dança conforme a música. Nada recusa, porque nunca cede. E, se cede, na exceção da regra geral, tem respostas entaladas de raro arretamento. Tocados, desafiados, dançamos discursos, homiliais, sonetos de Cosme Lemos. Até aquele ventinho gostoso que sopra na cidade, toda tardinha, ali pela esquina que foi de Zé Menezes, a tricolor da cidade.

Dirão, decerto, ao mossoroense enxerido, que a guerra de 1927, que nada teve a ver com a batalha de Itararé, porque rendeu um defunto – Colchete – um prisioneiro – Jararaca – uma carreira – Virgolino e sua trempe – e muitos heróis (e, atentem para a singularidade, a cada comemoração da epopeia sertaneja, cresce o número de bravos e fortes e filhos do norte), vem revelando um lado ruim: muita literatura enviesada como os olhos zarolhos do capitão bandoleiro.

Alto lá. Se ruindades têm aparecido – e têm – muita coisa boa tem sido escrita. Há o livro de Hélio Fernandes. Há Raimundo Nonato. E, agora, Dorian Gray Caldas.

O meu xará (o Dorian vitorioso do Rio Grande do Norte) é homem de mil e um instrumentos desde menino. Já era assim em 1949, comecinho dos anos 50. Múltiplo. Polivalente, antes da palavra haver sido descoberta. E com uma vantagem danada: tem os dedos de Midas. O que toca vira ouro. Já o vi, com estes olhos míopes que a terra de Mossoró há de comer (e continuará com fome) pegar um punhado de areia, a catalogada, numerada e guardada nas burras secretas do Banco do Brasil, agência da Ribeira. Juro que vi. O nosso (outro grande) Newton Navarro, Di para nós que lhe queremos bem, não me deixará mentiroso.

Nas tintas, um portento. Na tapeçaria, soberbo. Poeta 45 horas em dia, quando passa ao papel sua arte, saía da frente que atrás vem gente. Que palavra solta, serena e bonita. Encaixada. Como se ele pensasse em módulos. Parecem aqueles quebra-cabeças do meu neto Dorian Jorge, xará meu e do artista e poeta. De repente, uma frase simples, um verso solto, quando se ingênuo, sem aquela eleição criteriosa, sem prestígio de palavra mágica ou da moda, surge do nada. Do nada? Nasce de uma inspiração de pureza, a serviço das finuras do artista. Alexandre Sergueievitch Puchkin, que Dorian Gray Caldas lê no original, ouvindo música de câmara russa e sorvendo vodka de boa safra siberiana, dizia que a poesia deve ser de uma simplicidade infantil, próxima da tolice.

Mas Dorian Gray Caldas não é um tolo. O único Dorian tolo que a história registra foi o de sobrenome Wilde, incapaz de resistir à devastação do tempo. O meu xará, não. É inteligente e sua poesia é água de riacho selvagem, límpida e clara, água que escorre pela serra de São Miguel.

E assim ele conta, na sua palavra, na sua visão, melhor, na sua cosmovisão de poeta, que é meio profeta, meio demiurgo, meio feiticeiro, ou bruxo, os lances todos, o desembestamento do capitão Virgolino Ferreira, a pontaria de Manuel Duarte, o sangue empapando a areia quente do chão de minha terra, o ruído dos cascos dos cavalos tirando fogo nas pedras, o silvo rápido de balas que partiam de todas as bandas, do refúgio de Rodolfo ao telhado da capela de São Vicente, da casamata da estrada de ferro à trincheira do primo Afonso Freire de Andrade, que representava na guerra de Mossoró a minha gente do Ceará – Aracati, Pereiro e Eréré.

Na poesia de Dorian Gray Caldas, a batalha sai valorizada. Até os animais saem mais folgosos. Tudo se engrandece com Dorian, tudo ganha luz com as suas iluminações interiores.

Aí está, Dorian Gray Caldas, os seus versos e o nosso caso. Se para tê-lo na bibliografia de Mossoró for preciso aguentar de novo o atrevimento dos “hunos dos novos tempos”, a gente aguenta. Tenho para mim que Mossoró resistiu, em 1927, de sabida: só para ganhar os versos de Dorian Gray Caldas.

Natal, 21.09.84

Dorian Jorge Freire

Natal, 4 de outubro de 1988

Meu caro Vingt-Un Rosado,

Recentemente, em companhia de Veríssimo de Melo, ao qual entreguei os originais do meu livro – “Beatos, uma História de Canudos”, - comentamos a subsidiosa e prestimosa contribuição às letras e à cultura que você tem promovido em nossa tão querida Mossoró e em nosso estado. Usando e abusando da amizade, chegamos a incluir mais um livro à sua prestimosa coleção: “A Chegada de Lampião a Mossoró”, livro escrito em 1981, aguardando publicação. A pretensão foi um pouco mais além e pedi ao meu xará, o Dorian Jorge, um depoimento, e a você peço o prefácio. Registro também uma carta do nosso Raul Fernandes, autoridade indiscutível em sua obra – “A marcha de Lampião a Mossoró”, de enorme valor histórico. Feita toda esta trama do bem, como dizia Cascudo, espero uma palavra do amigo para o trabalho que estou enviando numa cópia que, se não possui maiores méritos, torna evidente o de elevar o nome e os brios do heroico povo mossoroense.

P.S. Enélio é meu embaixador.

Um abraço fraterno de

Dorian Gray Caldas

Natal, 6.11.1983

Caro amigo Raul,

Iniciei a leitura de seu extraordinário livro “A Marcha de Lampião”. Inspirou-me a escrever esta minha pequena contribuição à história do cangaceirismo do Nordeste brasileiro. A riqueza dos detalhes, a veracidade das ações, o estilo impecável fundamentam a minha convicção de estar diante de um dos maiores depoimentos que já li sobre o assunto. Tanto mexeu comigo que permito-me redescobrir situações e motivos que antes não havia percebido. Enriqueci a minha interpretação da controvertida figura de Lampião. Entrego-lhe meus versos de “pé-quebrado”.

Um abraço fraterno do

Dorian Gray Caldas

Natal, 05 de dezembro de 1988

Meu caro Vingt-Un Rosado,

Acuso a recepção de sua atenciosa carta de 30/11/88. Sinto-me duplamente gratificado. Primeiro pela inclusão do meu trabalho na "Coleção Mossoroense", coleção que resgata a memória cultural do nosso estado. Segundo pelas palavras de sua carta/prefácio, sobretudo generosas e definitivas para a presente edição.

Estou providenciando junto a Gildete os itens pedidos. Comuniquei a Enélio as boas novas. Ele vai lhe escrever confirmando a data de 29 de março para o lançamento do I.H.G., com sua presença e os devidos agradados. Merecemos.

Não é de hoje que acompanho, aplaudo e admiro a sua extraordinária obra, em favor da cultura norte riograndense. Resgatando a verdade, refazendo a história humana e social do nosso povo. Um belo exemplo. Ter sido incluído em sua "coleção" já é para mim honra bastante, a satisfação plena. Ressalte-se que os bens de amizade devem ter prevalecido no seu julgamento. Espero continuar sempre merecendo a sua estima, pondo-me à sua disposição no ideal comum dos valores que acreditamos e promulgamos.

Um forte abraço,
Dorian Gray Caldas

Natal, 19 de novembro de 1983

Caro Dorian Gray, o seu trabalho, sobre a passagem dos cangaceiros em Mossoró e a resistência encontrada em 1927, é um registro excelente.

Desenhos artísticos, enriquecidos de versos, fixando eventos, revelam o talento de seu criador.

Produtividade merecedora de aplausos, que enriqueceu o nosso patrimônio artístico e literário.

Você, Dorian, é nome conceituado no país e além-fronteiras.

Parabéns.

Raul Fernandes

Dorian Gray Caldas deu à "Coleção Mossoroense" privilégio de publicar os seus versos sobre a chegada de Lampião a Mossoró.

O outro, também grande, Dorian, o de Mossoró, definiu-o portanto nas tintas, soberbo na tapeçaria, poeta de 45 horas nas 24 do dia, de palavras serenas e bonitas, encaixadas como módulos.

Raul Fernandes, com a autoridade de historiador da "saga heroica da Família Fernandes", projetou a excelência da poesia sobre a chegada de Lampião em Mossoró.

Desculpe-me, Dorian, mas o trabalhador braçal da cultura não tem nada a acrescentar ao depoimento antológico do Dorian de Mossoró e ao julgamento de Raul, na sua condição exponencial de escritor, médico, historiador, professor, a não ser o de somar um nome humilde às coisas altas e belas que os "Dorians" do Rio Grande do Norte fazem a favor da inteligência.

Vingt-Un Rosado

Caríssimo Dorian Gray,

Não como embaixador (em qualquer sentido), mas, sobretudo, amigo e confrade, ponho-me à sua disposição.

Li, de ponta a ponta, o seu trabalho sobre “O Ataque de Lampião a Mossoró”. E que ilustrações!

Homenagem, também, na prosa – permita-me aqui – a Raimundo Nonato e Raul Fernandes, dois autênticos narradores do evento.

Extraíu você, do essencial, o melhor. História viva a do cangaceiro Virgolino Ferreira, em poesia, que, justamente há 62 anos, ameaçou dominar Mossoró.

Intento frustrado, pela coragem do governante da época, Rodolfo Fernandes. E do povo bravo da terra dadivosa.

Por isso, merece publicação a sua página poética.

Vamos à procura de Vingt-Un – o samaritano maior da cultura mossoroense.

Se vontade prevalecer, o bom senso e o amor às letras triunfarão.

A exemplo de você, sempre acredito no que faço.

Quero juntar, em ramalhetes, as nossas felicidades miúdas, já dizia o mestre Câmara Cascudo, inesquecível, genial e humilde.

Um grande abraço
Enélio Lima Petrovich

ÍNDICE

O ATAQUE DE LAMPIÃO A MOSSORÓ

PREPARAÇÃO DO ATAQUE 238

CANGACEIROS ARRANCHADOS 239

AQUI FALA-SE DA MORTE DE UM INFORMANTE A CAMINHO DE MOSSORÓ 240

CONVERSA DE CANGACEIROS 241

RODOLFO FERNANDES PREFEITO DE MOSSORÓ COMANDA A RESISTÊNCIA AO ATAQUE DE LAMPIÃO 244

A MORTE DE JARARACA 248

PREPARAÇÃO DO ATAQUE

*Bate o sino
da Matriz.
Cangaceiros
vão chegando
pelo atalho.
Já venceram
a caatinga
flor de espinhos
e xiquexique.
A trote largo
vão chegando,
bandeirantes
sem bandeiras
itinerantes
sem rumos
cascavel
entre o lajedo.
Cangaceiros
vão chegando
pelo atalho.
Já venceram
serra e monte
légua e pó
pelos caminhos,
contra os muros
da cidade
as mãos nas armas
apontadas
os dedos
nos seus gatilhos,
os cangaceiros*

*vêm vindo
para transpor
os domínios
de defesa permanente
da cidade de Mossoró.*

CANGACEIROS ARRANCHADOS

*Cangaceiros conversando
fazem planos
de tomar
de uma só vez
casa, igreja, armazéns
com tudo que tem direito
aos quatrocentos
contos de réis
do pedido pelo acerto.*

*Com armas e munições
sem medo de advertências
instigado por Massilon
Lampião decide tomar
a princesa do oeste
a cidade de Mossoró.*

*Convidaram jararaca
sabino veio de graça
e tomaram a direção
da cidade de Apodi
preparação e sinal*

*de que pode acontecer
se Mossoró resistir.*

*No tropel dos seus cavalos
pelos negros canos das armas
pelas armas apontadas
pela ponta de suas facas
vão chegando os cangaceiros.*

AQUI FALA-SE DA MORTE DE UM INFORMANTE A CAMINHO DE MOSSORÓ

*Seu grito fica no ar
na hora de o matar
com sete punhais de aço
sete facadas fatais
sete punhos de punhais
sete mortes matadas
na hora de o matar:
sete vidas comprometidas
pelas sete pragas
na hora de se passar.
Desgraças e maldições
até à sétima geração.
Os punhais vão ser lavados
de bainha ao fio do corte
pra tirar nódoa de sangue
e apagar a mancha
que o sangue marca
na faca
na marca que fica no homem.*

CONVERSA DE CANGACEIROS

Virgolino:

*Vim da vida
vim da morte.
Fiz meu nome
por mim mesmo.
As marcas no meu fuzil
da ponta da faca
mostra no corte
minha sorte.*

*Fui meeiro, plantador,
capataz, agricultor,
semeei, madruguei,
fui grão, suor e enxada.
Hoje sou Lampião
cangaceiro e matador
nas trilhas deste sertão.*

Massilon:

*Da mesma sorte partilho
mas até hoje ainda estou vivo.*

Virgolino

*Fui meeiro, plantador
fui vaqueiro e morador
nas terras do meu sertão.*

*De poucas letras sabido
sei porém mandar recado
com o meu nome assinado.*

*Nunca desrespeitei alguém
que provasse ter coragem.
Aprendi com rapidez
os ofícios do sertão: ser homem
zelar o nome
honrar pai e família
e proteger meus irmãos.
Vingar a morte do pai
foi a minha intenção.
Fazer justiça
que a justiça só se faz
com as próprias mãos.
Sou Virgolino Ferreira
conhecido Lampião
com patente de capitão
prêmio que recebi
do meu padim Padre Cícero Romão.*

Sabino

*O meu crime ter nascido
com sina de cangaceiro,
trilha de muito perigo
já enfrentei sem ter medo.
Cascavel já vi morrer
antes do bote fatal,
muito cão eu já matei
com meu clavinote mortal.*

Virgolino

*Com ferro firo
com ferro serei ferido.*

*Nenhuma cova me cabe
nenhuma terá minha morte
sem que a tocaia
me acabe
na passagem.*

*Sou Virgolino por nome
Lampião pelo prenome
patente que padre Cícero
em Juazeiro me deu.*

RODOLFO FERNANDES PREFEITO DE MOSSORÓ COMANDA A RESISTÊNCIA AO ATAQUE DE LAMPIÃO

*Quem conhece esta cidade
que se abre sempre em leque
com seu vento noroeste
vadiando nas calçadas
e suas manhãs de louça
nos frontões dos seus sobrados
com seus portões sempre abertos
trabalhados pelas flores
dos seus ferros,
não sabe por que agora
se fecham estas portas,
não sabe por que agora
se fecham estas janelas.*

*Quem conhece esta cidade
suspensa do chão miragem
vista de longe
de perto poesia e sol
aos leques dos cata ventos
quem conhece esta cidade
não sabe por que agora
se guardam de rifles
estes telhados mordentes
de balas justificadas
nos arrimos de areia
pedra rolada entreposto
da resistência
ao bando de Lampião.
Quem conhece esta cidade*

*com seu rio de águas mansas
serpenteando as herdades
com sete braços de margens
não sabe por que agora
os leques de carnaúba
apontam facas.*

*Não sabe por que não desce ao rio
a canoa com o menino
com seu anzol, passarinho
beliscando a flor do rio
com sua mão separando
no lance a linha domingo azul
das duas margens do rio
onde não se mexe a folha
nem o pássaro canta
nos telhados
de onde se avistam distantes
um horizonte de verdes
e outros verdes dos montes.
Não sabe por que se fecham
estas portas e janelas
estes ferrolhos e tramelas
esquadrias de proteção
da casa, sala e portão.*

*Quem conhece esta cidade
com seus telhados lavados
pelas primeiras chuvas de maio
com a torre de sua igreja
São Vicente
(urgentemente
toquem o sino*

*Lampião já está
chegando
nas portas desta
cidade)*

*Quem conhece Mossoró
por dentro e por fora estrela
por fora concha na ostra
por dentro fruto aberto
com suas pontas de estrelas
apontadas para o cruzeiro
com seus filhos hospitaleiros
herança de seus herdeiros
sabe por que agora as pontas
dessa estrela apontam negros
fuzis por sobre os telhados
por sobre os campos plantados
por sobre a linha dos montes
por sobre os horizontes
apontam negros fuzis
da igreja da matriz.*

Da morte

*Um só ferido bastava
um só morto representava
a resistência da cidade
uma só bala matava
seja caça seja homem
a bala mata sempre
quando a caça faz-se urgente
independente das razões*

*- família, honra, dinheiro –
mata quando primeiro
atinge o alvo certo.
Justifica-se na morte.
Registre-se no ato
discuta-se ou não o fato.*

*Foi colchete o primeiro
a se expor:
escudo (pensava ele)
o seu peito fechado.
Escudo o seu sangue
e o seu punhal queimando
por dentro no corpo
espinha de sol e morte
por uma bala acertado
de Manoel Duarte.
Abriu-lhe na cabeça
uma flor de sangue
surpresa.
Todo o seu corpo
navega
num outro espaço
- o oposto.*

*Jararaca veio roubar
o que o morto não tinha
mas se tivesse
não mais lhe pertencia.
De si apenas restara
esta negra flor de sangue*

*nascida assim de repente
O bando de Lampião
fugiu para o cemitério
que era lugar mais seguro
aos mortos não faz diferença
a usurpação do seu campo.
A única diferença:
o cemitério agora
não guarda
o silêncio que os guardava.*

A MORTE DE JARARACA

*Conta a crônica da morte
de Jararaca, que depois
de preso e ouvido
seria por segurança
escortado pra Natal.
Pedi o preso pimenta
e um canudo pra soprar
seu pulmão, para sarar a ferida
que queimava a brasa viva.
A morte se apoderava
do seu corpo de vinte anos.
A saída da cidade
bem perto do cemitério
uma cova recém-aberta
aguardava o corpo
daquele que*

*foi sepultado
ainda vivo.
"Valha-me Nossa Senhora"
teria dito.
Não por medo
mas devoção pela santa
protetora dos desvalidos.
E ainda disse que "sabia
de sua hora chegada"
e chegada a hora morreria
que cangaceiro
tem a morte por valentia.
Pedro Arcanjo
um soldado
de porte baixo e perverso
com ordem ou sem ordem dada
abre-lhe a garganta
com o sabre.
Um grito surdo se ouve
por sobre a noite calada
por sobre o vento da noite
no silêncio da madrugada.
O seu julgamento
a morte.
Jararaca outra vez
procurava fugir:
rastros de cobra
na areia
sua sombra
o acompanhava
a única de si
prolongada*

*e que não
o abandonara.
“Toda vez que respirava
o sangue lhe vinha a boca”.
Ferido de morte estava.
O tiro de Manoel Duarte
como “um coice de cavalo”
lhe acertara no peito.
A morte foi lentamente
tomando todo seu corpo.
Foi levado para a cadeia
e também ferido na coxa
Jararaca já estava
metade morto.
Defronte do cemitério
no outro dia marcado
com pretexto de julgamento
teve morte de cobra:
morte de faca e pancada.
Nesta hora o bando
de Lampião, deixava
para sempre
as terras de Mossoró.*

DORIAN GRAY CALDAS

ENCANTADOS



**LENDAS & MITOS
DO BRASIL**

ENCANTADOS - LENDAS E MITOS DO BRASIL

Capa: Adriano Gray

ÍNDICE

ENCANTADOS - LENDAS E MITOS DO BRASIL

- BOITATÁ 259
- VAQUEIRO 261
- PÁSSARO DO PARAÍSO I 262
- PÁSSARO DO PARAÍSO II 263
- O MINGUSOTO 264
- A LENDA DO CARREIRO CAÍDO 265
- SINOS 267
- A MULHER QUE VIROU COBRA 268
- JURUPARI I 269
- JURUPARI II 270
- TUPÃ 271
- A LENDA DO ENGENHO FANTASMA 273
- MAE-DA-LUA 274
- BICHO-HOMEM I 276
- BICHO-HOMEM II 277
- LENDA DO VAQUEIRO PERDIDO 278
- CABELEIRA 280
- GORJALA 281
- ANHANGA 283
- O BOTO I 285
- O BOTO II 286
- MÃE D'ÁGUA 287
- MAL-ASSOMBRADO 288
- CAIPORA 289
- ANTÔNIO DAS MORTES 290
- QUIBUNGO 292
- LABATUT 293
- EMANJÁ 294
- ALAMOA 296
- URUTAU 297
- MAPINGUARI 299
- ASSOMBRAÇÃO 300
- PAVÃO MISTERIOSO 301
- CURUPIRA 302
- LENDA DA BURRINHA DE PADRE 303
- KUARUP 304
- CABEÇA ERRANTE, LUA 306
- O NEGRINHO DO PASTOREIO 307
- A PISADEIRA 309
- CANTO EM LOUVOR A UMA NAÇÃO INDÍGENA 310

INTRODUÇÃO

“Toda a historia de um povo

já está na mitologia”.

Shelling

DA NECESSIDADE DO MITO

O que seria o mito? Ou melhor, o que é o mito? Conhecemos os caminhos que nos levam a ele; podemos estudá-lo de inúmeras maneiras e manifestações; atribuir-lhe virtudes e defeitos; ampliá-lo em nosso universo artístico, cultural, filosófico, metafísico, sem jamais esgotar-lhe o conteúdo, o núcleo energético, pois o Mito tem uma autonomia própria; síntese de toda práxis, de toda a averiguação no tempo e no espaço. No dizer de E. Cassirer, “o Mito não surge apenas de processos intelectuais; brota de profundas emoções humanas.” [1] A sua complexidade reside principalmente na dificuldade de racionalizá-lo, de torná-lo lógico, complexidade que o viabiliza em sua origem, da qual nos fala Adolpho Crippa, concluindo que ele “propõe os modelos primordiais de todas as formações culturais”. É justamente neste conceito de cultura que F. Nietzsche acrescenta: “o valor de um povo – e também por certo, o de um homem – se mede principalmente por esta faculdade de poder imprimir em todos os momentos de sua vida o selo da eternidade”.

Esta capacidade, que é o “poder póstumo de estimular atividades”, preconizada por Goethe, esta preocupação ontológica da cultura de um povo e a sua perspectiva dentro da história; é para o artista, o poeta, o escritor, a busca incessante de estímulos, visando às origens, “estimulando atividades”, interpretando-as e até modificando-as, na tentativa de, resgatando o passado, criar para o futuro as perspectivas fundamentadoras do processo cultural. Sabemos que cultura e civilização são coisas diferentes e que ambas necessariamente trabalham para a mesma finalidade: o homem, um povo que não respeita as suas tradições, sua formação antropológica, seus mitos, crenças e costumes, não merece ser estudado nem tem abrigo na hierarquia étnica de outros povos. Sejam quais forem suas origens, só podemos defini-lo culturalmente pelo conhecimento de sua autonomia mítica. E. Dammann pondera que “há diferença essencial entre a consciência do homem primitivo e a do homem civilizado. A diferença consiste em que o primitivo está em si mesmo, no conjunto de seu meio; dele faz parte e vive perfeitamente dele e nele”, e mais adiante: “tudo isso é diferente para o civilizado que não vive do todo nem de todo. Desta forma o primitivo está em um grau anterior da evolução histórica. Está próximo das origens”. [2]

O mito está no cerne, na “unidade primordial da vida” de que fala L. Frobenius, portanto, indispensável à compreensão de todo fenômeno. No conceito de Pettazzoni, “a característica particular dos mitos das origens não é a de fornecer uma explicação intelectualística do universo” [3], e sim o de ampliar as probabilidades infinitas da criação, procurando nesta averiguação configurá-los de maneira “ideal” para nela e com ela sobreviver nos seus símbolos. O mito propõe, desta maneira, “os modelos primordiais de todas as formações culturais”, na concepção do escritor Adolpho Crippa. Quando estudamos as nossas lendas, nossos mitos, estamos aprofundando a nossa consciência mítica, o que se diferencia de quando estudamos a história dos povos e sua civilização; sendo civilização conceitualmente dessa história. Diz Jean-Pierre Baiard, no seu livro História das Lendas, coleção “Saber Atual”, p.8, que “algumas tribos da África equatorial conservam virtudes e sentidos que já não

temos". Esses sentidos estão no cerne da cultura de um povo, raça ou tribo, e pressupõe uma verdade ontológica, o mito. O sentir é próprio dessas categorias míticas. Diz Th. Briand que "cada lenda podia ter uma explicação mítica no plano de analogias e correspondências", sendo a lenda, no caso, o pré-estabelecimento do Mito. É verdade que essas correspondências ampliavam-se e moviam-se de acordo com interpretações, às quais os Mitos estão sujeitos, ora profanos, antropológicos, ora alegóricos, psicológicos, históricos ou religiosos, não importa. O que importa é o vínculo que mantemos com ele, a nossa possibilidade (embora remota) de resgatá-lo. Diz Kolakowski, "esta é a última vontade", e esta vontade, além da que nos é inerente pela teoria espontânea de Schopenhauer, só pode ser a nossa primeira e única alma.

O que mais se evidencia em nossa prioridade cultural é a fisionomia do Mito, suas características próprias em cada povo, em cada tribo, em cada estágio desses povos e tribos. Evidências que se conservam, se repetem, permanecem, mesmo tendo se afastado do modelo (ou arquétipos) presumivelmente já extintos, mas na práxis, na linguagem, nos fonemas, no inconsciente/consciente, permanecem e dão lugar a novas combinações tomadas como parâmetros civilizados, e que no fundo, na mais obscura identidade ontológica, já preexistiam. Temos em nosso fabulário, em nossa etnia cultural, exemplos que se repetem, conservados na tradição oral, no gesto, na fala, na memória coletiva como se fosse um programa genético, incorruptível, consciente e inconsciente a partir dessa memória mais antiga e mais coercitiva que nosso pretense saber. Admite Adolpho Crippa que os "Mitos oferecem o caminho único para a compreensão do sentido primeiro e derradeiro da cultura". [4] Diz Humboldt que "é um erro julgar que os povos antigos eram selvagens e bárbaros". Mas o que é evidente, em qualquer estágio do homem sobre a terra é que para onde ele se dirija, como afirmou Luís da Câmara Cascudo, "leva consigo os seus pavores".

TEMPO E ESPAÇO

MITO E IDEALIDADE

Na cultura grega, os deuses possuíam atributos divinos, apesar das suas limitações humanas. Os deuses gregos sofriam, amavam e estavam sujeitos às vicissitudes da vida como qualquer mortal. Todavia, o tempo dos deuses era diferente do tempo comum dos mortais. Sendo tempo e espaço "o próprio princípio da unidade" no dizer de Kant, e que "todo começo está no tempo e toda extensão no espaço", entre a extensão da nossa realidade interior e o tempo estabelece-se o tempo primordialmente ideal dos deuses gregos. Aristóteles considerava a inércia dos deuses uma letargia divina. O agir de maneira servil ou conseqüente pela obrigação pertencia ao comum dos mortais, à categoria do trabalho escravo. A ociosidade dos deuses era apanágio de superioridade divina. Não está bem definida a intenção desta medida do tempo dos homens e dos deuses na cultura grega, pois no Olimpo nem sempre os deuses se comportavam como deuses e nem sempre as obrigações às quais se lançavam eram dignas deles. É verdade que esta categoria aleatória dos deuses parece-me mais uma sublimidade do pensamento grego, isentando seus filhos mais ilustres das limitações às quais estão sujeitos os simples mortais.

Não se tratava de idolatria a presença de tantos deuses e divindades elegidas na cultura e na arte grega, era mais um estilo de vida, uma autonomia poética e simbólica do ideal grego. Diz Fídias que "se damos aos deuses a forma humana é por desconhecermos forma mais perfeita", é a sublimação do ser, a elevação da suprema humanização. Quanto mais nos afastamos dessa cultura, mais se evidenciam as formas simbólicas à consagração divinatória do homem. Mesmo na cultura arcaica grega, os objetos de adoração, no dizer de René Menard, citando O. Muller, a imagem dos deuses primitivos era "um sinal simbólico de sua pessoa".[5] É que nas culturas primitivas havia mais

“necessidade de consagração do que de forma”. Essa essencialidade dos deuses gregos assemelha-se ao tempo dos seres sensíveis, ou à essencialidade dos seus criadores: os poetas, os músicos, os filósofos, os pintores, os santos, os profetas, para os quais os tempos nas suas criações tem outra medida, que não se mostra na medida da hora. O traço do artista está além da abertura possível do compasso. Quando alguém cria no sentido de ampliação do seu universo sensível, está além da medida arbitrária do tempo, está interagindo no tempo dos deuses. Daí a importância que davam os gregos ao pensar divino, Aristotélico. Pensar e criar. Penso Deus, pensando. É por isso que faz-se uma distinção entre a ação e pensar a ação. Diz o arqueiro: arremesso a minha seta na medida do meu esforço. Diz o poeta: arremesso a minha seta e ela fará a curva do horizonte. Diz Kant que o “conceito de espaço se deriva por abstração”, e adotando-se a teoria de Newton de que “o espaço não é uma realidade em si, mas sim um ente subjetivo e ideal”, o tempo dos deuses ou dos mitos é, no espaço e no tempo, uma verdade ideal. Sabendo que o tempo e o espaço são conjecturas abstratas, “o próprio espaço é visto como derivado do ato de percepção”. Kant ainda afirma: “o espaço e o tempo são condições dos objetos sensíveis”. O mito é o próprio ser sensível.

MITO E PALAVRA

O filósofo M. Muller, citado por E. Cassirer, “estava convencido de que o único critério científico para o estudo do Mito era o enfoque linguístico”. [6] É com a palavra ou através dela que nos orientamos para explicar o mito. A teoria linguística da Escola Filosófica foi defendida por M. Muller e através das deformações das palavras, sons e adaptações silábicas e verbais. São conhecidos os trabalhos de H. Spencer, Heidegger, Hegel e tantos outros que se ocuparam do assunto, procurando analogias, na difícil identificação da palavra/linguagem/mítica. Diz Jean-Pierre Bayard que “é muito possível que os povos tenham empregado termos que, no curso de suas migrações, perderam o sentido”, ou adquiriram outro sentido, dando nascimento aos mitos oriundos da linguagem. Max Muller desenvolve a tese solarista e também a mudança, ou transformações que sofre a palavra através do tempo. Nesse sentido, a palavra/linguagem/palavra/mito permite o relacionamento com os sons primeiros, com o andamento das comparações fonéticas, da natureza animal orgânica e inorgânica. É através da palavra/linguagem/Mito que entendemos as associações linguísticas, e certos anacronismos de ordem permanente ainda hoje na etiologia de quase todas as línguas conhecidas. Boileau propunha uma teoria, segundo ainda E. Cassirer, verdadeira fonte da mitologia. “Através dela possibilitamos maiores relacionamentos com as vastas regiões do ser mítico. A palavra tem o poder de criá-lo, de fazer o mito sobreviver à sua própria origem. Nós criamos os nossos deuses”. A partir da palavra/linguagem/Mito, criamos o canto elevado da poesia, definimos a arte e exercitamos a dialética. E nessa ordem percorremos as variadas formas das hipóteses, formulamos fonemas, inventamos ideogramas, idealizamos o paraíso, explicamos a morte e a vida. Não fosse esse sopro balbuciente e impreciso dos antepassados, não seria o verbo o princípio, nem o Mito a nossa alma relevada.

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa iniciada com a publicação do livro “Lendas do Rio Grande do Norte”, desenhos e textos poéticos, edição da Editora Universitária, v.I, 1981. Procurei nesta oportunidade estudar os mitos e as lendas de nossa etnia cultural, passando posteriormente a interessar-me pela autonomia dos povos arcaicos, procurando melhor conhecer seus valores, as suas culturas e as revelações (talvez possíveis) de seus significados.

NOTAS

1. El mito del Eestado. E. CASSIRER, p. 55
2. Les Religions de l´Afrique. E. DAMMANN, p. 15
3. L'Essere Supremo nelle religione primitive. PETTAZZONI. Ed. Einaudi, 1957, pp. 89-90
4. Mito e Cultura. A. CRIPPA, p. 13.
5. Mitologia e Arte R. MÉNARD, São Paulo: Edameris, v.I, p. 15
6. O mito do Estado. E. CASSIER, p. 34.

O autor conservou os títulos originais das obras consultadas.

BOITATÁ

"Produto das decomposições de substâncias animais,
Boi-tatá é o fogo-fátuo, luz inquieta, incerta e fugitiva",

Olavo Bilac

*Da viva mancha
cresce
a língua de fogo,
folhagem em chama,
quanto mais densa
sua dança
dividida
com o que começa
e se finda.
Bandeira,
flama vermelha
haste acesa
nas pontas,
guerreira.
Dançarina
por ser de chama,
dança
por ser de vida.
Agressiva
por ser de dança
festiva.
Ascende formas humanas
sua viagem passageira*

*chama acesa pelas narinas desta cobra nordestina.
Consumindo sua passagem
facheiro e xiquexique,
palmatória e juazeiro,
consumindo em sua passagem
boi,
homem,
menino.
Consumindo o osso do nada
desta coivava de cinza, "deste sertão nordestino. Acesa por dentro"
e por fora,
pelos pés retirantes.
Boitatá por ser vereda
por onde passa o viajante.
Caminho por ser de cobra
caminho de caminhante.
De cobra por ser caminho,
caminho de retirante.
Vai esta cobra acesa,
oculta no próprio homem.
Esta cobra boitatá,
esta cobra retirante.*

VAQUEIRO

"No Nordeste, nas vaquejadas, corre sempre para 'derrubar', e nenhum novilho, nenhum garrote, foge à irresistível 'música' que o sacode, três vezes de patas para o ar, ao chão, entre palmas".

Luís da Câmara Cascudo

*Armadura de guerreiro:
aço, ferro e ferreiro
percorrendo os teus nervos,
vaqueiro.*

*Cavalo, boi cavalhada,
cordilheira e cavaleiro
percorrem os teus ossos,
vaqueiro.*

*Armado de laço e destreza,
derruba o boi de vencida.
Gesto de onde exercitas
o cavalo na corrida.*

*Corpo fechado a espinhos,
corpete de justo corte,
colado à pele do corpo
na hora do teu galope.*

*Cactos, cardo, cardeiro,
caatinga e caminheiro
correm em teu sangue,
vaqueiro.*

PÁSSARO DO PARAÍSO I

"Pelo canto ninguém é capaz de encontrar o Urutau
a triste "Mãe-da-Lua" das nossas matas",

Luís da Câmara Cascudo

*O que faz o pássaro
se ocupar do canto?
Dizer as mesmas coisas
que dizemos quando estamos aflitos
ou cantamos apenas
pelo canto. Triste.
Quem percebeu neste canto
do pássaro
a voz de um deus
a dizer o que nunca
nenhum de nós
ousou dizer ou
ouvirá do próprio deus
um dia?
Protegido assim o pássaro
na largura do céu
e entre a manhã e a luz
quê se propaga
(e nós à espera do milagre)
nos espaços, dá sentido
à eternidade.*

PÁSSARO DO PARAÍSO II

A verdade é como um pássaro que muda de lugar.

*A verdade é uma montanha
que muda de lugar. Só existe
na distância em que se avista:
Perto é uma paisagem de granito
um céu de erguidas pedras.
Sonhar é que faz existir a montanha
ou o pássaro que a conduz pelo bico.
Do outro lado deve haver
o verde, as ilhas do sono,
os campos deitados
no ouro dos fenos.
Ah! a embriaguês do sonho
a cantiga do vinho dentro dos tonéis.
Baudelaire sabia o fermento desses sonhos,
a alquimia desses bruxos.
O secreto segredo dos deuses.
Vem depressa, pássaro das nuvens,
leva-me contigo; faz
a minha alma aspirar ao paraíso.*

O MINGUSOTO

"Nos pátios de igreja Mingusoto vive também.
Todos sentem um arrepio frio correndo pela espinha
ao atravessar a escuridão e o silêncio".

Ademar Vidal

*Os homens dormiam na noite
o sono dos mortos. Mingusoto
desperta-os. Preside o encontro,
reza. Celebra a missa noturna
com voz lamentosa, destacada
dos sons da mata; grave
como os sons subterrâneos
dos vulcões, ou os insondáveis
movimentos das águas dentro da terra.
Mingusoto abre as portas do Carmo,
à meia-noite sobe e desce as ladeiras
com seu cortejo invisível,
mas audível, de fantasmas.
De dia encanta-se na velha torre
de ferro, do galo de São Francisco
ou no leão de São Bento.
É mais verbo
que figura
mais perto está de Deus
do que do Diabo. Todavia apavora.
É mais transparente água
que terra; mais ar que se respira*

*do que a mão que se toca.
O Mingusoto é um mito
em busca de uma alma
ou uma alma prestes
a revelação.*

A LENDA DO CARREIRO CAÍDO

*Bandeira de sinaleiro,
linho branco no altar
antes de se rezar.
Sino
manhã de dezembro,
missa de galo
no pátio
acácias florindo.
Janela de sol
se abrindo
rosa dentro da sala.
Este sino
viajando
com seu carreiro
para a igreja de Extremoz
era lírio de escuro
bronze
pelas curvas
das fechadas portas.
Na curva que segue
o caminho*

*perdeu-se nesta lagoa.
Conta a estória
que nas noites de lua cheia
se escutam vozes,
lamentos,
dobres de sofrimentos;
dentro dela aparece
o carreiro com sua carga,
suspenso das águas.*

SINOS

*Em que lugar ou natureza tenho a alma presa?
De onde vim? Como do fundo do rio não tenho
começo nem fim, não estou vivo nem morto.*

*O sino
acorda no bronze.
A tarde
se faz azul
nos telhados.
Pássaros levam
andores,
martírio de pálio
vermelho,
sangue revivido
das cinco chagas, ferido.
Na festa de casamento
é bilha, rompendo-se
veia
água da mesma ceia.
O sino no alto
estrela faz nascimento
finados
sentimentos
ritmados.
Cada palavra metal
tem sua cor
seu tom,
sua palavra de som.
Coração de amante ausente
o sino dentro da gente.*

A MULHER QUE VIROU COBRA

*Tens da cobra
a maneira de ir
conto um rio,
um peixe
na água,
uma chama.
Punhal
na garganta
do grito
do próprio tempo
no ritual
da dança
a lança.
A tua língua
toca o fruto proibido;
espaço de um Deus
entre dois
paraísos.*

JURUPARI I

“O nome de Jurupari quer dizer que fez o fecho da nossa boca. Vindo, portanto, de iuru boca e pari aquela grade de talas com que se fecham os igarapés e bocas de lagos para impedir que o peixe saia ou entre”.

Stradelli

*Tu, substância dilacerada,
asas que tremem dentro dos meus olhos.
Pássaro ou homem?
Tu, pedra edificada num tempo sem memória.
Tu, terrível, ignoto, armado de círculos de fogo
cingido de anéis de sol, inumerável.
Som das primeiras sílabas do mundo,
canto da primeira voz na terra.
Gesto de mãos tateando o vento.
Ardiam as chamas do perfume
nas rosas sem nome.
Existias. Antiguíssimo. Profundidades.
Junto aos grandes vales, nas grutas desertas
das raízes da terra, na galharia alta
que subia para a lua verde, lançaste o primeiro
grito de dor.
Rítmicos tambores fizeram a primeira dança.
O primeiro espasmo despertou o teu ser.
Pela primeira vez, percebeste
que eras um homem.*

JURUPARI II

"Se porém os Tupis não adoravam a nenhum Deus, não deixavam de temer supersticiosamente a influência de mais outros entes malignos, a que davam os nomes de Anhangá, Jeropari, Curupira, Caipora e outros".

Varnhagen. História Geral do Brasil, tomo 1, 2. ed.

*Não se aninha o bem no peito dos deuses
Nem o guarda em cofre como pedra
resplendente.
Este sentimento os deuses não conhecem.
Conhecem a face do ódio. O poder das decisões.
A justiça cega.
Jurupari possui esta investidura.
Esta espada da justiça.
Férreo coração de sangue
Cresce dentro de si
as árvores dos mortos. Prepara o sacrifício.
Pois sendo um deus
precisa revelar-se aos homens.
Somos os seus mortos.
Seu rosto indefinido.
Seu pé no princípio do abismo.
E quando tudo se apaga na flor da terra
somos o começo de sua eternidade.*

TUPÃ

"Tupã deus que fala pelos trovões e vê pelo caracol dos relâmpagos e raios".

Luís da Câmara Cascudo

Fala de Índio:

*Têm as estrelas
uma linguagem secreta.
Quero dizer: tenho todo o espaço
para procurá-las e quando chego lá
elas já se foram.*

*Tem o rio um tremor constante.
É que nele, vivos, estão os seres
da água, irmãos de minha origem.*

*Têm as aves do céu o ar
do primeiro dia do mundo.
Mergulho minhas mãos nas linhas
do vento, nas redes que
sustentam a terra solta
no espaço e encontro algo em ti
que não sei o nome. Ou sei o nome?
Tupã.*

*Tem o verde fechado da floresta
a cor de tua pele.
Teus cabelos são liames destas
árvores altas.*

*Teu coração bate
nas veias dos teus troncos.*

Existes?

*As bocas largas e famintas dos rios
recebem tuas águas nos invernos:
tua folhagem cresce e aponta mil folhas
de punhais verdes.*

*Os veios das pedras e das serras
são teus músculos nos fios que te vestem
Tupã.*

*Origem ingênta de tu mesmo.
Ninguém te surpreendeu o sono
ou te soprou o barro.*

*És antigo como as águas primeiras
ou a palavra que acordou em mim
a tua eternidade. Tu, pã.*

A LENDA DO ENGENHO FANTASMA

“Contudo, há no canavial oculta fisionomia:
com em pulso de relógio há incrível melodia”.

João Cabral de Melo Neto

*O sino bate
à meia-noite.
No velho engenho
a roda de moer
gira no ar.
A garganta da fornalha
grita chamuscas.
O barro dissolve
o osso magro
de ontem.
Na paisagem
abre-se a flor silvestre,
a flor selvagem.
A roda gira devagar,
para que os mortos
acordem.
No massapê
da cana
as botas do feitor
imprimem o claro-escuro
do tempo
em chão aberto.
As rosas dos ferros*

*das varandas
são rendas
dos rendimentos
da moenda.
As portas
do engenho
se fecham sozinhas.
A menina salta num
arco, dimensiona
outro espaço.
O engenho é só fantasmas
e mais nada.*

MAE-DA-LUA

"Pelo canto ninguém é capaz de encontrar o Urutau".

Luís da Câmara Cascudo

*Da sedução melhor exista
a pele deste pássaro,
na virgem possuída.
Ou esta lua urutau
se alimente
do seu corpo nu.
Grávida no espaço
passeia a lua
e está sobre nós
com suas asas curvas*

*a girar os seus círculos
de luz.
Vai no vento e assovia
o canto do urutau
corte / navalha
em nossa carne aparente.
Pássaro / lunar,
metamorfose,
mistério de mulher
na noite faz-se
de sutilezas leves
e disfarces.
O lamento
um rio entre árvores.
Os outros sons
se calam na noite
pressentindo o seu grito
de dor
contra o silêncio.*

BICHO-HOMEM I

"No fundo das matas virgens e encostas das escarpadas serras de São João das Missões de Januária, segundo lendas antigas morava o Bicho-Homem".

Manoel Ambrósio

É bicho mesmo

este homem.

Este bicho

na cerração do mato-pasto

principia o homem no bicho

neste homem encarnação

ou o homem neste bicho,

teve início.

Pode ser mato bulindo

no vento da viração.

Pode ser plumagem rara

de pássaro na folharada

ou bicho mesmo do homem

que no bicho se encantara;

alguém que morreu no mato

e não teve por caridade

quem lhe fechasse os olhos

na hora de transportar-se.

Ou trotar de algum cavalo

que o cavaleiro findou-se,

nos caminhos do sertão.

Ou é bicho mesmo do homem

este bicho

*encantado
no mato-pasto.
Cerrado.*

BICHO-HOMEM II

“De tempos a tempos sucedia que lenhadores, caçadores e meladores, amedrontados e escarreirados das brenhas e carrascais aos gritos do Bicho-Homem, alarmavam a aldeia”.

Manuel Ambrósio

*Não penso desvendar-te.
Como seria a tua face?
Vejo-me em ti.
Tem firmeza a minha convicção.
Profundidade as minhas
inquietações,
Na minha alma há longo tempo
venho perscrutando-te.
Às vezes, contigo discuto:
não és tão poderoso
que não possa prender-te
debaixo de minhas pálpebras
nem tão sábio que não consiga
atribuir ao mistério
a minha insegurança.
Todavia és mais pesado
que o meu sopro de vida*

*e nisto reside a minha certeza
de tua eternidade.
Estás além dos meus domínios.
Tudo que se passa comigo
vai até a tua profundidade
de pedra e fica
como uma luz de dura verdade,
enquanto em mim
se gastam alma e palavras
reveladas.*

LENDA DO VAQUEIRO PERDIDO

Lenda do poço onde se ergue
a igreja de Sant'Ana.

*Perdeu-se em si mesmo,
onde os caminhos
não ajudam a volta,
e os sinais verdes
não indicam o lugar,
nem o poço
a sede que lhe
vem à boca.
Teria o olhar cansado
do vaqueiro
medido a distância;
entre o monte*

*e os montes?
O vaqueiro perdeu-se em si,
no tempo
e deslebrado
caminhou na mata.
Vieram-lhe sonhos:
touros selvagens
entre as ramagens
de um cerrado espesso
com as agulhas destes
cactos e raízes destas
cobras verdes
no mafuá
o espreitam.
Sobreviveu.
Milagre de quem esteve
perdido
nas vertentes
deste poço,
onde se ergue
agora
uma igreja
em nome
de Sant'Ana.*

CABELEIRA

Fecha a porta, Rosa,
Cabeleira ch-vem
pegando mulheres.
Meninos, também.

Cantiga popular

*Rosa, feche a porta.
Feche o corpo.
Passe a trava da tramela
e o ferrolho na janela.
Cabeleira-he-vem
pegando mulheres,
meninos, também.
Apague o fogo danação,
disperse a cinza do fogão
pois Cabeleira tem
cismas de satanás
premonição
antes da morte chegada.
Cabeleira-he-vem
na canoa mal assombrada,
viajando na verde serpente do rio.
Cabeleira he-vem
pra cumprir sina de morte
que Cabeleira nada tem,
a não ser a morte
contida na sua vida.
Vai bater na sua porta*

*ouvir choro de criança,
pedir água de pote
pra matar a sua sede
que é maior
que a sua sorte,
que queima por dentro
e por fora,
na sua alma penada.
Rosa, feche a porta,
apague a luz,
não se aveche, não é nada
é só uma pancada de vento
na noite
mal-assombrada.*

GORJALA

"Alguns sertanejos contam de um grande gigante Gorjala que habita as serras, penhascos e, quando encontra um indivíduo, mete-o debaixo do braço e vai comendo-o às dentadas".

Gustavo Barroso

*Prenúncio de sua chegada:
raízes do vento selvagem traziam sílabas
soltas procurando as palavras.
Sons de metais corriam nos grotões.
As árvores estendiam suas mãos de raízes
aos altos olhos da noite.*

*Máscaras procuravam corpos vazios.
Os monstros começavam a sua ronda.
Gorjala presidia este encontro.*

*Olhos de tigre. Dentes afiados de pedra. Ossos de
branca mortalha. Armadura medieval. Gorjala.
Bandeja de onde pende a cabeça de São João Batista.*

*Bocarra de onde jorra sangue. Carvões dos olhos
do incêndio. Gorjala.*

*- Não ver-te, não pressentir-te, não saber de ti,
é desconhecer a evidência. Tudo o que se fala
ou o que se inventa, tem um fundo de verdade.*

*Ásperas são estas serras, estes cumes, estas pontas
de pedra dos sertões que apontam para o horizonte.*

Delas sai Gorjala faminto de fruto tenro e de sangue.

*Das submersas grotas, das grugueias das pedras,
dos ermos selvagens, das estalactites agudas, afia
os dentes Gorjala, perscruta o vento Gorjala,
acautela-se.*

*Sai a noite pelos ermos da mata entre as sombras
das árvores das galharias nos intervalos das
manchas da lua.*

*Cai sobre a presa, ágil como um tigre e devora-o
a dentadas.*

*Bocarra da negra boca da noite. Gorjala é o arco do vazio
que trazemos dentro de nós.*

*Sempre volta na noite de cada um.
Na brancura do dia nascente sua máscara de cinza
e de tempo se dissipa.*

ANHANGA

*“É uma paca, um pássaro.
É um morcego, é um veado...
...São essas coisas para Anhangá.
É um fado que os animais têm”.*

Lendas e Mitos da Amazônia
Ararê M. Bezerra, Ana Maria T. de Paula

*Deixa-me ir em tuas
sombras, Anhangá.
Abrir na tua carne viva
o segredo.
Que todo segredo tem
o poder que assombra.
Recolher teu sal verde
desvendar-te a natureza
de floresta,
tua geologia cíclica,
teu tempo inumerável.
Deixa-me galopar no
teu dorso de fera e de
amante.
Anhangá. Raíz dos meus*

*silêncios, mutação da minha
secreta certeza.*

*A minha certeza de não
ter certeza.*

*Há uma razão no
existir?*

*Além de nossa própria
origem, existe uma
outra origem, além do
nosso frágil ser
e nossa alma?*

*Nos espreita, Anhangá,
nos dirige.*

*Lâmina de pássaro,
asa de morcego.*

Transparência de mariposa.

*Em ti as cores são como
explosões de fogos.*

*São álcoois da alquimia
de um bruxo.*

*São bandeiras de guerra
de uma falange de deuses
bárbaros numa floresta
de sangue.*

*Anhangá, ser selvagem,
mito ou raiz de minhas
dúvidas.*

*Como posso
desvendar-te a natureza?*

O BOTO I

"Dois pescadores, de vigia sacudiram três arpões de inajá num vulto de homem que frequentava certa casa na margem do rio. O homem fugiu e deitou-se à água. No outro dia boiava um grande boto com três arpões de inajá fincados no dorso".

José Carvalho

O Matuto e o Caboclo do Pará.

*Assim corno é difícil
ser uma única criatura
em muitas me transformo,
me encanto.*

*Um deus jamais serei?
Mendigo, sim, às portas
de mim mesmo.*

*Filho do meu sangue
jamais o verei.
Anônimo no outro viverei.*

*Boto.
Visto a minha máscara.*

*Disfarço-me?
Sou teu sexo.
O incesto. O pretexto.
O pretérito. O perfeito.
O único, o mito.*

*Aquele que na noite
(em atalho, ou gruta),
revela-se.*

*Todo prazer tem sua
hora de Deus.*

O BOTO II

Não mente palavra de homem.

Cantiga que o vento leva

ouvindo-se esta viola

nesta noite enluarada.

Esta moça engravidara

do boto

sem que disso cuidasse.

Foi descuido?

Foi cantoria?

Foi sortilégio,

poesia?

Foi o boto

que a engravidou.

Com certeza foi

o boto.

Não foi conhecido

nem primo

nem amor de cama.

Foi amor de vento

e de lua,

amor raízes

ternura.

Foram carícias

nas noites

de lua cheia.

Foram desejos

raízes

de um homem

metade de homem.

Foi o boto

*certamente
que seduziu
esta moça
que por ele
se engravidou.*

MÃE D'ÁGUA

"O que prepondera em nosso fabulário é Mãe d'Água dos brancos, vinda dos portugueses e com modificações negras".

Luís da Câmara Cascudo

*Eis a vida em teu ventre
a porta das águas
abertas
o leito do mangue
em teu sangue.
A lama sobrevivida
da cidade grande.
Nas tuas margens
caranguejam crianças.
Canções adormecem
barqueiros.
Tuas pálpebras
guardam o sono
dos mortos.
Os teus olhos conhecem
o profundo segredo
dos mortos.*

MAL-ASSOMBRADO

“Havia um ponto brilhante em tua mão.
Eu tive medo de ver a tua alma”.

Joaquim Cardoso

*A valsa de repente
invade a sala.
Altas colunas
sobem das cortinas.
Dedos de pétalas
nos teclados,
repuxos de ouro
nos bordados finos.
Dançam a valsa
os fantasmas
como dançaram outrora
ao som separado
dos teclados frios.
Dançam no salão vazio
A valsa fúnebre
em seus rodopios.
São contrastes do
claro e escuro
no velho casarão
quase ruína da poeira
atomizada pela luz do gás neon
da rua.*

CAIPORA

"Nas noites de vento, do arto samambaiá,
a gente deve uns grito a meia noite. . .
É o Caipora... Deus te livre".

Cornélio Pires

*O caipora são muitos.
Não o define um só.
Desafio de caçador
exige imaginação.
Quem o viu e quem o vê
poderá me dar razão,
o caipora são muitos
nas estórias do sertão.
Ora um negrinho índio
endiabrado e franzino
unípede pulando
na selva ou no verde da reserva.
Ora montado num porco selvagem
defensor e gaiateiro
assustando o caçador
na caça das sextas-feiras.
Ou um negrinho
de pé redondo/garrafa
de um olho só na testa
olhando para todos os lados
pulando de trás pra frente
e em qualquer posição
de frente;
de frente do caçador*

*totalmente paralisado.
Tem muitas vidas
a vida do caipora
e nelas uma
estória contida.*

ANTÔNIO DAS MORTES

In memoriam de Glauber Rocha

*Disfarçada vai a morte.
Não é o cavalo
que a leva,
mas a própria sorte.*

*Caminha sobre os montes
até morrer
Antônio das Morte.
Não tem para onde ir
até o fim.
Seus dias
foram contados
no corpo
fechado
e alguém lhe fez
sentir dez dos punhais
sem o matar.
Desfez-se dos bens,
deixou a casa
e o fruto amargo*

*de seu quintal
e dos próprios filhos
com seu punhal.*

*Guardou apenas
o denso fruto
que se alimenta
de sua morte.*

*O músculo da mão
decidir quisera
a sua sorte,
mas a morte não
o quer, Antônio
das Mortes.*

*Ainda que a faca
seja mais nobre
na sua morte
a bala a fará
mais de repente.*

*Ainda que a imagem
seja mais densa
na parte
que gera o drama,
este é o homem
que vai morrer
sem nos comover.*

*Antônio das Mortes
não é guerreiro,
não é herói,
sua lembrança
será medida
pela extensão
que sua vida*

*aos outros
interrompeu.
Antônio das Mortes
não tem passado,
não tem estória
e já estava morto
quando nasceu.*

QUIBUNGO

"Negro africano, quando fica muito velho,
vira Quibungo"

J. da Silva Campos

*Eles foram chegando.
Da negra África arrancados
como se arranca uma árvore do chão
com as raízes.
Todos eles reis negros e rainhas.
Filhos de nações: Angola, Moçambique,
Congos, Benguela.
Todos eles reis. Irmãos de uma só árvore, a África.
Peito de guerreiro. Dentes de diamante.
Tatuagem de tigre. .
Assim eles foram capturados para serem escravos.
Construíram a casa branca do senhor branco.
Abriram a terra selvagem.
Plantaram hectares de fumo e de café,
cantando rituais sob os olhos e as botas do feitor.*

*Desde os tabuleiros verdes até o patamar da
Casa-Grande, cantaram seus hinos dolentes,
embalados pelas palmas das ondas do canavial.
Na moenda, irmã do boi,
fermentaram os açúcares
e avinagraram os álcoois.
Pariram as suas mulheres, negrinhas
para as camarinhas, o coito, o leite,
o filho do senhor.
De madrugada, quando um vento terral passeia
nos alpendres da Casa-Grande,
escutam-se vozes de ontem e de hoje
numa só voz, gota de ouro da garganta
da sua África distante.*

LABATUT

"Labatut é um bicho pior que o lobisomem, pior que, a Burrinha e pior que a Caipora e mais terrível que o Cão-Coxo! Ele mora como dizem os velhos, no Fim do Mundo, e todas as noites percorre as cidades, para saciar a fome, porque ele vive eternamente esfaimado. Anda a pé: os pés são redondos, as mãos compridas, os cabelos longos e assanhados, corpo cabeludo, como o porco espinho, só tem olho na testa como os ciclopes da fábula e os dentes são como presas de elefante! Ele gosta mais de meninos, porque são menos duros que os adultos".

Martins de Vasconcelos

*Interrompo na noite
o meu sono semovente
convivo solilóquio
no que fui completamente.
Punhal cortando o silêncio
espelhos, portas, metais,*

*recriado nas origens,
heranças do nunca mais.
No ombro o transeunte
um pássaro/ sangue disfarça.
No meu sono recriados
os monstros completam
a nossa íntima farsa.
Pátio de minha casa,
portão, varanda, figueira,
sobressalto e solidão
em cada sombra primeira.
Revejo-me menino
na distância intransferível
como se estivesse morrendo
em cada instante vivido.*

LEMANJÁ

“As festas de Iemanjá são oblacionais,
sacode-se alimento n’água, ora-se”.

Luís da Câmara Cascudo

*Navegas no rio
pela proa
dos navios.
Diuturna pelos
relógios
pelos sinos
madrugadora*

*pelos mastros
das barçaças
paixões
disfarças.
Pelo mangue
dos Refoles
dos igapós
nos gajeiros
pelo canto
dos guerreiros
dos Congos
pelos Fandangos
avistas "terras de
Espanha, areias de
Portugal"
cortando as águas
do rio
barcos no mangue
estio.
A cidade
e o cásario
viajando
nas azuis cartogravuras
mapeando o rio grande
o Rio Grande do Norte.
Nos sons de flauta
festiva
seresta de violões
suburbanos nos desafios.
Doce talhe
de mulher
nos seus artistas/poetas.
No alto das Rocas viajas*

*nos terreiros,
no azul manto do rio
viajas.*

*Operária
dos boêmios
dos viajantes
senhora;
dos humildes, dos desvalidos
dos perdidos, dos achados.
Estrela
dos navegantes.*

ALAMOA

"Às sextas-feiras a pedra do Pico se funde e
na chamada ponta do Pico aparece uma luz.
A alamoia vaga pelas redondezas...
Os habitantes de Fernando de Noronha chamam-na
de alamoia - corruptela de alemã - porque para eles
mulher loura só pode ser' alemã."

Olavo Dantas

*Nos limites destas pedras
por fora sempre encobertas
de musgo, líquen e folhagem,
não sabemos onde começa
o corpo de Alamoia, seus braços
longos e os cabelos
entre tantas indicações*

*no volume destas serras,
no respirar dos pulmões
quando a noite se faz lua.
Escutam-se presságios
entre as pedras,
lamentos de uma canção,
chamamento de mulher,
fluindo no meio das águas,
possuindo o deslembrado
barqueiro em sua canoa
levado na correnteza
pelo canto,
pelo encanto
do canto
de Alamoá:
perdido por seus amores
e por ele mesmo
perdido.*

URUTAU

"As aves que possuem fabulário têm esse canto disperso e melancólico".

Luís da Câmara Cascudo

*O grito do pássaro
Urutau corta o espaço
como uma seta de fogo.
Todas as tardes o grito*

*do pássaro Urutau
rasga o vestido do
horizonte em duas partes.
Pluma dos canários,
luz inumerável
o coração do pássaro
Urutau é grito
separado do seu
corpo.*

*Mergulha a ponta das asas
nos círculos do sol
das últimas luzes
do crepúsculo.*

*O pássaro Urutau é
como uma folha
arrancada da árvore.
Grito de um guerreiro
ferido de morte numa
floresta escura.*

*Urutau é uma pedra de
sílica onde os homens
escreveram seus códigos
há milênios e esqueceram.*

*Urutau é o pássaro
liberto do homem.*

MAPINGUARI

"Esse espírito mau que na mata tudo assombra e faz tudo tremer,
o assovio desata: põe-se logo o caboclo a correr".

Barreto Sobrinho

*Tens a alma negra
fechada a pedra
do coração.
Deus às avessas.
Semeias as cinzas.
Penumbras na floresta
avanças no dia
entre os troncos das árvores
nos sons perscrutantes
da floresta. Gritos de dor.
Mapinguari.
Silvos de cobras
nas bocas inumeráveis
dos rios
no vento sobre o bambual
nas noites de lua. A negra lua.
Mapinguari, dorme.
A ausência .
te culpa. Revela:
Só pode ter sido o Mapinguari.
A idade primeira
entre o céu e a terra.
A força anímica
dos contrastes.*

ASSOMBRAÇÃO

"Fantasma, alma do outro mundo, aparição sobrenatural. Cabelo assanhado como quem viu visagem. Apareceu uma visagem! Forma indecisa, causando pavor".

Luís da Câmara Cascudo

*Nas noites, conduzo o meu mistério.
Ou sou conduzido aos limites do abismo.
Escuto os mortos que não falam
mas revelam
os sítios onde as sombras
vestem os seus corpos mutilados.
A morte é uma flor negra
crescendo no silêncio; viva de seu próprio
sangue. Da morte se alimenta.
Mato quem amo? Morro no que amo?
Tem fim este começo da morte,
desde que nascemos?
Esta é minha alma anterior
ao meu entendimento.
Ou a minha única oportunidade de decifrar
as minhas dúvidas. Presido o encontro.
Assombro-me? É maior teu poder que a minha
coragem. Sou as águas que se curvam,
a pedra que fecha, o silêncio que me ensina a
ser apenas um homem no homem.
Assombração é uma flor noturna
crescendo no meu peito
a morte que não vemos
mas sentimos seu assomo.*

PAVÃO MISTERIOSO

Chou, chou pavão
sai de cima do telhado
deixa o meu menino dormir
seu soninho sossegado.

Cantiga Popular

*O pavão abre as folhas do leque.
O momento real. O magnífico orgulho.
Pisa leve como um rei. Governa a alegria
efêmera: a pose da beleza
docemente amordaça da aos pés.
A cabeça sempre erguida
como de um guerreiro.
As penas brilham seus olhos
como gotas de luz das cores
primeiras (Deus ainda não havia separado
as cores dos seus núcleos de luz, a unidade
dos círculos). Cuidadosamente passeia o jardim,
o esplendor das cortes, a luxúria das bacantes
nos seus olhos frios. Embriagam-se os homens
nos rituais. Baco preside à festa
nas escadarias dos palácios.
Os seus olhos sonham os verões quentes,
as chamas dos crepúsculos.
Arrasta a cauda como uma donzela
medieval cúmplice do gesto.
Triunfa por momentos.
Vez por outra passa em seu orgulho
uma vertigem.*

*Fecha o leque. Canta triste.
É quando a criança que o observa
sente e sabe que esta ave
emigrou do paraíso.*

CURUPIRA

"É coisa sabida e pela boca de todos corre que a certos demônios chamam Curupira, que acometem aos Índios muitas vezes no mato, dão-lhes de açoites, machucam-n'os e matam-n'os. São testemunhas disto os nossos irmãos, que viram algumas vezes os mortos por eles".

Padre Joseph de Anchieta

*Curupira, escrito mais usualmente com u.
"Corpo de menino, de curu, abreviação de curami e pira, corpo".*

Stradelli

*Morres em todos aqueles
que matas. Curupira.
Quem viu a tua sombra?
A criança devorada pelos
teus dentes?
Tua cabeça raspada,
teus pés para trás,
teu olho de cíclope?
Tens o poder de um Deus.
A solidão de um homem
a força de um demônio.*

*Curupira.
Da mais escura era
de dentro da floresta
renasces.
Fonte de sinais
sons das árvores
sinos das pedras. Curupira.
Luz atravessada pela seta.
Protetor dos frutos e das folhas
dos rios e das matas.
Ao som batido dos teus calcanhares
teu poder
eleva-te dos pés.*

LENDA DA BURRINHA DE PADRE

"Quando uma dessas criaturas morre, sua alma fica a penar sobre a terra, apresentando-se como uma 'visagem' de assombração horrível.

Gustavo Barroso

*Estórias
que me contaram
nas noites em que
a lua tece
por sobre nós
sua infância.
No fundo do poço
não vejo o rosto.
A mulher tem duas*

*cabeças.
Na madrugada, o canto
da ave noturna
rasga a pele
da mortalha,
costura-a na alma penada.
A moça ama o padre
e se possui
possuída
se transformando
em lenda.
Todos os sonhos
nos esquecem.*

KUARUP

"Conta a lenda que o herói Mavutsinim modelou cinco troncos, cantando e tocando chocalhos durante um sol e uma lua - um dia e uma noite. E, depois de intensa concentração, os pedaços de madeira ganharam vida: tornaram-se homens".

Marina Nery

Fala de Mavutsinim:

*Estes são os meus antepassados.
Aqui, nestes troncos pintados
com óleo de pequi, urucu e jenipapo
estão gravadas as pegadas*

*tribais do meu povo.
Os troncos mapeados são sinais
de vida. Caminhos da mata,
sol e lua.
Para lembrar os meus mortos
nenhum outro índio quis ter
no peito o colar, ou a pluma
de canário no braço
guerreiro.
Livre é o meu canto:
os bambus longos vão
do meu sopro ao chão,
para falar aos meus mortos.
Faço-me herói Mavutsinim e
proclamo: meus mortos
estão vivos.
Renascidos com o fogo
e as luas, vestidos de
cor e fibra,
palha e espírito.
Duram o tempo da festa.*

CABEÇA ERRANTE, LUA

"Estávamos com medo, pois aquilo assemelhava-se a uma revelação e foi quando ele apanhou a cabeça outra vez... Talvez uma coisa tão remota e bárbara como o fausto: o pavor"

Herberto Helder

*Pedra luminosa
de água. Pele de rosa
na madrugada. Grande cabeça
ornada na noite. Pérola planetária
silenciosa no passeio dos sonhos.
Taça dos céus. Aro de anel.
Lampadário das ermas solidões.
Usina nuclear dos fantasmas.
Em tua pele marrom
o equívoco. Campo de cultivo
de gotas de sal. Tu devoradora
de sangue das madrugadas.
Pão branco fermentado na tarde.
Disco do atleta jogado para o alto.
Prato de sopa; a sopa branca
dos pobres. Ouro polido levantando-se
das vestes da noite. Senhora de prata
nos jardins palacianos.
Gravura abstrata de São Jorge
esculpida em tua rocha de talco.
Olho de Deus no vazio das Órbitas
da noite. Lua.
Lua dos santos, dos poetas, dos notívagos,
dos amantes, dos astronautas, dos bêbados,*

*dos tristes, dos sem-teto, dos desesperados
de todas as mortes. Lua. Plural
de muitas luas.
Lua nova, crescente, minguante,
Lua cheia. Ora por eles,
ora por mim.*

O NEGRINHO DO PASTOREIO

*“Quem perder nas prendas no campo, guarde esperanças:
junto de algum mourão ou sob os ramos das árvores,
acenda uma vela para o Negrinho do Pastoreio.”*

J. Simões Lopes Neto

*Três vezes o Negrinho do Pastoreio
foi supliciado. Três vezes morreu
e pediu a Nossa Senhora dos Desvalidos
que o salvasse.
Três vezes cumpriu o castigo:
saiu para o campo e perdeu-se
no caminho.
Três vezes achava e perdia
pela maldade
do coração do homem.
Três vezes o sol violentou
o coração do Menino do Pastoreio.
Vieram as corujas e riram dele.
Vieram as formigas e picaram sua carne.*

*Vieram os lobos e farejaram o seu sangue.
Aí o Menino do Pastoreio pediu
a Nossa Senhora sua madrinha
protetora dos desvalidos
que o cobrisse com o seu manto
pois ele sentia fome e sede:
ela recolheu o seu corpo
e o enterrou na fralda do monte
e de sua sede nasceu uma fonte,
e de suas mãos negras
as boas terras de pastagem
e de sua pele escura
mais escuras as noites
dos olhos as estrelas mais brilhantes.
Os seus olhos brancos desdobraram as serras
do estancieiro para além dos limites
das suas terras.
Estes seriam os bens da terra
que o estancieiro teve enquanto vida teve.
Hoje nas noites claras
pode-se ver o Negrinho pastoreando
os campos do Senhor
acompanhado de sua madrinha
Nossa Senhora dos Desvalidos.*

A PISADEIRA

"Essa é ua muié munto magra, que tem os dedos cumprido e seco cum cada unhão! Tem as perna curta, cabelo desgadeiado, queixo revirado p'ra riba e nari magro munto arcado; sobranceia cerrada e zóio aceso. . . Talvez seja o pesadelo".

Cornélio Pires

*Dentro do sono
as vozes infernais; os campos
brancos dos mortos.
As mãos sobre o peito
as pesadas âncoras
na água atravessada.
A Pisadeira.
Arranca do peito o coração
ainda ritmado e abre-o e deposita-o
numa taça de sangue.
Imita a morte sem foice
e sem disfarce
sem a negra máscara (ou branca)
da armadura da cabeça. Os ossos
ostentam o orgulho dos dentes
que riem dos vivos
na ausência da carnadura
dos lábios.
A Pisadeira é uma velha mãe
em cima do filho
Amante e exorcista.*

*Centro e força
no ofício das trevas.
O coração desritmado
Campânula aberta por mil
agulhas de prata;
salta na hora extrema
do pesadelo
(a necessidade da vida?)
do fundo do abismo.*

CANTO EM LOUVOR A UMA NAÇÃO INDÍGENA

*Era uma vez um povo livre,
que conhecia o segredo dos rios,
o mapa da lua a as longas travessias.
Os solstícios do sol e o sal de suas feridas
e até mais além ia, das matas e dos rios,
no som dos pássaros e das chuvas que ainda
não chegaram na cabeceira dos rios; densidade
do ar pela pulsação da floresta, sabia.
Recolhia-se na hora noturna aquecido
pela brasa do carvão vegetal aceso na noite
fechada, como a curva abobadada da palha
da loca que o abrigava. Andava pela trilha
passo a passo aberta pelo seu rastro;
a pátria em sua mão
em cada palmo de chão. Pele de tigre
no caminho redescoberto e o limite da curva
do arremesso da seta ao curvo impulso do arco.*

*Conhecia o verde escuro da floresta e o ouro puro
oculto dentro da mata. Os seus deveres:
defender a extensão de sua posse
que nunca foi demarcada e que a herança
Tupã* lhe reservara,
das coisas vivas e mortas e
as mais vivas do que mortas.
Embeçados, adornados de fitas e tatuagens
vigilantes e vigiados pelo olho do invasor,
ingênuos e indomáveis, hospitaleiros e traídos
pelo idioma estrangeiro.
Índio, tua pureza se mostra
na nudez de tua pele, sem túnica de sangue
da andrajosa roupa branca. Escudo do coração,
doçura de laranjeira, agressividade de tigre,
braço de pluma guerreira, cabeça com pena de
águia; irmão de minha ancestralidade.
Eu te saúdo nos fios de lã que teço nesta
tapeçaria. Eu te saúdo e grito teu nome
no desencontro dos homens.
Tupã.*

*Tupã - deus dos indígenas brasileiros.

BIBLIOGRAFIA

- AMBRÓSIO, Manuel. **Brasil Interior**: palestras populares. São Paulo: [s.n.], 1934
- ANCHIETA, Joseph de (Pe.). Cartas de São Vicente. **Rio de Janeiro**: Civilização Brasileira, 1993. v.3, carta de 31 de maio de 1560; Décima.
- BARRETO, Sobrinho, Amaro. **Tuba Amazônica**. [s.p.]. Oficinas Gráficas d´O Independente, 1934.
- BARROSO, Gustavo. **Terra do sol**. Rio de Janeiro: Benjamin de Aguilã,1912.
- BEZERRA, Ararê M.; PAULA, Ana Maria T. de. **Lendas e Mitos da Amazônia**. Belém: MEC, 1985.
- BILAC, Olavo. **Últimas conferências e discursos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1924.
- CARVALHO, José. **O matuto e o caboclo do Pará**. Belém: [s.n.], 1930.
- CASCUDO, Luis da Câmara, **Geografia dos Mitos Brasileiros**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1983 (Coleção Reconquista do Brasil, Nova série, 78).
- CASSIRER, Ernst. **Antropologia filosófica**. [s.l.]: Mestre Jou, 1972. O Mito do Estado. Lisboa: Publicações Europa-América, [19--].
- CRIPPA, Adolpho. **Mito e Cultura**. São Paulo: Convívio, 1975.
- DAMMANN, Ernst. **Les religions de l´Afrique**. Paris: Payot, 1962.
- DANTAS, Olavo. **Sob o Céu dos Trópicos**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1938.
- HELDER, Herberto. **Poesia toda (antologia)**. Lisboa: Assírio Alvin,1981.
- KOLAKOWSKI, Leszek. **A Presença do Mito**. Brasília: UnB, [19--].
- LEVI-STRAUSS, Claude. **La Pensée Sauvage**. Paris: Plon,1962.
- LOPES, Neto, J. Simões. **Lendas do Sul**. Pelotas: [s.n.], 1913.
- MÉNARD, René. **Mitologia e Arte**. São Paulo: Edameris, 1965.
- PIRES, Cornélio. **Conversas ao pé do fogo**. São Paulo: Nacional, 1927.
- VARNHAGEN. **História Geral do Brasil**, 2.ed.[s.l.], [s.n.], [19--].T.I.
- VIDAL, Ademar. **Jornal A União**. João Pessoa, 1938.

DORIAN GRAY CALDAS

Cantar de Amigos

LEMBRANÇAS & ESPERANÇAS



POESIA

ÍNDICE

CANTAR DE AMIGOS

- CANTAR DE AMIGOS 316
HERANÇA DO MESMO SANGUE, POETA 317
VIAJO EM TI VENEZA 319
LITTÉRATURE ET POÉSIE 323
POEMA PRINCIPALMENTE EM HOMENAGEM AO BAOBÁ 326
POEMA PARA SÃO FRANCISCO AGORA E NA HORA DE SUA MORTE 327
POEMA PARA SHAKESPEARE 328
O TIO 329
CANTO 332
POEMA PARA NILO PEREIRA 333
ELEGIA PRA O ESCRITOR NILO PEREIRA BARÃO DO SOLAR DO GUAPORÉ 336
IN MEMORIAM 338
POEMA PARA HOMERO HOMEM PRINCIPALMENTE EM DEZEMBRO 340
POEMA PARA IZABEL MARIA 342
POEMA PARA MINHA MÃE NINPHA DE CARVALHO RABELO 343
ELEGIA PARA RUI COSTA MEU IRMÃO E MEU AMIGO 344
CANTO E VERDADE PARA ALBIMAR MARINHO 345
POEMA PARA RILKE 347
LEMBRANÇA DE MEIRA PIRES 347
RÉQUIEM 348
POEMA PRINCIPALMENTE PRA OS AMIGOS 350
REGISTRO DE UM RETRATO EM PRETO E BRANCO DE RAINER MARIA RILKE 353
POESIA QUE SE FAZ 354
UM AMIGO (O DIÁLOGO IMPOSSÍVEL) 355
POEMA CIRCUNSTANCIAL 356
POEMA PARA VERLAINE 357
TUDO AMEI 358
POEMA PARA WALFLAN DE QUEIROZ NO SANATÓRIO DOS LOUCOS 359
A HORA ANTIGA 361
LEOPOLDO NELSON: VIDA E ARTE 362
CANTIGA PARA MYRIAM COELI 363
POEMA AUTOBIOGRÁFICO 365
PAISAGEM 371
POEMA DA MINHA ALEGRIA 372

CANTAR DE AMIGOS

Para Reginaldo Teófilo

*Não viemos da infância
de mãos vazias. Confiávamos.
Difícil era vencer o árduo caminho
pois o tempo tudo colhe
em hora certa
e nada nos devolve.
Para ganhar o lugar
tão merecido
era preciso sofrer a dor
de ter nascido.
Amar até o último sangue
os nossos entes queridos;
amor de filho e de amigos
que agora vamos enterrando.
Para não morrer de todo
continuar acreditando
que "o sonho vale a pena"
e a alma que o acompanha
haverá de salvar-se
desta lida insana.
Com a mesma firmeza
dos que sabem que é melhor
vencer a batalha
do que, antes de levantar,
o braço já sentir-se
derrotado, lutamos.*

*Amigo, para isso destinamos
em campos diferentes
mas com as mesmas virtudes
ou defeitos
de acreditar no homem:
vencer o nosso chão
até o último sonho
a última estrela.*

HERANÇA DO MESMO SANGUE, POETA

Para Franco Jasiello

*Herança do mesmo sangue
do mesmo nome: Poeta.
Herdeiros
somos.
Quando as ervas rebentam das tábuas podres,
silenciosas
fungo e inverno
e o coração cego pulsa martelando
o sono breve
somos a cal e o silêncio
fechando o ferrolho do sentimento,
para que absoluto como um abismo
todas as vertigens das alturas
pulem o nome, Poesia.
No quarto escuro no espelho que voa*

*abrindo o leque dos dias e das
paisagens (Veneza, Florença, tantos bronzes
e mármore sepultados) aprendendo novamente
a vida (o exercício duro da vida)
salvemos oh! passageiros do sofrimento,
a poesia. Saímos do corpo
como despimos a roupa
e a manhã é a pele da rosa
a pluma do sangue, a luz
da voz a brutalidade de tantos
a suavidade das lembranças mortas,
caminhamos.
Ardem as estátuas nas praças;
os gênios dançam rock, os poetas
lavam pratos nos hotéis
os metrô escondem bombas; uma criança
reconhece Deus num anúncio de sabonete
um soldado morre sem saber porquê.
(Ah! medieval rosa-punhal pela amada)
o tempo dobra mais uma página
escura
morre a hora.
Inspira-me desespero tua lança,
ensina-me a escrever a palavra esperança.
Sou esta casa aberta. Poeta
sou este rio sem fundo. Profundo.
Sou esta noite tampada
cheia de estrelas perfumadas.
Ensina-me, Senhor a te amar
como as crianças das escolas
amam o mistério da oração.
Viajo num trem*

*te espero no metrô, reconheci
Baudelaire
numa rua em Saint-Michel.
Sou passageiro do vôo
sem mapa
e sem destino
vagabundo, saltimbanco como um Clown de Picasso;
reinvento a lua de Miró; sinto o
sistema planetário,
nos pés, o assoalho.
Agarro-me com unhas de fera
a este fio de vida que me enlaça
como um poema escrito na pouca
tinta da fumaça.*

VIAJO EM TI VENEZA

Para Luís Carlos Guimarães.

*Sobrevivi para te conhecer
Veneza. Penetro em ti, amante.
Viajo em teus lençóis de água.
Nos teus crepúsculos de brasa viva,
na linha que divide teu chão de barca
com cúpulas de ouro em teus canais e teus palácios.
Viajo-te, Veneza.
Amo teu esplendor e a tua decadência
teus nobres e teus mendigos. Os mortos
que após a meia-noite do relógio da praça*

*passeiam silenciosos
à porta das catedrais, nos canais e nas praças
e não se falam e não se amam; sem idade
e sem tempo, os mortos intransferíveis, sobrevivem.
Não estão nos sarcófagos de mármore de tuas
igrejas, nem identificam-se pelo nome que tiveram
em vida, nem em seus brasões e suas castas;
são apenas sombras na noite irreal de tua nave
suspensa das águas.
Sou assim como teus mortos: identifico-me com eles
sem nome e sem destino andando em tuas ruas estreitas,
nos teus becos, na boca de teus canais
no refluxo de tua água, no teu mangue de peixe apodrecido.
De crepúsculo a crepúsculo o pó silencioso do tempo
vai cobrindo de pátina os pés dos teus anjos.
Sopro em teus vidros muranos
as trombetas do apocalipse.
Numa lápide singela reconheço o lugar
que o imperador Barbarroja se ajoelhou
ante o Papa Alexandre III.
Em tuas cúpulas arqueadas
com lâmina de ouro e sangue esmaltados
séculos e séculos de história.
Nas cinzas dos incêndios do Palácio Ducal
refaço as cores dos teus Bellinis, Tintoretto
Veroneses.
Na "Ponte dos Suspiros" retiro as máscaras
dos teus reis carnavalescos
e invado sem cerimônia teus Palácios
e Palácios.
Debruço-me na ponta do "Dogma"
que avança como uma seta de pedra*

sobre o mar, e grito teu nome

Veneza!

*Sou tão antigo como teus intrusos
que vieram do Oriente, invadiram tuas praças
teceram a filigrana de tuas arcadas,
bordaram tuas gôndolas douradas
para as grandes regatas.*

*A lua estende sobre ti
a pluma de tua luz tão leve
como o vô das tuas garças ao crepúsculo
escamando as tuas águas
no metal do fim da tarde.*

*Eu sempre vivi pela beleza
sei que um dia morrerei
pelo que sinto.*

*Na nave principal da igreja de São Marcos
sinto-me intruso: não tenho coragem de tocar
a pedra que guarda os ossos de teus antepassados,
respeito teus séculos dormidos
nestas pedras frias.*

*Teus leões de mármore roxo guardam as fronteiras
de teus mercados de flores de folhas florentinas, filigranas
de bronzes trabalhados; rosáceas bizantinas, ponta de
lâminas das conquistas dos bárbaros. Nos mosaicos
de Salandri os arcos do céu
com anjos e cavalos, deuses e santos. Tudo em ti
é paraíso e inferno; luxo e pecado.*

Paixão e santidade. Maldição e arte.

Passeio em tuas salas: Sala das quatro portas

*Sala do Senado, Sala dos Banquetes, "Sala de La Milicia de Mar" Salas e Salas. De
vetustos reposteiros, com lâminas
de ouro e sangue nos Cristas Crucificados, Transfixados.*

*Piso em teu chão sentindo o pulso de tuas águas
teu poder sobre o tempo e a história e te digo; te amo
Veneza; amo teus mártires e teus santos; teus Tintoretos
de vermelhas túnicas e tuas igrejas.
Acompanho a mão que desenhou e inspirou Palladio a arquitetar San Giorgio e a
mão
que colocou a pedra primeira da ponte de Rialto.
Tiepolo retirou de teus crepúsculos os vermelhos
da túnica de Cristo, Veronese pintou os teus amanheceres
sobre as amuradas de teus canais.
O império de Bizâncio curvou-se à tua beleza cortês e construiu seu hipódromo e
suas casas de tolerância;
Alfieri escreveu sonetos em tua glória
Musset compôs uma sonata em
louvor aos teus heróis e aos teus poetas;
Wagner repousa na câmara mortuária com todos os seus sons dentro do seu sono.
Ezra Pound sabia que diante de ti poderia
pensar na morte, próxima e distante.
Só diante de ti
adiaria a sua morte.*

*Veneza, dormi em teu chão, te conheci pedra a pedra.
E sei que dia chegará
que viajarás
separada das outras ilhas, soltas as amarras
que te prendem
viajarás
como um barco ou uma estrela
livre para sempre,
na grande noite solitária.*

LITTÉRATURE ET POÉSIE

Voyage à Venise

Voici un poème de DORIAN GRAY CALDAS peintre, écrivain, poète, historien, critique brésilien qui a acquis une réputation internationale. Notre ami Bernard ALLÉGUÈDE, qui est l'un de ses intimes, nous a traduit ce merveilleux Voyage à Venise. Un grand merci à l'auteur et au traducteur.

Venise, j'ai survécu pour te connaître.

Amant, je te comprends.

Je voyage dans tes voiles humides et je vis en toi

*Venise dans tes crépuscules de braises incandescentes,
dans les silhouettes de tes gondoles aux poteaux d'or,
dans tes canaux et palais.*

Je voyage en toi Venise

*J'aime ta splendeur comme ta décadence,
tes nobles et tes mendiants, tes morts qui, après le minuit
des clochers, passent en silence les portes des églises, les
places et bras de mer, sans se parler, sans s'aimer.
Sans âge et au-delà du temps, les morts survivent
néanmoins immobiles.*

*On ne les trouve plus dans les sarcophages de marbre
de tes églises, noms oubliés sans blason ni caste.*

*Sont-ils tout juste des ombres dans la nuit irréelle
de ton navire suspendu au-dessus des eaux?*

*Moi-même, je suis comme tes morts me reconnaissant
comme eux sans nom et sans destin, parcourant
tes ruelles, tes impasses et tes canaux dans*

le reflux de tes eaux et la boue de tes poissons pourris.

*De crépuscule en crépuscule, la poussière muette du temps
recouvre peu à peu la patine des pieds de tes anges.*

*Sur lês cristaux de Murano, je souffle les trompettes de l'Apocalypse.
Sur une simple pierre, je reconnais la trace du genou de l'empereur
Barbarroja s'inclinant devant le Pape Alexandre III.
Tes dômes arqués couverts de feuilles d'or incrustées de
sang racontent dès siècles et siècles d'histoire.
Les couleurs de tes Bellini, Tintoret et Véronèse me ravissent.
Sous le pont des Soupirs, je retire les masques de tes
rois de carnivals et chemine dans tes palais sans fin.
Je m'incline devant ce Carnpanile qui surgit sur la mer
telle une flèche de pierre et je crie ton nom:*

Venise!

*Je suis aussi vieux que tes envahisseurs venus d'Orient
qui inondèrent tes rues, tissant les filigranes
de tes arcades, brodant les gondoles dorées de tes
sommptueuses regates.
La lune étend sur toi le voile diaphane de ta lumière
aussi léger qu'un vol de mouettes glissant sur tes*

ondes à la tombée du jour.

*Pour la Beauté, j'ai toujours vécu, sachant bien
qu'un jour je mourrai pour ceux que j'aime.
Dans la nef majestueuse de l'Eglise Saint-Marc,
me sentant étranger, je n'ai pas eu le courage
d'effleurer la pierre qui garde le secret de tes ancêtres.
Et en touchant pourtant ces pierres froides, je respecte
tes siècles endormis.*

*Tes lions de marbre sombre surveillent les frontières
de tes marchés de fleurs ornées de miniatures finement bronzées.
Rosaces byzantines, joyaux de conquêtes barbares.
Arcs-em-ciel des mosaïques de Salandri, anges et chevaux,*

dieux et saints.

*En toi, tout est enfer et paradis, luxe et péché, passion et sainteté,
art et malédiction.*

*J'ai visité tes salles, celle des quatre portes, salle du sanāt, salle des banquets,
salle de la milice de la mer, salles et salles à l'infini.*

*Portails vétustes couverts de l'or et du sang des Christs crucifiés
et transfigurés.*

*Je marche sur cette terre où je sens pouls de tes ondes,
ta puissance sur lè temp set l'Histoire et je te hurle*

Venise, je t'aime!

J'aime tes martyrs, tes saints et tes églises.

*J'accompagne la main de Palladio qui dessina, inspira
la construction de San Giogio et celle qui posa
la première pierre de Rialto.*

*Pour tes crépuscules, Tiepolo sut retirer les rouges
de la Tunique du Christ.*

De tes aurores, Véronèse saisit les courbes de tes canaux.

*L'empire de Byzance s'inclina devant ta splendeur ensorcelant,
édifiant champ de courses et de tolérance!*

Alfieri écrivit les sonnets de ta gloire.

En hommage à tes héros et poètes, Musset composa une sonate.

*Et Wagner lui-même y reposa dans une chambre mortuaire
avec toutes les musiques de ses rêves.*

*Ezra Pound sut que devant toi il pouvait méditer
sur sa fin prochaine et lointaine.*

Devant Tol seulement, il éloigna la mort.

Venise, j'ai dormi sur ton sein, je t'ai embrassée pierre après pierre.

Et je sais que le jour arrivera

où tu voyageras séparée des autres îles,

détachée comme une barque ou une étoile,

*libre pour toujours
dans la grande nuit solitaire;*

de Dorian Gray Caldas
Traduction de BERNARD ALLÉGUÈDE.

POEMA PRINCIPALMENTE EM HOMENAGEM AO BAOBÁ

Para Diógenes da Cunha Lima

*Dá-me uma só semente
que eu farei um jardim de baobás.
Aqui Pequeno Príncipe
neste planeta enorme
tão diferente do teu asteroide
Os baobás são bem-vindos.
Nasceram das mãos negras
da África. Dormiram na terra
em ciclos de anos
como "grandes igrejas desertas"
de pássaros. Hoje é fronde
que guarda segredos escravos
que se espreguiçaram em suas
longas sombras; e "nem um rebanho
de elefantes pode derrubá-los".
És forte porque te sabiam forte
os negros escravos que te trouxeram
da negra África.
És forte como o leite das negras
que amamentaram os filhos dos brancos.*

*És forte como a seiva/sangue
que conduzes nas veias dentro da terra.
Es forte como o continente Africano
que abriu-se como um leque há milênios
e fez nascer outro continente.
Dá-me uma só semente
que eu farei um jardim de baobás; um jardim
diante do mar. Enorme e solitário
aos solstícios quentes
desta costa atlântica.
E daqui, quem sabe possa
ver o vôo de Santi-Exupéry
como um asteroide ou um satélite
na noite solitária de um homem.*

POEMA PARA SÃO FRANCISCO AGORA E NA HORA DE SUA MORTE

*Fazias a alegria de tudo que tocavas
A natureza divina.
E mais do que vida outra de ti
fazia-se prolongada.
O canto do pássaro canoro e o teu canto
eram um só. Onde o coração cantasse
o pássaro cantava. Assim falavas aos homens
e às feras com o mesmo canto do pássaro
na dimensão que eles escutassem.
E era assim que o regato brilhava
de luz intensa aos teus pés*

*e a terra leve como pluma,
via teu corpo levitar-se. As longas vigílias
haviam-te consumido e nem o pão que é símbolo
de vida na mesa do Senhor, aceitavas.
A hora era grave. O teu corpo desfazia-se
na terra.
A terra haveria de recebê-lo. Recomendaste.
A alma visível esperou a consumação
porque alma e carne eram uma só luz
à espera do milagre.*

POEMA PARA SHAKESPEARE

*Podem meus versos mais que os bronzes
pois eles conhecem a verdade:
ser eterno e ser humano
eis a minha medida de eternidade.
Sou mensageiro do que triunfa sobre o tempo,
ignoro a espada e canto o lírio
em erma campã e renovada lembrança,
que dela também se faz a vida.
Assim, canto, oculto a dor e canto;
refaço o momento e exalto o prazer
de amar-te tanto quanto de mim não tens
o mesmo pensamento nem o mesmo intento.
Pois é maior em mim a humana lida
do que trazer a alma arrefecida.*

O TIO

Para Clodomiro Rabelo

*Nenhuma pedra
me devolve a casa,
o sonho
de ter havido
a casa;
os corredores
queimando
a poeira no silêncio
e os meus vivos
dentro dela,
dónos de suas mortes,
a me falarem
ao ouvido.
Deito no chão
para escutar
os corações
latentes
que batem surdos
no íntimo da terra.
Falam outra língua,
e outras estações crescem
em suas moradas.
O chão cobre
teus pés
inquietaos de caminhos,
Tio Clodomiro.
De terno branco*

*aberto em gestos
à nossa fome
de ternura
e de menino.
Já perderam os homens
esta gratuidade
do querer?
Herdeiro
de outros tempos
posso dizer
que de teus ombros
muitas vezes
voaram pássaros;
de teu chapéu
surrado,
que ele mesmo reformava
numa chapelaria
numa rua da Torre
no Recife,
cresciam girassóis
de incêndios, raizes.
Passeia: no meu chão
de antigamente,
na sombra
das calçadas,
na luz mineral
das lamparinas,
nas barbearias,
nos bares,
na rua da Estrela
em pleno dia de sol
com amigos*

*companheiros,
prostitutas
operários,
viajas.
Passeias na casa
do meu avô.
guardada pelo
escuro sangue
de herança de família.
Fechada a porta,
estabeleciam-se decisões,
traçavam-se caminhos.
Passeias na minha memória,
tio,
irmão.
A tua verdade.
É maior que a tua morte.
Morrer é não saber
de ti,
é não estar contigo,
é não ouvir
tua voz
na noite
seresteira;
é não te pressentir
boêmio
nos teus caminhos.
Entra, a casa
te recebe.*

CANTO

Para Luís Maranhão Filho

*Onde estás, companheiro, desconstruído da minha
poesia hermética, da minha pobre e inútil poesia.
Tu palavra de fogo, sílaba da sintaxe solidária.
Tu, chuva das ramagens verdes da esperança, flora
dos cajueiros.
Relâmpago, provinciano inumerável, firmeza
de ferro vivo, mineral de pedra escarvada, avelã
da terra de origem. De branco camisa aberta
sempre pronto estavas. Proa de barco exposta ao tiro
à faca, à traição.
Palavra, semente de tua única arma.
Contigo algumas vezes estive; outras te soube no exílio;
outras te pensei com paletó aberto ao peito
professor e estudante. Percebo agora que teu ideal
foi mais forte que a tua prudência,
que tua coragem foi mais longe que a tua sabedoria.
Que a tua vida foi maior na morte que já trazias:
patriota que de pé (dizem) entrou na história.
De pé cimentaram teus ossos e continuas vivo na tua
luta, na tua bandeira usurpada hoje por muitos.
Tu que não dormes nunca. Após tantos anos
por trás das lentes dos óculos nos olhas e falas
a única palavra possível: coragem.*

POEMA PARA NILO PEREIRA

*Abro as portas da Casa Grande do Guaporé.
Da varanda o mar do verde
assisto e sonho.
Verde vale
que invisíveis mãos trabalharam
as flores de cal
filigrana barroca
na linha do seu pórtico.
A tarde
fímbria vermelha
metal de um sol
lâmpada do entardecer
queima os lençóis
do fim do dia.
As estátuas de louça
serenas e graves
pousaram agora suas asas
nas duas águas
dos telhados curvos.
Os galgos
nobres e atentos
fauces de fera
dentes de faiança
assistem e guardam
dos batentes da porta
o passeio da menina-moça.
Entre as lanças das palmas
do canavial
um pássaro grita o fim da tarde*

*para além da linha dos montes
e horizontes.
Basta-me esta flecha de luz
a cor secreta que o vento empresta
a esta paisagem,
para voltarem aos seus lugares
os retratos
(que as chuvas e o tempo
desbotaram as tintas, envelheceram o ouro,
estriaram os rostos,
consumiram o brilho que os olhos tinham
deste sangue ingênito do senhor de engenho):
o Barão e a Baronesa
nos olham de surpresa.
As terras que do eito
foram cortadas
pelo arado
e semeado o grão
esperam pelo dono
e seu passeio.
Seja mais verde
o verde
a sombra mais longa
o sino mais tangente
os bois de canga
dois a dois
moendo a roda
dos açúcares das fomalhas
sempre.
Quando o silêncio arde
sua chama
consumindo o verde,*

*recolho as vozes
que cantaram ontem:
vozes de sinos
de aboio
de pregões
dos seus meninos cambiteiros
carvoeiros
vendedores de frutas
madrugadores no campo,
que não herdaram
suas pedras cantareiras
nem suas lápides polidas,
mas se reúnem
à grande voz geral
de suas vozes
entre os sons vesperais
das tertúlias
e serenatas
dos saraus da Casa Grande.
Sou o verde
agora,
apenas o seu verde.
Estendo minhas mãos
à sua origem,
embora sem sangue
de herança
mas de poesia
e canto,
e sobrevivo.*

Casa Grande do Guaporé – Ceará-Mirim, RN.

ELEGIA PRA O ESCRITOR NILO PEREIRA BARÃO DO SOLAR DO GUAPORÉ

*Voltas ao Solar
que habitavas menino.
Em cada palmo de chão
as linhas de tuas mãos.
A casa abre as janelas
aos verdes canaviais.
A palma verde da cana
agitada pelo vento
sopra o azul longe/perto
distâncias no teu afeto.
A Casa agora
te recebe vazia
mas ascende na memória
os retratos, os marquesões
os anacrônicos segredos
na linha do parentesco.
Identifica a matéria
das porcelanas antigas
o relógio da parede
a hora parada
nos dois ponteiros abertos
como os braços de um espantalho.
Ah! Coletes de fina seda
paredes com papel china
louças de Sévres herdadas
gargântuas de mármore lavrado
ferros de flores bordados
na transparência das asas*

*das chamas da lamparina.
Ah! Tempo de pés descalços
massapê na chuva fina
vidraça quebrada no imprevisto
acerto do estilingue.
Ah! Poeta de olhos atentos
na leitura dos vidros
das lentes do bifocal.
Como defender teus brasões
feitos de alfenim e de cal
e a heráldica argamassa
dos portais da Casa-Grande?
Nos retratos da parede
a leitura estremecida:
luvas, chapéus,
a flor no peito - vermelha
os mortos dentro do luto
os avós que se agitam
no sofá de antigamente.
E só a morte permite
a intimidade mais cúmplice
na distância do imprevisível.
Voltas à terra de origem
entre os verdes desiguais
abres as portas da frente
a dos seus campos gerais.
Barão do Guaporé
latifundiário da poesia
escritor de longo curso
resgatas
a tua origem.
A tua palavra profunda*

*separada do teu corpo
som da verdade acendida
no silêncio da tua alma
reinventa o tempo perdido.*

IN MEMORIAM

Para o meu pai Eloi Caldas

*Para que vivas é preciso que eu te diga
vives. A morte não derruba a minha palavra
a morte não me leva fácil. Ouves? Tudo
isto existe ainda: os velhos casarões
os trilhos da Great Western, o movimento
dos cartórios, os catraeiros no porto,
os barqueiros no rio, os comerciantes
de algodão. Os amigos se reúnem. São seis
horas da manhã. As lojas estão fechadas.
Qual de nós irá primeiro, perguntas. Foste
o primeiro a ir. A palavra sem medo. Morte.
Quando ela chegou estavas exausto.
Só a alma conservavas inabalável. Nunca
te vi pelo medo. Nunca de tua boca ouvi
uma palavra de ódio. E foram longas horas
de sofrimento, longos dias de dor.
Ao começares a morrer, cantamos juntos.
Não foi mais fácil fazer da morte
uma canção? Fechas os olhos. No auge da vida
caminhas com passos ligeiros, paletó branco*

*gravata solta ao vento. A voz que há muito.
não escuto fala-me forte como um estampido
dentro do meu cérebro: meu filho.
Olha como estão maduras as estrelas!
A noite é eterna. Somos eternos, dizias.
Não tenho por que provar alguma coisa, digo.
As primaveras e os verões não acontecem
para marcar os dias e os destinos. São estações
do tempo como somos estações da vida e da
morte. Águas sucessivas. Já vi este retrato
em outra época: Este gesto e este rosto
em algum lugar há muitos anos. Mas não
fui eu, não sou eu que me olha do retrato.
Ah! Intransferível. Único. Única ternura
de tua mão sobre o meu ombro. Vamos?
Para onde me levas, pai? Em tua "casa
há muitas moradas".
Aqui as palavras morrem como um sopro.
Mas eu insisto, "eu não aceito". Ah! Eternidade,
que palavra frágil.*

POEMA PARA HOMERO HOMEM PRINCIPALMENTE EM DEZEMBRO

*Novamente estou contigo.
Segui teus passos na poesia
mas tímido fui. Guardei poemas
"e segui vivendo". Aprendendo.
Tua poesia alta e sonora
a tua épica homérica/nordestina,
teus poemas de rimas/claras
são quintais de antigamente
braças de tabuleiros sazonados
de cajus vermelhos.
São portas de partir
em tardes mansas e a saudade
pressentida/permitida.
Circunavegas a Redinha
de "navi/velas" dos dezembros
que não voltam.
Tu poeta, generoso de poesia
aos amigos:
notícias, batizados, natais, tudo é
poesia em teu coração de homem-menino.
E repartes também este pão de antigamente
na mesa dos Siqueiras Cavalcantis
de graves perfis pernambucanos
que "dormem no cemitério do Alecrim".
Não é biografia
é poesia
a tua linha de memória
a Záira Kemper,*

*palavras de jasmim e bogaris.
"São agostos de luar"
ternuras longas
como a fibra de algodão
tecendo as redes de dormir.
São praias ao sul "niveazulada
ponta, negra ao sul", saudades
das luas vesperais, desertas ruas.
São danças, presépios, as novenas
a "copa leve das palhoças"
as luas azuis, e o guaxinim.
Gamboas e vazantes
avoantes
à linha do vento terral
nas ribeiras, farol de Mãe-Luíza
estórias tantas
à sombra dos coqueiros
nas vazantes das marés
que a noite alcança.
E hora de voltar
o cais de espera
do velho trapiche da Latê e da Condor
não vejo
os Itas/passageiros aqui do norte,
de outros janeiros do Leblon
e do chopinho no Rio de Janeiro que é
urna chama avançando nas calçadas
e, de repente "esta neblina nas lentes bifocais".
E hora de voltar
"ou nunca/mais".
Receber "afetogramas"
dos amigos*

*passar à cidade em seu "platô
de vento",
que o poeta vive em outra dimensão.
Areia branca.
Céu Azul.
"Mar verde".
É hora de partir.
Ah se me lembro.
"Janeiros e praia de dezembro".*

POEMA PARA IZABEL MARIA

*Abres os olhos.
Neles penetro e vejo
à luz do princípio. Azul.
Teu infinito. Ponho a mão
sobre a tua cabeça
onde agitada pulsa a tua vida.
Tudo que nasce (mesmo aparentemente
frágil) sopra a vida que vem de longe
e vai para longe completar-se.
Sentes falta do ventre materno
onde navegavas. Tuas pequeninas mãos
procuram as águas primeiras.
Apelos que libertas
nos primeiros sinais
da alma revelada.*

POEMA PARA MINHA MÃE NYMPHA DE CARVALHO RABELO

*Vê, mãe,
o tempo de doçura.
O tempo ontem.
Agora entendo
os teus olhos de sombra
é que a noite desceu
depressa na minha alma
e os astros
guardaram o perfume
da noite em tua
fronte erguida
em tua cabeça de rainha
onde giram os céus
de todos os santos.
Só os filhos sabem
só os filhos
conhecem
a melodia, a fonte,
o liame onde os deuses
depositaram a sua confiança.
Mãe,
doçura debaixo dos meus olhos.
Tu que derramaste o bálsamo
nas minhas feridas.
Tu que deste o primeiro
passo
- o meu primeiro encontro
com a vida.*

ELEGIA PARA RUI COSTA MEU IRMÃO E MEU AMIGO

*Te conheci menino. Menino pobre.
Crescemos juntos. Rebobino a memória.
Não tem fim nem começo esta lembrança.
Devolvo intacto o irmão que não tive. Vive.
Somos da mesma idade.
Hoje eternidade. Os ossos sabem. Esperam.
No resto somos os mesmos. Somos?
Fiquei na mesma casa. Na mesma rua
que não era a tua. Com as tuas mãos tortas
construíste a taipa da casa, a porta.
Fizeste com os pés o usucapião. O chão.
Favela teimosa. O único bem?
E mais o cavalo e a carroça. A mulher e as filhas. O vento que sopra forte em agosto
levou uma delas
ficaram duas, igualzinhas a ela.
Da primeira mulher que te deixou
tiveste o filho Edinho
que foi morar no Rio de Janeiro
e em nenhum dos janeiros te deu notícias.
Sabias que ia bem. Orgulho teu e dos vizinhos.
A segunda mulher montava a cavalo
no intervalo das mudanças pobres
e era jovem.
O vento forte que sopra em agosto
a trouxe à minha porta
na hora do desespero.
Disse: ele está morto.
Num fim de noite
sem motivo aparente*

*alguém lhe abriu o ventre.
(choravam as duas filhas).
No caixão
teu corpo ninguém cobre.
Passei as mãos na tua carapinha. Sorrias.
Eu me pergunto desde aquele instante:
a mão anônima que te matou
é um pouco de mim
que te restou.*

CANTO E VERDADE PARA ALBIMAR MARINHO

*De repente, amigo, me chamas
não sei de qual subúrbio distante
chuva tempo e memória
terno marrom listrado
gravata surrealista
lenço dobrado à Chaplin
óculos espelhados
porte de lorde inglês
sem diploma no papel;
Albimar, tu me convidas
com tua prosa forense
na desencontrada amizade
(ó amigo que nunca tive)
à farra à forra à farsa
que a vida não se resgata
nem se leva de vencida.
Com Berilo e Emídio Salem*

*num bonde chamado saudade
sexta-feira lua cheia
pretexto de picadinho
lá na Feira do Alecrim
sob as lonas das barracas
um casco preto gelado
esperando a madrugada.
Já não cantam os gageiros
nos altos mastros fandangos.
Já não dançam as pastorinhas
nos quintais de antigamente.
Albimar é rima fácil.
Difícil é falar da vida
coragem de argonauta
direito líquido e certo
mais líquido do que certo
da branca espuma de cerveja.
Quantas lembranças pisadas
nos teus caminhos viajam.
Notívago de tantas luas
na rua do bar no velório
nas flores de teu jardim
oferecidas às noivas mortas
da tua e minha poesia.*

POEMA PARA RILKE

*Ah! Esta essência do nada.
Esta vastíssima essência do nada;
que me toma, como de um vaso
o perfume, ou da alma ameaçada
do corpo tão inútil
o peso dos anos. Duramente
o peso dos anos.
Mas, coração audível na substância
do que tive, é possível
um dia (e foi tão breve a revelação)
ir onde não pese o corpo,
pétala de flor, nem a alma,
pluma que voa. Sombra e cor.*

LEMBRANÇA DE MEIRA PIRES

*A vida é breve
e a notícia é falha
que se faz do homem
e sua fala.
Lavro o meu canto
e semeio estas lembranças
farnel de amizade
e esperanças.
Em meio a este ato
por ele mesmo vivido
o sangue lhe vem à boca*

*(foi tão rápido) diz o filho.
Nos versos de exalta-lo
vou doar
palavras só de amigos.
O seu perfil
no teatro lega
mais que o bronze
o homem integra.
Consulto os seus escritos:
cartas, notas, textos
que ficaram mudos
nas gavetas.
A nós esta aceitação
definitiva:
Tudo está feito
não há como mudar.
Essencial foi a sua vida.*

RÉQUIEM

*Não falarei de tua morte,
mas da vida,
da esplêndida vida que explodia dentro
de ti, de alma aberta.
Repleto e perfeito em tua juventude
não precisavas de palavras,
existias.
Todos te sabiam irmão,
amigo,*

verdadeiro.

*Tua presença era por inteiro;
teu rosto era claro como uma lâmpada,
tua cabeleira ruiva como uma chama,
o teu perfil de herói.*

*Teus músculos de atleta,
retesados como arcos,
as pontas dos dedos, as palmas das mãos
abertas contra o espaço.*

*Por que as mãos dos mortos
permanecem em nossa memória
mais que o corpo inteiro?*

*Teus olhos atentos e teus ouvidos
aprendiam minhas palavras
para devolvê-las em ternura.*

*Não quero falar de tua morte,
que a morte nega e não é verdade em ti.*

Pássaro flamante

*(o leve tremor em tuas mãos,
como um pressentimento corre dentro de ti),
por que tão bruscamente haverias de ficar
numa estrada, abandonada em meio à noite,
irmão, amigo, Luís Carlos Teixeira de Barros.*

POEMA PRINCIPALMENTE PRA OS AMIGOS

*Oculto os meus sentimentos
como quem esconde
a capa
debaixo do braço
ou a esquece no banco
da praça. Faço mais intensa
a presença do relógio
na parede da sala.
Não o relógio pulso
pássaro sem canto
mas o relógio impulso
no seu pêndulo oscilante.
Mais ávido e mais preciso
e nas despedidas
constante.
Sempre foi assim
como antes:
em todas as horas
perdemos
no segundo de partir.
A mancha fica nos vidros,
a nódoa na roupa,
a marca fica na faca
e faz a lâmina mais afiada.
Mas densa se faz a vida
de um lado, do outro mais
apagada. Oculto meus sentimentos
como no bolso a navalha,
a palavra essencial*

*o soluço preso à garganta
na morte não contestada.
A lembrança fica nos espelhos
e não somos nunca os mesmos
na sequência repetida
ou numa página já lida,
como na paisagem
a pintura repetida.
Um relógio não divide
o nosso tempo interior,
marca somente máquina,
nossa hora no mostrador.
Inútil ontem no bolso
no pulso inútil agora
a roer seus próprios ossos.
Inútil dentro de mim
que não a quero máquina,
principalmente
se estão desertas as calçadas
como o lençol sobre o morto;
um lençol sobre estes mortos:
Berilo, depois Emílio.
Gumes de pedra ganharam
plataformas de cimento
palavras e epitáfios
da sentida vida lembrada.
Arcadas de ferro em Granada
as mãos nas mãos da amada
brinquedos para os meninos
e a dor no peito:
não é nada.
A morte não chega*

*necessariamente às cinco horas
da tarde.*

Só a vida é que incomoda.

A morte não é nada.

*É um longo esquecimento,
uma varanda sem arcada
uma luz que não se acende
em sua branca claridade.*

*Berilo, eu não consigo
separar o tempo no homem,
o menino neste homem
mesmo se completando
como se estivesse aprendendo
o exercício da vida,
difícil de ser vivida
pelo menino conduzida
e tão cedo interrompida.*

*Não é lembrar que nos fere,
é estar a porta fechada,
esta porta horizontal
como seu vidro transparente,
como suas alças de metal.*

*Esta porta que nos separa
um dos outros tão perto
irremediavelmente no morto,
no morto que nos espera.*

REGISTRO DE UM RETRATO EM PRETO E BRANCO DE RAINER MARIA RILKE

Nenhuma chama (antes águas de arquedutos romanos) se apoderou dos teus olhos vagos e tristes.

*Nenhum "reflexo fulgura" sob as pálpebras
como se da vida tudo já tivesse passado
Tudo se tivesse ido. Uma imagem que morre
no coração. Algo clama desolado
na alma aclarada.*

*O traço do nariz ponteiro de um relógio
que direciona o tempo e morre nas narinas
como asas trementes a qualquer sopro ou perfume
de "rosa na pura contradição" dos deuses:*

*- Prazer de saber-te retrato sem vida de "ninguém"
sob as pálpebras frias. O bigode cai-te dos lados
dos lábios; monge tibetano.*

*(E o rio Nilo brilha na argila dos vasos
o segredo do barro
a sacralidade do barro).*

*No queixo a cava a marca o côncavo
de um toque dividindo o que seria (talvez)
dois rostos. Como dos frutos a marca que divide
as duas partes de um mesmo fruto .
de igual doçura. Escutas? Um rumor de águas
A mais bela canção, os mais altos círculos soam
nas cúpulas das catedrais desertas. "Quem se eu gritasse
me ouviria...", o vento passa carregando
um anjo terrível. O anjo da morte.*

*Das origens vens desde tempos
imemoriais e nas "longas convalescenças"
sobrevivendo a esta dor de amar a vida
que te levou pela mão indivisível e sempre.*

POESIA QUE SE FAZ

Para Zila Mamede

*O mar que é sempre
cobre o teu destino
cobre o teu silêncio.
Nauta, navego, "tanto
mar salgado", desespero.
Calma se faziam
as calmarias nas amarras
que dos corações partiam
as naus do "cais da ausência", ilhas naufragadas.
Não era só a amiga que partia
das vigílias literárias
solidária e firme
alma e ternura
em nossas mãos depositadas.
Flores silvestres
estes nossos versos
adolescentes em rima
e doce acento
agora só lamentos
no fio das lembranças.
O ontem tão próximo;
a mãe costurando
na máquina serzindo
a alma que não a veste
mais. O pai carpia
as horas apascentando
ovelhas das fazendas*

*dos sonhos. Terra arada
arado de salinas
gota de sol
de tanta lágrima.
Eras a noiva, a musa
a poeta a eleita
por todos nós.
Eterna se fazia:
poesia hoje
que se faz.*

UM AMIGO (O DIÁLOGO IMPOSSÍVEL)

Para Jussier Ribeiro de Magalhães

*Breve não estarei aqui,
disse-me ele.
E virou o rosto para a parede.
Vão me tirar estes tubos e esta máscara
de oxigênio e tudo estará acabado,
disse-me ele com o rosto voltado para a parede.
Falei-lhe de outras coisas; trouxe-lhe notícias
dos amigos.
Ele não me respondeu. Nem me disse o que sabia.
(Sabia que morria).
Os seus grandes olhos fixos que conheci com o brilho
da juventude, já não me
fitavam.
Olhavam para o lado onde uma parede fria o encerrava.*

*Fiz um esforço e toquei-lhe a mão entubada que recebia
sangue novo à sua
veia gasta.
Senti pela primeira vez estremecer-lhe a alma.
Seu rosto virou novamente para o lado da parede fria
onde não havia nada.*

POEMA CIRCUNSTANCIAL

Para João Paiva

*Eu rasgaria hoje todos os meus velhos poemas.
Todos os poemas onde pendurei as minhas emoções
e passei as minhas tristezas.
Hoje eu rasgaria todos os meus poemas
e os dispersaria ao vento
como um bando de pombos voando numa velha praça.
Que o meu poema agora não seja mais a noturna solidão
nem as portas desta noite cheia de estrelas
girando suas luzes nos altos patamares.
E eu para contá-las, só para contá-las, inumeráveis sejam.
Hoje eu vestiria aquela velha capa
comprada a prestação (faz tanto tempo e fazia tanto frio!)
e passearia como Walt Whitman por toda a Manhattan
à procura da poesia.
Os meus olhos se abririam novamente
para surpreender a vida esplêndida e inútil
como todas as coisas esplêndidas e inúteis.
Andaria novamente com passos largos*

*para sentir a terra que me tem
e a alegria que me ocupa.
Ouviria novamente a canção dos realejos
soprados pelas bocas dos mendigos
e acompanharia estas nuvens
que constroem na arca do céu suas máscaras errantes.
Diria que valeu a pena tentar vestir
a minha solidão de roupas novas
e tantas vezes erguer-me do vazio.*

POEMA PARA VERLAINE

*Nas vozes de ontem
choram os amantes
por quem os abandonou
outrora.
Choram sem razão
estas vozes sonoras.
Na alameda alguma chama
existe (um túmulo andam à procura)
a dos amantes tristes.
Choram sem motivo
os amantes (seus amores desfeitos).
Lamentam-se românticos
os amantes perfeitos?
(Só Deus sabe o que fizeram).
É um lamento tão doce
que embala todo o arvoredo
pela luz difusa da manhã*

acesa.

Nele e em nós

um pressentimento vaga

é a fria ausência do nada.

É sem razão este pranto

mas o coração dói tanto.

Na alameda

eles vão

e só Deus sabe entre as árvores

o que eles falam.

TUDO AMEI

Para Adriano Gray Caldas

Tudo amei.

Com este amor de fúria

e de paixão. Tudo amei.

Os meus olhos viram peixes abissais,

a matança dos leões-marinhos, sáurios do pântano.

Tudo amei. A transparência das águas

as formas anfíbias se fazendo vida

como um Deus aprova a sua obra

sem intervir na sua criação.

Amei os sons dos violinos

e dos pianos na chuva. As canções

dos aldeões

e os órgãos das catedrais. Amei

os sinos dos campanários

*e o gorjeio dos pássaros.
Amei a beleza da chama e a transparência
da água; as geleiras e os incêndios;
a morte e a vida ambas purificando-me, tocando-me,
revelando-me à frágil imanência do meu ser:
A dolorida e inútil imanência do meu ser.*

POEMA PARA WALFLAN DE QUEIROZ NO SANATÓRIO DOS LOUCOS

*Não tive coragem de ver-te.
Soube por amigos. Rezas a um deus
do vídeo-tape, falas com ele em ondas
de energias. Trocaste os velhos livros
dos profetas pela cor da luz dos movimentos;
Deus movendo-se no espaço eterno da energia
apreendida. Mataste Cristo, negas Maria
na qual vias as noivas e "tuas amantes
na poesia. Lembro-me de ti em dias tão antigos
na infância. Um carnaval: o rosto coberto
por uma máscara e de repente o rosto
verdadeiro, único, primeiro o antecipa.
Volto a te ver anos depois; debaixo do braço
o livro preferido. Rimbaud te acompanha é teu
amigo. Conheces as estrelas de Verlaine
conversas com elas recitando.
São coisas de poeta e de pássaros.
São Francisco era teu irmão de pobreza,
Jó fazia-te companhia. Nunca ouvi de tua*

*boca um lamento. Os dedos nodosos
a nicotina dos cigarros; os olhos
penetrantes; cavo o rosto,
o cabelo em desalinho. Página a página
passavas recitando Jacques Prévert:
"Lembras-te Bárbara, chovia em Brest naquela tarde".
Chovia em Natal também poeta
no dia em que te levaram ao sanatório.
Só por uns dias, disseram. Voltaste
muitas vezes. Ficaste para sempre.
Onde poderemos encontrar
teus livros agora? As traduções, os poemas
manuscritos; onde poderemos
reler tuas conferências; Rimbaud, Hölderlin,
Baudelaire? Um estranho Deus, mais estranho
que Jeová que tu amaste, te espera,
para juntos subirem as esferas altas
onde só habitam os anjos e os poeta.*

"A visita no Sanatório foi do amigo e contemporâneo de Walflan de Queiroz, João Paiva".

A HORA ANTIGA

Poema para Luiz Rabelo

"Ser poeta não é uma ambição minha
é minha maneira de estar sozinho".

Alberto Caeiro

*Sei que o mistério é denso como a noite.
Que Deus é a alma do absurdo.
Sei que existe uma relação íntima
entre o suicida que rola o tambor do seu revólver
e a sua alma que sonha.
Sei que as serras sedimentaram seus metais
durante séculos
e que nada posso fazer contra os antagonismos
que trabalharam em mim, mil anos.
Procuro ler a beleza
na face oculta de um anjo.
Sei que nada acrescento ao que sou
pois estou pleno de tudo que não fiz.
Tudo que perdi
antes mesmo de ter nascido.
Sei que rompi esta pele
e triturei estes meus ossos
quando me descobri vencido.
Sei que a alma me pesa
o lado avesso
àquele em que me vejo
vulnerável.
Estátua para além da paisagem
em chamas e sombras consumindo-se.*

LEOPOLDO NELSON: VIDA E ARTE

Que fizeste do teu sonho?

*Lembro-me do Lázaro que pintaste
na parede do teu quarto. O primeiro*

*trabalho. A arte. E ele ali
doloroso e terrível te mostrou*

*o outro lado da morte: o frio
e doloroso vazio da morte.*

*Leopoldo Nelson. Grave é a tua arte
solidária e plural*

*obsessiva como uma sala em chamas;
um castelo em chamas. O rosto da amada
em chamas. Porque tudo em ti era uma chama*

*que corria no silêncio dos girassóis
e nas altas vagas do mar. Tudo em ti
era paixão/margarida, tua amada*

*única em todas as mulheres
que pintavas. Nunca foste para outros*

*olhos, para outra boca, outra curva de corpo,
outra ternura que deitavas em folhas de ouro*

*em óleos quentes como um sonho
de lâmpadas diurnas em torno da cabeça
suprema da amada.*

*Viro a página de ontem e te vejo
amigo, herói e íntegro. Pai e irmão,
canção e cor, voz atravessando portas
e obstáculos. Nas folhas enormes de papel
e telas, despejas as águas das tintas,
os óleos do teu sangue. Tua arte é feita
deste jato de luz: um meteoro na inexorabilidade*

*do espaço. Eras assim, incomensurável e erguido
como uma torre, maciço como uma escultura,
leve como um pássaro que voasse ao primeiro
traço nascido do teu coração, qualidade
de quem ama a arte e a vida com a mesma
grandeza da tua fraterna e intensa
humanidade.*

CANTIGA PARA MYRIAM COELI

*Heranças partilhas
em partes iguais.
A fome do chão
a entrega do corpo,
o muro, o tijolo,
o nome, a inscrição.
Navegas no leito
placenta da origem
a dor e a alma.
Sem pranto no rosto
no peito esta brasa
queimando o corpo
crescido de algas
e na ponta os ramos
espinhos que matam.
O limite do abismo
e, no peito esta flor
que alimenta e se gasta.
No tempo e sem tempo*

*os círculos do vento
da tarde que tarda.
A mão que escreve
a palavra tristeza.
És a calma insuspeita
a chama que cresce
a dor que rasteja
em nossa morada.
A partilha em silêncio
o ofício, a palavra.
És a força que move
as tardes abertas
a lâmpada acesa
o poema que escreve.
A palavra saudade.
Nas raízes do sol
o poema inconsútil
sem tempo e sem nome
o poema invisível
sem forma e sem vida
o poema impossível.*

POEMA AUTOBIOGRÁFICO

Para Wanda Barros Caldas

*Nasci, vivi, morri
muitas vezes. Dividi-me
em muitos, multipliquei-me
em tantos. Fui prolixo e inconsequente
autor desconhecido, pintor
às vezes da inútil verdade
da feia e suja verdade;
do pão amargo que avinagra
a boca de tantos
a boca faminta
e anônima da cidade.
Aos murros fui de encontro
às aparências, aos faustos
reinos, às tiranias (todas)
dos negros reis de copas e de ouro
e às rainhas loucas
gritei palavras de amargas tintas
só palavras.
E a minha palavra,
como o sangue escuro
de nada valeu, nada medrou
nada aconteceu. Então sonhei,
sonhei campos claros
manhãs de velas abertas
pássaros brancos, cidades com torres
e sinos nas madrugadas silenciosas
e mortos ressuscitados. E eles vieram,*

*os meus mortos
beber a mesma água transparente
da vida.
Percebi
que eles e eu
éramos a mesma água
a consistência primeira de Deus
aparentemente vida
movendo-se lentamente
sobre as águas
como os oceanos sobre os seus círculos
tão imantados, tão perfeitos
que não transbordam da beira
dos abismos. São certamente a alma de Deus
movendo-se constantemente dentro do íntimo
da vida.
Se sou assim, alma anímica;
se sou assim, água que anima
o frágil ser por instantes
ou séculos, ou milênios;
se sou assim fragilidade efêmera
o que me resta, Senhor, senão plantar
estas sementes que Deus abandonou
em minhas mãos; estas pequeninas sementes
que vou plantando com palavra, cor, traço
que mais parece uma oração (e eu que não sei rezar)
por não entender as máquinas
que moeram os teus ossos, mãe,
as máquinas que moeram o trigo
deste pão amargo, Senhor,
de vosso banquete (vosso sangue
e vossa carne).*

*Por quê no alto pende o teu corpo
inerte
se tanta luz nele reverbera?
Então invento a alegria que deve ser
amarela e pinto os muros
de acácias. Viajo. Um barco de Rimbaud
me espera
agonizo vendo os grandes
"animais marinhos", caminho ao lado de Neruda
e sou tão cotidiano, tão perdulário
como qualquer vagabundo, ou poeta
às portas das grandes lojas
com fome e frio, olhando como um menino
chapliniano os pães das padarias; os pães
sem "balet" de Carlitos
os simples pães dourados
das grandes fomes sem brioches
dos meus irmãos anônimos.
Penso, não é só de fome a nossa
necessidade. Existem outras fomes
e outras túnicas para a nossa andrajosa
miséria;
a fome de sentir, tocar a pedra do tempo
e dizer: aqui sentou-se Goethe
e escreveu a palavra eterna da poesia;
Chopin sonhou prelúdios
e os sons sublimes o fizeram morrer pela beleza.
Porque tudo que é belo dói.
Andei caminhos de Arles; vi os girassóis
de Van Gogh, encontrei sua maletinha de tintas
numa tarde crepuscular
com negros corvos no ouro dos poentes.*

*Eu estava calado e a minha sombra
projetava negras manchas na terra calcinada;
e vi os velhos comedores de Goia
descarnados e ávidos
pela sopa fumegante
ao canto esquerdo da última sala
do Museu do Prado;
porque estes velhos cretinos e mortos
me tocaram tanto!*

*Se Paris amanhece maçã
(Ah! meu pobre poeta José Bezerra Gomes)
porque um louco não lhe deu uma passagem
só de ida para Paris ou Londres, ou Lurdes ou Viena
e não escreveu em seu caderno de poesia
que Tour, a cidade das torres
cheira à hera dos seus antepassados.
Meu caro poeta que de míope só tinha
os olhos físicos; vias pela alma os
jardins de Versalhes e as serras azuis de
Currais Novos num horizonte de bronzes.
Estive contigo numa livraria em Madri; lias
um trecho de Cervantes
e rias do Cavaleiro da Triste Figura
derrubado da vida por um cavalo
(a roda entrava na história).
E tantas outras coisas fui sentindo
nesta poesia inútil,
tantos santos e profetas vi e toquei
de perto; mas entre os mortos e vivos, vi
mais mortos do que vivos.
Na Grécia, de colunas soberbas
vi as fiandeiras,*

*as que teceram a túnica de Ulisses.
Ele voltou a Ítaca, deslebrado
e desencontrado de Calíope, velho
sujo e roto, mendigo novamente
às portas da cidade. Não lhe reconheceram
a não ser por uma estranha e vaga
luz em seus olhos de louco.
Em Pompeia, assim como em Hirochima
(Ah! meu amor) vi os mortos
envoltos no gesso do tempo
e vi seus ossos que por melhor
que sejam as vestes dos embalsamados de todas
as dinastias, os ossos são as armaduras
que não erodizam, não mancham, como acontece
com os bronzes mais puros ou os mármore
mais nobres. Vi seus ossos cobertos
pela cinza do tempo; cinza dos vulcões .
cinza dos átomos. Raspei com a unha as calcinadas
pedras de Pompeia
e trouxe comigo
um pouco deste pó do tempo;
este pó inútil do tempo
que se chama o homem.
Voltei no tempo e em mim mesmo
como um caramujo
torci meu corpo;
sobre minha angústia;
fui menino nos velhos filmes de Carlitos
nos cinemas poeiras aos gritos e palavrões
e as lágrimas primeiras.
Meu pai de chapéu palhinha
com tarja preta*

*caminha na rua "Tavares de Lira",
paletó aberto
passo ligeiro:
levitas, pai, sem presdigitação.
Tu que assistias às missas pelas frinchas
da porta da igreja
como se um pressentimento recôndito de integridade
entre Deus e os homens
tu pusesse de alerta
da promiscuidade humana.
Falo de ti também, mãezinha,
este poema é teu; é a melhor rosa que
colhi do teu jardim; lembras-te do teu jardim?
Da tua primeira casa, a que meu pai construiu
para ti depois de mais de vinte anos
de trabalho ininterrupto, para poder nela viver
morrer, criar os filhos e os netos em lugar seguro?
O jardim já não existe, mas existem as rosas
das lembranças estas não secam.
estas cobriram teu túmulo branco
(fui eu que o pintou) e nele escrevi a única palavra
possível: saudade
A única que sobrevive à minha dor.*

PAISAGEM

Para Dione Barros Caldas Xavier

*Carrego a eternidade
no meu coração. O tropeiro caminha
com as suas montarias. Alguém canta.
Ao longe alguém canta.
Os rios correm nas margens antigas.
Seguirei o caminho das invernias
ancestralidade construtora
dos caminhos. Se inclinam os horizontes
distantes. Em cada légua ou conquista,
o tropeiro empurra o horizonte
pra mais longe. Estrelas crepusculares esparzem
sal num céu antigo.
As primeiras luzes das estrelas.
O tropeiro pensa na família
na possibilidade de morrer um dia
com a família.
A noite vem próxima apagar
os últimos vestígios da alegria.
Manchas de tigre no tapete
do chão de árvores e árvores.
As pedras brilham nas serras
os seus frios corações de pedra.
Alguém canta e esquece.
A paisagem adormece.*

POEMA DA MINHA ALEGRIA

Para Fernanda Maria Caldas Xavier

*Sempre que meu coração
está alegre
estou mais perto de ti
e tudo me festeja.*

Dorian Gray Caldas

Os Dias Lentos



Poesia

Ah, o passado.
O tempo onde se acumularam
os dias lentos.

Busson

PREFÁCIO

Nelson Saldanha

Os Dias Lentos: com este livro, o admirável Dorian Gray Caldas torna a publicar poesia e a confirmar-se como dublê de poeta e pintor (há no Brasil alguns outros ilustres exemplos): um artista que constrói estruturas em campos distintos. Mestre da tapeçaria e dos quadros a óleo, mestre da palavra escrita, o que Dorian Gray Caldas essencialmente possui é uma profunda sensibilidade, aliada a uma disciplina por meio da qual a autoconsciência intelectual gera duas coisas básicas: a humildade e a segurança.

Ao iniciar este prefácio, penso na constância da poesia no Nordeste (tantos bons poetas de todos os estados), e recorro em particular a poesia norte-riograndense: Zila Mamede, Luís Carlos Guimarães, Dorian Gray, sem falar das gerações passadas, que deram, no início do século, o sempre lembrado Ferreira Itajubá, e deram depois o sonetista Araújo Filho, de quem fui amigo pessoal.

Os dias como tema (chamei-os, uma vez, “lápides do tempo”); os dias como motivação e vivência. Sá de Miranda mencionava-os, e dizia-os “céleres todos, mais que ao mar as naves”. Céleres ou lentos, justamente com as naves, a depender do nosso modo de os ver, e do que desejamos deles: convivência, abrigo, ocasião, ensinamento. Que a função dos dias é realmente a de passar, e nisto são como somos: e o nosso passar é, como o deles, célebre ou lento, mas sempre inexorável.

O poeta vê a lentidão dos dias (inclusive no que chama o “ir e vir dos dias”) porque está fascinado pelas coisas que os preenchem: caminhos e silêncios, e vida e a morte, a arte e os rios. Pesam sobre os dias tantas coisas, tantas e tão profundas, que eles se arrastam – e nos levam. Cabe ao poeta, certamente, iluminar a passagem dos dias (e a das coisas), flagrando a beleza. Flagrando e criando.

Com isso podemos mencionar as constantes do novo e substancioso livro de Dorian. Elas se impõem durante a leitura e revelam o mundo do poeta: pássaros, árvores (inclusive árvores mortas), a vida, o sexo, o amor, o mar, a noite, as cores. Há também as alusões a Deus e à morte.

No poema “Nós e a noite” antecipa-se a referência contida em “Perto de minha alma”. No poema “Da Noite” o tema reaparece fortemente colocado:

*Penso nas noites redondas,
nas noites fechadas
como punhos cerrados.*

Recordo o poema de Jorge Luís Borges, que fala da noite, cujo universo “tem vastidão do ouvido/ e a precisão da febre”.

Mas, em cada poeta, o elenco de elementos constantes se organiza de determinada forma. E esta forma é uma linguagem: poesia e linguagem (não somente linguagem), na medida em que ordena imagens e cria um clima específico. Em Dorian Gray, encontramos algumas insistências, fruto de uma imaginação literária ligada à vida (Bachelard dizia que só o apego ao real desenvolve a fanta-

sia), ligada ao existir como dureza e como encanto. E com isto cabe aludir ao tom da densa poesia dos “Dias Lentos”: misto de litania e invectiva, com algo de anotação lírica e de enumeração do cotidiano. Um tom frequentemente sereno, expressão de uma maturidade que é sobretudo plenitude. Apesar da angústia: a angústia sempre recorrente, denunciadora das tensões do viver (como, entre outros, no poema “Reino”).

E é uma poesia feita de lembranças. A imaginação e a memória reconstroem os dias (lentos?) do passado, como na alusão à casa do avô, ao trem, às mangueiras, ao bonde (“das horas e dos dias”). Entretanto, é dura “a pancada dos vidros fechados/ nas portas da memória” (“Triunfo”).

Como não poderia deixar de ser, a poesia de Dorian Gray Caldas apresenta inúmeras alusões à arte, ou antes, às artes. Desde logo à pintura, como no caso de “bem poderia ser um quadro de Watteau”, de “Passeio no museu, velhos afrescos” e de tantos e tantos outros. No citado “Das horas e dos dias”, há referência aos cães.

sonhando com gatos voando acima dos telhados

Parece obviamente uma citação de Chagall.

E depois a música, inclusive a de Mozart, tocado pela tia.

Mas, particularmente, a poesia.

O livro alude constantemente à poesia e a poetas: Rilke, Baudelaire, Homero, Whitman, Verlaine, Fernando Pessoa, este com várias referências. Vejam-se, entre outros, os poemas “Da poesia”, “Canto”, “Poema para Rilke”, “Falar de poesia”, “Ponto e contraponto”, “Ao mar”.

Poder-se-á pensar então no caráter da poesia contemporânea, em que muitos percebem a marca da intertextualidade, a constante referência a textos alheios: o poeta como um fabbro (para usar o termo de Elliot mencionando Pound), um artesão que dispõe de materiais já trabalhados por outros. O poeta conhece as frases de Dante sobre o amor, as de Baudelaire sobre a morte, as de outros poetas sobre o tempo ou sobre as nuvens. O poeta pode trabalhar diretamente sobre às coisas (amor, morte, tempo, nuvens), mas ele conta com os textos dos outros – além de contar com as pedras de Veneza ou as sonatas de Beethoven. Isto pode complicar o afazer do poeta, enredando-o em problemas que são, aliás, a delícia de certos críticos; mas pode enriquecer o seu trabalho.

Eu diria que os poemas de Dorian Gray Caldas são, e ao mesmo tempo não são, um relato de leituras. São-no; mas, mais do que isso, são um testemunho de uma sensibilidade que tornou possíveis e fecundas as próprias leituras: deu-lhes, a elas e a toda formação cultural do autor, uma função instrumental e ao mesmo tempo orgânica. Sem a sensibilidade, as leituras são só um informativo; sem as leituras a sensibilidade é só uma vibração gratuita.

Dias lentos: um tom sereno e amargo, que adere ao passar do tempo e que o registra. A vida vai-se perdendo, mas o poeta reencontra as porções mais válidas do que se perdeu. Abre os braços “para salvar-se do naufrágio”. Assume-se como “máscara arcaica”, mas sabe que as estrelas e as árvores são-lhe solidárias.

A lentidão dos dias faz-se, portanto, do variável ritmo do viver. A lentidão é o próprio passar, ininterrupto, das horas e das situações. E aqui digo passar com um sentido duplo: o de ter um

desenvolvimento, ou um curso (como acontece com todas as coisas de vida), e o de desaparecer, seguir e ir-se no tempo. O que se vai no tempo, vai não se sabe para “onde” é dado no espaço. O poeta, entretanto, capta este jogo estrutural e existencial do espaço e do tempo; capta-o nas lembranças, que incluem vozes e espaços, e na continuidade das vivências, que se situam dentro do viver e reúnem o ontem com o hoje.

Concluo. A arte é longa e os dias são lentos, diria, em tosca paródia de Mefisto. E um prefácio não deve ser somente (nem propriamente) um estudo sobre o livro: deve ser sobretudo um convite à sua leitura.

Recife, 1 de novembro de 1997.

ÍNDICE

OS DIAS LENTOS

- DA VERDADE 385
DA POESIA 386
ESPELHOS 387
A MEDIDA DOS DEUSES 388
DA CRIAÇÃO 388
DIANTE DO MAR I 389
CELEBRAÇÃO 390
LUZ NO RIO 391
A VISITA DO PAI 392
DO IR E VIR DOS DIAS 393
O OUTRO LADO DAS SOMBRAS 394
TRIUNFO 395
MARÇO 396
DAS HORAS E DOS DIAS 397
DE VIAGENS 399
DA DESPEDIDA 400
OS DIAS E TALVEZ OS ANOS 401
DA INVENÇÃO DO AMOR 402
DA DOR 403
MOISÉS 404
NOTÍCIAS DA GUERRA 405
UMA ROSA PARA CARDINAL 406
PEDRA DO SONO 407
INTENSAMENTE AZUL 408
REVELAÇÃO 408
O LIXO 409
CANTO 410
POEMA PARA RILKE 411
NÓS E A NOITE 411
IAIÁ 412
UMA FRUTEIRA DE MONSTROS 413
A UMA DAMA 414
FALAR DE POESIA 414
CANTIGA 415
OLHOS 416
CARNAVAL 417
PAISAGEM DE FIM DE TARDE 417
A UMA DAMA II 418
POEMA PARA UMA JOVEM CEGA 419
O BREAK 420
DE RIOS 421
PAVÃO 422
BOI QUE VAI AO MATADOURO 423
DE ESTRELAS 426
SEGREDO 426
DIVISÃO 427
OS VELHOS JOGADORES 428
AO MAR 429
DO TRANSITÓRIO 431
RETRATO 433
PERTO DE MINHA ALMA 434
BEM PODERIA SER UM QUADRO DE WATTEAU 434
DO IMPONDERÁVEL 435
DA BELEZA 436
A HORA DO ÂNGELUS DE MILLET 437
UM POEMA CRETINO 438
ALTAS TORRES 439

DO SONETO SEM SENTIMENTO I 439
DO SONETO SEM SENTIMENTO II 440
JOGO DE GAMÃO I 441
JOGO DE GAMÃO II 442
REINO 443
ODE AO PÃO 444
POEMA PARA A AMADA 445
DA ESPERA 446
O FRUTO MADURO 446
A HORA DO ANOITECER 447
AINDA 448
PASSEIO NO MUSEU, VELHOS AFRESCOS 449
CARNAVAL, ÚLTIMO DIA 450
BAILARINA 450
POEMA PARA UM CEGO DO ABRIGO
NOTURNO EM DIA DE FESTA 451
NA PONTA DOS ÚLTIMOS RAMOS 451
METAMORFOSE NO CLARO-ESCURO 452
PARÁBOLA DA ÁRVORE 454
MAÇÃ 455
SEMENTE/FRUTO 455
VIAGEM INTERIOR 456
VISITA 458
DA NOITE 458
DIANTE DO MAR 459
PASTORAL 460
NA CASA DE MEU PAI... 461
OS DEUSES ESCREVERAM 462
COLINAS 463
HOMENAGEM A KANDINSKY 463
FLORENÇA 464

O MANGUE

O MANGUE 471

DA VERDADE

*Senhor, dá-me mais um verão
e eu continuarei a parte
que me cabe neste ofício.
Sei que um verão é pouco,
mas se assim peço
é para que possa erguer-me
das minhas fragilidades
e sob a sua luz
escrever teu nome;
pois tudo que faço recolho
do teu silêncio.
Se não respondes às minhas
perguntas e muitas vezes
retiras de mim o crepúsculo
e a rosa,
tento descrevê-los ou faço-os
com meu sangue.
Não vês que tudo o que sou
do mais sólido ao mais insustentável
é para louvar-te e para os teus
olhos infinitos se dirigem?
Senhor, tenho-o procurado
nos abismos se não te vejo,
é porque no outro lado
da parte que me coube
falta completar-me.
Se há silêncio, quando a morte
me procura, é porque dentro dela
desde o principio e só a ela
pertence a verdade inominável.*

DA POESIA

*A poesia faz-se de coisas simples.
Este é o seu mistério. Se pela primeira vez
digo rosa, faça-se rosa. Nisto consiste
sua arte. Tocar no cerne das coisas
com tal leveza como deus criando
a natureza.*

*Porque na verdade só existe a rosa
se descobrirmos nela seu mistério.
A pele da maçã é que guarda sua íntima
doçura. Nada do que existe é importante
se não amamos com intensidade.
Intensidade do criador pela coisa criada.
Intensidade do operário que ama
a sua ferramenta e nela vê gasta
a sua própria vida.*

*Não tem importância a pedra do caminho
se existe ou não uma pedra
que é uma pedra, mas se olharmos
fixamente a pedra poderemos descobrir
talvez o segredo de todas estas pedras
que giram há milênios nos espaços vazios.*

*Não tem importância seus olhos que às vezes
olham-me oblíquos e de voos rasos;
mas se demoram nos meus olhos
sinto sua vida transbordando de sua alma.*

*Pois eu sei que o rio que correu
dentro de mim só foi profundo
por ter meu sangue fluído para o seu
num só impulso;*

*e ter a semelhança de todas as viagens
o desejo de ir assim doando-se.
- Olho fundo no espelho.*

ESPELHOS

*Dormes no meu sono. Os frutos
nas compotas,
tempo de madureza,
Na paisagem em flor
os teus olhos indomáveis como a vida.
E vinhas de corpo e pele claras
nas transparências do vestido.
Vinhas na luz da tarde como se tivesses
asas aos voos dos espelhos.
À noite, eu recolhia
(como um navegador)
a tua voz noturna na molhada
sombra do teu beijo.*

A MEDIDA DOS DEUSES

*Basta dizer uma só vez
te quero
e cada dia cada primavera
minutos e séculos se resumem
nesta palavra simples que todos os amores
iguais ao meu revelam.
E sofro porque mesmo te amando
sei que a mais alta montanha
a curva do horizonte a estrela
que nos viu, já são distâncias
que nos abandonam. Esquecidos
desta vã medida que os deuses impõe às nossas naturezas
vamos falando distraidamente
sem saber que já é despedida.*

DA CRIAÇÃO

*Se escrevo uma palavra,
ponho a vida acordada.
As linhas da escrita vão nascendo
do milagre. A paisagem vai fiando,
as árvores e os ramos verdes;
qualquer coisa estremece no sono
onde crescem por si mesmos
os seus cabelos. O vinho transborda
da taça. Dormes nua nos espelhos.
A cal das velhas casas ressuscita*

*lembranças. Um pássaro em minhas mãos
sonha distâncias atlânticas. A poesia
abre no meu coração um ramo negro
com uma flor de sangue.
Se escrevo a primeira palavra
ou se nem se quer escrevo, a dor
me ensina o disfarce. Corto
a laranja em quatro fatias
de ouro. Espero o estranho para o almoço.
No poço dos meus olhos fatigados
há um erro de cálculo; a morte
chegou tarde ao encontro.
Dorme no meu sangue o som
dos violinos.
Mais uma vez escrevo
e mais uma vez destruo as lembranças.*

DIANTE DO MAR I

*Retirem de mim estas luas frias
estas praias desérticas, estes jardins
incendiados.
Retirem de mim esta selvática urdidura
de sombras. A vida é um relâmpago.
- A morte vem em nossa direção
uma bicicleta na infância –
uma canção de acalanto:
dorme, menino, dorme.
Morre, menino, morre.*

*Os móveis ardem na chama dos vernizes.
As maçãs apodrecem nos cristais.
Um grito em tua memória
como um tiro. Pai, morro.
Quero a cal das manhãs
sal do sol, a proa dos barcos,
a barba dos peixes,
as longas cordilheiras de ferro
deitadas na costa do Atlântico.
Dá-me uma manhã
que eu novamente verei
o espírito de Deus
pairando sobre as águas.*

CELEBRAÇÃO

*Falo a ti
o que jamais teria dito
o que estava aparentemente extinto.
Falo dos altos dias de ardentes
durações; aqueles dias vividos
diante do mar,
até apagarem-se as últimas lâminas
do crepúsculo.
Falo de ti com esta convicção
dos deuses de que os dias
sobram-me do tempo.
Festa em teus ouvidos de curvos oceanos.
falo de ti, de tua beleza*

*de erguida torre,
ritual na celebração
como quem prepara a morte
na curva do único e último
instante.*

LUZ NO RIO

*Plataformas de luz
no fim da tarde.
Sombras passam sobre o espelho
das águas, barcos ligeiros
(ou lentos) que, ao passar,
duram a eternidade.
Já não são os mesmos: mudou o vento
oeste. A vela do barco inclinou-se.
Passaram nestas águas as tardes
os barcos e as viagens.
E vim de novo sobre a mesma murada
ver os barcos inclinarem
a vela ao vento forte que sopra
dos arrecifes. Não são os mesmos
agora. A minha alma é que passou
antes do fim da hora.
Passou como um pássaro
desafiando a luz
e era a luz do rio
que vibrava.
O meu coração estava frio.*

*Tudo que amei deitava-se
nesta hora como o sol
na chama do sol posto.
Tudo que eu tive foram estas horas
náufragas. Estas gotas de água
trazidas num cesto. A pesca
que não fiz. A inclinação da vela
(ou a vida) na tarde que passa
levada pelo rio.*

A VISITA DO PAI

*Ressuscito os meus mortos; recomponho
a geografia do tempo nos retratos.
Os mortos falam. Não têm sono
os mortos. Movo suas pedras. Debaixo
de tuas pálpebras a noite apagou
o brilho dos teus olhos. Deserto de estrelas.
Só a noite é
cúmplice dos teus olhos.
Estou agradecido pelo encontro
no grande terraço do tempo;
escuto a tua voz
profunda. (tuas mãos estão frias;
tua roupa é de casemira inglesa
e eu menino num Natal com
uma caixa de chocolate coberta de neve
de papel picado.) Falas do teu reino
e não te entendo. A culpa não é tua.*

*Somos ao mesmo tempo medidas diferentes
que se aproximam como as pontas
de um compasso; um milímetro nos separa.
Nele cabe a eternidade.*

DO IR E VIR DOS DIAS

*Conheci caminhos, outros inventei,
outros sei existirem fechados,
círculos densos
de pedra; tumores calcinados.
Caminhos de terra
conheço a secreta
mecânica. Dispo-me de toda vaidade
como um molusco saído da concha
sua carne viva, esponja tocada
pela luz selvagem do dia em que envelhece
meu antigo orgulho. Eu que não tenho
orgulho nem de estar vivo e convivo
entre coisas e vou como um rio
em que nele posa (por momentos)
refletir a minha imagem,
possa prolongar-me na alma dos rios.
Eu que não procuro ser profundo
e já cheguei tarde à festa, ao "rock",
ao encontro, ao banquete, aos teus olhos
de verde pedra cintilante como um escaravelho
de vidro; eu que perdi o bonde, a viagem,
o trem, o metrô e a vaga no escritório.*

*Eu que estou só e gasto no meu
tempo de cinzas e de sinos. Entre silêncios.
As vozes de ontem (a chuva nos prendeu
debaixo das marquises) passos, cidades, ruas
viagens: te visito. Escuto teus sinos.
Te visito, Fra Angélico leio teus olhos em Assis.
Toco os bronzes dos leões
da praça de São Marcos; as gárgulas de pedra
das igrejas medievais. A minha paisagem é sempre
onde Miguel Ângelo jamais pensou seus mármores.*

O OUTRO LADO DAS SOMBRAS

*Eu que sempre pensei o meu ofício
mais útil e mais belo porque
esta era a vontade
dos deuses. Agora eu sei que os
deuses me esqueceram. Estou em mim,
ferido como um bicho que queimou
as suas patas de fogo e só pisca os olhos
de vermelhas gotas de sangue.
Estou em mim, seus jardins que ao crepúsculo
as cidades erguem além das torres das igrejas.
Rilke já não escuta meus poemas
ao cair da noite. Na igreja de Raron, entre
altas colinas, só ficou a inscrição
na sua pedra tumular "sono de ninguém
sob tantas pálpebras". A noite conhece as nossas perplexidades.
Neruda me acompanha: "simples como um anel"*

*iluminado como uma pétala de água
no círculo da onda: um gesto de Carlitos.
Tão evidente que não precisa de palavras
para o riso da criança ou a disfarçada
lágrima dos velhos. Eu que não aprendi nada,
que sempre fui lerdo para o entendimento
das coisas essenciais do mundo, procuro
agora conhecer as razões das distâncias
dos homens das estrelas e nossa necessidade
de explicá-las. Só imagino a árvore
pelas raízes, os segredos pela ausência
do saber; o infinito pela necessidade
da conquista. Nunca chegarei lá, mas sei
que o impulso é que move o ritmo
do infinito. Ele revelará o segredo da esfinge,
o outro lado das sombras e dos deuses.*

TRIUNFO

*Estamos separados de uma a outra eternidade.
Estamos longe um do outro
na determinação do tempo.
Raízes te anunciam; solidões te festejam.
Para mim um cálice de veneno.
Como é dura a pancada dos vidros fechados
nas portas da memória. Tudo foi ontem.
O flanco do teu corpo, o arco de tua cintura,
as rosas perfumadas das estrelas; os primeiros
sinais da vencida timidez, o primeiro triunfo;*

*a nossa cumplicidade. A primeira posse.
Como era doce o licor e a montanha de tuas coxas;
o erguido seio oscilante e vibrante como um pássaro
vivo. Os fios dos teus cabelos separados pelas minhas mãos
para que do teu rosto e dentro dos teus olhos
surgisse a primeira e secreta harmonia do teu ser.*

MARÇO

*A chuva bate no teu rosto
com uma carícia. Chuva de março.
Esta chuva de ontem. Gota a gota
a chuva prepara a lembrança. Anéis
de fogo, vestidos claros
nas estamparias de uma rara floração.
Primavera. Vens de vagarosa fadiga.
(Como é difícil o erguer-se dos mortos)
A fadiga dos mortos. E vens na chuva
de ontem, sem forças para a viagem.
Lentamente, trazida pelo frio no
corpo que não vi se romper como
as águas de março ou o fruto sazonado.
Continuas a viver do mistério da morte
do milagre talássico. Respiras novamente
(um leve respirar de Deus) e tua boca
tem a curva do beijo e o teu corpo
o arco da posse. És um som separado
do meu grito. És o peso de pluma
no tapete. A lâmpada acesa trabalha os ferros*

*floridos da cama onde dois amantes se amam
além do tempo e da morte
nas primeiras chuvas de março,
num tempo sem memória.
Começo a viver a minha hora,
pelo vazio que me toma ou do que fui
secretamente um dia.*

DAS HORAS E DOS DIAS

*Desfaço-me das rimas da poesia,
das palavras bem comportadas,
das roupas escuras, dos pássaros
e dos pianos, dos chapéus escuros
(meu pai usava um chapéu de planilha
com uma tarja preta), dos meus preconceitos.
Desfaço-me de tudo para que a poesia
fale de mim. (minha tia tocava Mozart
e chovia brancos pássaros na calçada
nas noites de cobertores de lã pobre).
Firo-me com as navalhas das barbearias
conversando com Cezário (que era meu barbeiro
e sem explicações suicidou-se), conversando
longamente com o meu engraxate, enquanto
o bonde passa sobre o meu sono.
(O trem no verde de uma mata escura
e as mangueiras no mais íntimo dos quintais
adoçavam as mangas nas folhas das espadas.)
Na casa do meu avó era noite pousada*

*nos brilhos de olhos nos olhando. Delirava.
De sonhos de febres de visões; das manchas
escuras saindo do reboco da velha casa;
leprosos e mendigos com as mãos de enorme
carnadura pedintes mutiladas e frias.
Todos estavam mortos dormindo nos seus leitos.
Os livros fechados e os cães
sonhando com gatos voando acima dos telhados.
Ardiam chamas de uma remota floresta,
onde pássaros calcinados se torciam de vermelhas
tintas nas luzes dentro do quarto. Sentia remorsos
pelos meus pássaros mortos; pela ausência da manhã,
pelo frio do cárcere onde jogaram o corpo
do jovem seviciado pelos policiais
na hora da repressão. Sei da hora
amarga, do ódio, da faca, do fio de sangue
da espada, do alvo que se treina
para atingir a cabeça do indefeso.
Onde estão seus restos, amiga, sua carne
rosa debaixo de sua pele; onde estão
seus olhos invadidos do medo?
Alguém matou a amada. Deus ou os médicos
rodearam seu leito e já nada mais havia
que fazer. Não sei se isso foi
dentro de mim ou fora de mim. Foram-se
os anos, mais a dor ainda me visita
com seus olhos de fúria incontida.
Golpeio suas chamas com um chicote
que levanta a ponta mais alta da onda.
Meu sangue sabe e me avisa.*

DE VIAGENS

*A chuva abre em leque. Deito-me
nos degraus da catedral. Da bocarra
esguicha a água lustral
sobre a pedra. Violino em março.
A catedral arde em chamas.
Escuto um pássaro entre mil arrulhos
de pombos, só um pássaro canta.
A pedra me devolve passos antigos,
nobres em festas galantes; carnaval
de espelhos; falsos brilhos. Uma dama é
assassinada. Atravesso
os canais estreitos; as fechaduras
de bronze fecham à intimidade
dos palácios frios; água escorre das paredes.
Pinto Varoneses – Ah, as tintas que matam
ou acendem os crepúsculos venezianos.
Um homem solitário quase ao anoitecer;
toca violino. As pedras repousam séculos
de íntima doçura na água impura
de ilha/cidade.
A minha vida foi um dia
nos teus olhos de sombra.
Veneza é uma ruína ou uma
joia na minha alma submersa.*

DA DESPEDIDA

*O quanto retiro em ti procuro
E sei que nisto a minha vida se resume;
Procurar o que perdi e que não tive
Esquecido do meu próprio nome.*

*Fiz deste motivo esta constante lida.
Ao poço profundo fui à sede consumida.
E mais não fui, por não saber
Quanto amor consentimento tive.*

*Ao exercício diuturno de querer-te,
Finalidade e drama deste enredo.
Herança que não tem segredo.*

*E te acrescenta em tudo
Que se ama, e quanto mais ama
Se perde neste amor desde que é drama.*

OS DIAS E TALVEZ OS ANOS

*Comecei muito cedo a viver por dentro
no meu ser mais íntimo,
a duvidar dos meus próprios ossos
e ver a minha alma defronte dos espelhos.
Gastei a pouca sabedoria
no longo convívio com os livros
e a pouca ciência que não tive
paciência de aprender. Fui à luta
para cumprir tarefas, ser gentil,
amável, serviçal, sem reservar para mim
nenhuma rosa no meu jardim noturno.
Hoje olho para fora. Desmesuradamente
para fora de mim mesmo. Procuro
sentir o que me rodeia
com os olhos abertos e o coração
fechado. Sinto a vida que se debruça
fora do alcance dos meus movimentos
procurando
o ar saudável, com as mãos firmes
para salvar o pouco que restou
do incêndio. Tenho os olhos secos.
Perdi a capacidade do sonho;
a indulgência dos simples;
a paciência com os medíocres.
Estou só como árvore morta,
um rio seco com suas cicatrizes
de sol. Não tenho palavras de amor
para festejar-te, amor. Se abro os braços,
e para salvar-me do naufrágio.
Na minha solidão, queimam-se os astros.*

DA INVENÇÃO DO AMOR

Inventei o amor.

*Conheci Beatriz e morri no deserto,
com Manon Lescaut. Fui amante de passagem
nos quartos de pousadas miseráveis; amante
inconstante cruel e irresponsável. Fui marinheiro,
caixeiro viajante, perdulário, certamente tudo
isso fui. Não escrevi um verso sequer de amor
em toda a minha vida; nenhuma linha de carta;
nem reparei nos seus olhos o crepúsculo
da velhice. Amei só de passagem. Amor de cigano
sem violino nem luas. Amor maduro não tive
na minha lira dos cinquenta anos "Deus não
me deu um amor no tempo da madureza". Só
me aconteceram amores imprevistos, inconsequentes,
impróprios, ao acaso da sorte entre espaços
de viagens de trem que nunca chegam
a parte alguma. Amei estes desencontros; estas
manhãs de papoulas vermelhas nos jardins dos
meus solitários caminhos. Amei as estações
noturnas, os músicos anônimos (um acordeão no
silêncio mastigando rosas), amei os amantes tristes,
os saltimbancos, os noivos de Chagall; os amantes
que nunca se encontram; os guarda-chuvas
e debaixo deles os vultos que se abraçam
atravessando a rua, "lembras-te, Bárbara, chovia naquela
tarde em Brest". Amei o amor pelo amor somente,
em todas as mulheres, com o ódio profundo
e o mais terno sentimento do homem.*

DA DOR

*Amo o negro sol. As árvores mortas
Os olhos da loucura. Amo o morto
que em mim vive. O cacto da minha
alma. O duro espinho.*

*Estou só como uma catástrofe
que passa e assalta em sua fúria
o que estava firme entre o céu
e a terra. Amo os mendigos
exaustos sob o peso dos anos,
com seus bolsos rotos e vazios;
suas febres, seus lençóis de areia,
seus degraus de dura pedra,
seus palácios onde as portas
estão sempre fechadas para eles
ostentando o brilho dos mármore
e o ouro das inscrições.*

Tens direito ao silêncio?

Ah! O silêncio dos mortos.

A dignidade dos mortos.

Sem lembranças, sem orações, sem crepúsculos.

*Sob o fluído tremor da dor
dos que te deixaram, ouves os gritos
dos vivos?*

- Todas as noites rezo o paraíso.

MOISÉS

*Parece que às vezes vou esculpindo
o teu rosto na cava do monte
e ele se ergue alto como se da altura
pudesse dominar a minha mão,
tapar a minha boca e fechar os meus olhos
na poeira que sopra desde a criação.
Teu orgulho faz as tuas palavras escritas
como brasas queimar o meu peito
cheio de dúvidas da verdade.
Então te destruo, porque nada que explique
à criatura tem duração
maior que pensar em ti,
sem limite nem medida à tua eternidade.
Afastada a ideia de perder-te,
liberto o teu corpo que separa
os continentes e os mares
no simples mover de teus pés
no círculo de milênios.*

NOTÍCIAS DA GUERRA

*Os cães farejam a flor do sangue.
A morte não é a glória do herói.
O herói não sobrevive à medalha.
A alma estilhaçada.
Por um segundo a covardia se repete.
Esta é uma notícia de jornal guardada;
a planta de uma cidade em ruínas.
Registro ainda um campanário
de onde fugiram os passarinhos.
A fuligem da guerra
onde foram casas, árvore, jardim.
Alguém atravessa a rua (e tem medo)
a guerra inevitável chegou cedo.
Os homens se mataram e se odiaram
com a mesma insensatez,
sem saber que a história se repete:
Troia foi pretexto de uma farsa,
o dia mal começa e a náusea
é mais intensa
esta é a herança nos campos de batalha
sem túmulos ou parentes dos mortos
lá deixados. Tudo se apaga na dor dos deserdados
pela ausência. A dor do esquecimento.
Lembrar-te (teu riso por momentos) abre
um leque de luz (ou chama) nos céus
de fogo e cinza.*

UMA ROSA PARA CARDINAL

Estou mais velho hoje. Velhíssimo.

*Estou com um mandarim num vaso chinês
de antigas dinastias curvado pelos anos
ao fundo de uma paisagem de azuis indefinidos.
Leio cardinal e sinto também que a nossa vida
ou a minha vida assim como a dele "son los rios
que van a dar a la muerte."*

*O tempo passou rápido como uma sombra de pássaros
que voaram além dos montes altos. E não terminei o meu
poema.*

*Estou entre dois mundos: o de ontem e o de hoje
e este grito dos roqueiros e esta dor no peito
e este estar entre coisas e não mais sentir o calor
que elas emitem (calor ou vibração ou emoção).
É belo este grito dos roqueiros. É belo o grito
angustiante de um animal ferido na floresta. Um e o outro
morrem neste grito.*

*Leio Cardinal. Estrelas no seu poema. Estrelas frias, estrelas
peregrinas, estrelas sobre a Nicarágua, dorida e mal-amada.
O homem é o crime do homem. E eu sem aptidões,
despreparado
para este novo mundo. Eu que não sei
engatilhar uma arma.*

*Estátua grega mutilada dos braços, perfil de um deus numa
moeda
de ouro enterrada na areia
do tempo.*

Homero sem olhos para a nova ordem. Matar.

Fome sob as marquises. Ardem as febres dos mendigos

*Nicaraguense, Nicarágua. Estou distante de ti, meu irmão
Nicaraguense,
distante de tua poesia, Cardinal,
com uma rosa vermelha no peito.*

PEDRA DO SONO

*Inanimado, ali, morto
o objeto. Quedo nos olha
seu olho de infinito. Grão
da esfinge. Pedra do deserto,
férreo coração pulsando, metal
inútil, compacto bruto em argila
sedimentada pelo tempo,
trabalhada pelos ventos,
codificada pelos sábios,
retirada das mãos
para o alto.*

*Estrela, alva, meteorito
enigma de sete pontas, explosão
de urânio, partícula mínima
deste plural dos mundos. Pedra
jazigo de todos os mortos,
abrigo de todas as formas
modeladora do infinito
grão do paraíso. Pedra
solidão de ostra, metamorfose
do verbo. Existes antes
e depois do universo. Pedra
do sono. Pedra.*

INTENSAMENTE AZUL

*Estava azul o céu.
Doíam-me as pálpebras tanto era o verão
dos olhos de Deus de órbitas vazias.
Das velhíssimas ondas e pelas bocas inúmeras
das águas, renovavam-se as formas de vida.
Nascer de novo num dia assim, distante assim
em novas águas talvez a alguns milênios (quando?)
num outro sol, em outro clima
ao brando calor de um lar distante como este
com todos que amei e já perdi
e começar novamente a contar
grão a grão (oh! terra plural e sábia.)
a vida.
Vida, vida que me resta?*

REVELAÇÃO

(Hippie com filho na praia quase ao anoitecer)

*Guardas a tira de veludo azul
com os colares
as contas de vidro
os latões de curvos braceletes
feitos por tuas mãos trementes.
Anoitece.
Outro veludo abre no céu
seu pano de estrelas perfumadas
do jardim profundo da noite;*

*tão profunda que nunca poderás
entendê-la.*

*Teu filho, orgulho redivivo
de tua ruína, aos teus pés
está e vê
sobre os olhos das
últimas estrelas
Deus separando as sombras da luz,
o lírio do lixo,
a cruz da dor,
o milagre da morte,
o pai do filho,
num sopro
e indivisível.*

O LIXO

*Um bando de crianças
aves famintas, asas de roçar
nossa tristeza, anjos negros;
fumam, pulam, pululam no lixo
que queima seu fartum de estrume.
E eles riem, avançam nos detritos,
gritam, esquálidos bailarinos no ar
do negro colar dos restos que a cidade
dejeta.
Uma papoula branca floresce.*

CANTO

*Eu serei um poeta novo
chegado a um mundo caduco;
um poeta decididamente antipoético
antilírico,
antiestético,
Recitarei códigos.
lerei teoremas,
escreverei gráficos,
fórmulas visuais,
todas elas indecifráveis.
Poesia é principalmente mistério
Ou serei um poeta bem ao estilo paulistano,
reeditarei a semana de 22,
convocarei a imprensa falada,
escrita,
televisada
e darei a boa nova para que todos saibam que descobri
uma nova linguagem poética.
Ou serei aquele poeta
que o nome já é uma ofensa,
um deboche,
aquele poeta vulnerável ao soco
do qual nos fala Fernando Pessoa. "E pra fugir da possibilidade
do soco",
me enrolarei no tapete das conveniências,
nos degraus das escadarias palacianas
e recitarei poemas de Verlaine.
Encherei meus pulmões do "spleen"
e ébrio de tédio lúcido, cortarei meus pulsos;
ou serei sempre
este poeta mendigo*

*e jamais revelarei a minha poesia,
a minha absurda e
inútil poesia.*

POEMA PARA RILKE

*Ah! esta essencialidade do nada.
Esta vastíssima essencialidade
que me toma como de um vaso
o perfume ou da alma ameaçada
do corpo tão inútil
o peso dos anos. Tão duramente
o peso dos anos. Mas se de coração
quase inaudível ainda se escuta
o sopro do amor (foi tão longa a revelação)
pétala da alma se faça,
pluma que voa, vaga flor.*

NÓS E A NOITE

*Os deuses brincam de eternidade.
As suas mãos invisíveis
precipitam os astros nos espaços
de tempos e tempos
demorados.
E nós, invejando seus poderes,
ficamos quedos,*

*numa infinita vontade
de ser as suas sombras
quando (que relação tão pequena)
elas passam (e a noite abre
suas águas negras)
entre os astros devagar.*

IAIÁ

*As iaiás de hoje
já não dormem em redes de tucum
nem dançam o lundum
na negra noite das noites brasileiras.
Nem tem feitiço, nem requebro,
nem chamego, nem mandinga pra mexer
com o corpo e a alma da gente.
As iaiás de hoje são meninas-propaganda,
são "experts" do vídeo ou das capas de revistas
pornô, com ou sem adesivo em suas peles nuinhas
de musas brasileiras.
As iaiás de hoje sonham de cabeça para baixo
um dia se tornarem o símbolo sexual brasileiro
(que anda meio andrógino) com todo o direito
de uso e abuso.
Não se fazem mais iaiás como as de antigamente!
Ou se fazem? E até melhores?*

UMA FRUTEIRA DE MONSTROS

*Do pedestal
(e nem se adivinha
cristal
tão transparente
rigor nas curvas finas)
se apoiam
os pés dos monstros.
E sem disfarce
ainda mais se acentuam
no cristal tão puro
os feios pés dos pequeninos monstros
e um só torso
em água tão pura que talvez
alguma rosa a sua cor
por momentos conservasse.
Eis que os bichos
feios e doentes
de algum conto sombrio
- mito ou duende de uma floresta de sangue -
assumem o círculo do alabastro
vaso onde um fio
quase imperceptível
irrompe a veia tênue
do cristal partido.*

A UMA DAMA

*Em meio à festa e a solidão,
os dilacerados vocábulos e a explosão
das luzes
nos sons vibrando entre os cristais
mais finos
que o óleo dos batons
fazem mais rubros.
Em tua volta, surpreendes os risos
e os gestuais desejos e as disfarçadas críticas.
Teu olhar persegue
(animal ferido) um gesto apenas
de calor humano.
E voltas sempre aos teus limites
onde contém tua emoção
e esgrimas os dedos longos
num indisfarçável tremor
- sopro da alma,
entre as palavras
ditas ou pensadas.*

FALAR DE POESIA

*A poesia cai na alma
como uma gota de veneno.
A poesia cala a minha boca.
Abre suas asas de água
e fica na memória perdurando.
Grandes asas hibernadas.*

*Pássaro nas mãos.
A poesia queima sua poeira de tempo
na concha de minhas mãos.
Cinzas de ontem.
Pedra de fechadas raízes.
Sangue de lanças antigas.
Na noite, revela-me seu poder.
Eu queria esta herança – ilha.
E esta janela que se abre ao metal
do dia.
Revela-me, poesia,
sua identidade imprevisível.*

CANTIGA

*Tudo esqueci
e foi antigamente.
A varanda do sobrado,
a casa vista do cerrado,
a chuva pelos telhados,
a morte docemente.
Docemente ao meu lado.
Tudo esqueci
e foi antigamente.
Os teus olhos se fecharam
como duas asas de pássaros.
As lembranças regressaram
bem distantes
ao passado.*

*Docemente do passado.
Tudo esqueci
e foi antigamente.
Uma saudade doendo
docemente,docemente.*

OLHOS

*Olhos que olham por mim
dizei:
Tardavam as negras águas?
Os fios da roca
fiam a vida?
A pancada dos ramos
sente a água?
A terra que desaba
conhece o morto?
Olhos que olham por mim
dizei:
Valeu a pena
a música das árvores?
Um sol de verão
queimando em vão?
Olhos que olham por mim
dizei:
Este fim é um começo?
O que foi feito de nós
Silenciosamente mortos?
Olhos que olham por mim
dizei: o poema está morto?*

CARNAVAL

Estandartes.

*Samba-enredo. A história do Brasil
reinventada.*

*Cisnes brancos alçam seus pescoços longos
por sobre a multidão.*

Branco nos cordões das baianas.

Alegorias que descem as ladeiras?

*(paetês, pós dourados
falso brilho das escolas)*

Numa corrente no seu corpo nu e negro.

*Livres os seus pés que sambam
ao ritmo dos tambores e tremulam
nas asas de uma borboleta gigante.*

PAISAGEM DE FIM DE TARDE

Cai sobre o velho muro

uma réstia de luz.

Brilham as gramínias, brilhos de esmeraldas.

*Na sombra de outra metade do muro,
outras vidas se formando, outras se extinguindo.*

Festa de espumas verdes.

*Não é só a ruína desse muro que nos aperta
o coração.*

Um grito de pássaro divide o tempo.

*As lembranças voltam. Som de um sino na memória;
estrela fria, sombras*

*dessas casas fechadas, brancos muros altos.
A tarde caiu pelos telhados.
Sombras azuis fazem à paisagem.
Treme na luz as ramagens.
Sons redondos vibram nas águas do tanque.
As suas mãos lavram a pedra.
Desde o início dos tempos que as suas mãos
lavram a pedra onde a noite deitou a negra
cabeça sem memória.
Lentas lembranças assaltam-lhe de surpresa.
Negro vôo de asas. Alguém separa o sangue antigo
do fermento das idades.*

A UMA DAMA II

*E para que parecesses mendiga,
bastariam as tuas joias.
Elas brilham como pequenos sóis
independentes da fúria dos teus olhos.
Teus longos braços,
de onde se alça a máscara
do rosto suspensa pelos ossos.
E posta assim,
coberta pelas sedas do vestido,
ris de todos e de tudo.
Metais esguicham sons
estridentes.
A festa começa.*

POEMA PARA UMA JOVEM CEGA

Lembrando sinfonia Pastoral
de André Gide

*Te falarei como são belas
as flores eriçadas pelo vento
quando a lua verde desce
sobre a relva e teu mistério.*

*Te falarei destas desertas ruas
quando sobre mim as sombras pesam
e gatos passeiam os fósforos
das chamas dos teus olhos frios.*

*Te falarei da vela e do som
que me beijam e tocam a minha alma
e dos teus olhos que escurecem a tarde
debaixo da palma de tuas pálpebras abertas.*

*Te falarei do mar
e de suas dobradas ondas
que as marés (mais altas)
envelhecem os janeiros
e vêm morrer aos meus pés
nos brancos olhos da paisagem.*

*Te falarei de mim
do mais antigo amor
tu que estas a me ouvir
com os olhos abertos e vazios
como duas pedras antigas
polidas.*

O BREAK

*Dança, negrinho, o Break
em homenagem a Langston Hughes.*

*Dança que o coração do poeta
está triste.*

*Há cinza e chumbo nas botas
de Abel Lincoln.*

*Dança, negrinho, o Break
e todo o teu corpo se alteia
como uma chama negra,
uma chama votiva
para Martin Luter King.*

*Dança, negrinho, a tua dança sensual
para despertar na menina branca
o desejo.*

*Mamãe, compra pra mim
um negrinho igual àquele.*

*Do fundo da floresta, do ritmo do tan-tan,
das batidas do teu coração selvagem,
negrinho americano, brasileiro, equatoriano,
negrinho de todas as partes do mundo,
mas principalmente negrinho do bairro
de Harlem, dança, negrinho, o Break como uma chama
votiva, queimando.*

DE RIOS

*Caminhando à margem do rio
(à margem de todos os rios)
quase a flor da água,
pisando o casario
e vendo abrir-se em leque
os arcos das pontes
e suspensa delas
como numa estampa
um menino numa bicicleta
entre os dois arcos do tempo
completa o tempo de ontem
o mesmo círculo e o mesmo
impulso a mesma estátua
golpeando o metal do rio
(o brilhante e inútil metal dos rios)
perdida na minha memória
e tão distante os meus dias
e a casa ainda de pé
como sua janela e bordados
a barro e cal
e ainda se debruça sobre ela
a menina que os tigres do tempo
deitaram sobre a relva.
(cemitério suburbano visitado
por cabras e coberto de urzes).
Pedras queimando um verão,
olhos de olhar as amarelas acácias,
cobertores de cobrir os ossos dos velhos;
lâmpadas das minerais chamas queimando*

*seus carvões negros,
negros carvões da alma
onde os crepúsculos
deitaram suas sombras.
Caminhando as margens dos rios
de todos os rios, caminhando...*

PAVÃO

*Poesia é criação.
Neste ato de pensar,
a cauda do pavão
faz-se mais bela.
São rútilos os tons
do círculo escuro
das penas de onde explodem
os leques do pavão/jardim,
a mostrar que a beleza
é verdadeira. Assim, o arco
das coisas efêmeras
fica por momentos
no poema.
Uma perfeição dulcíssima
parece ter sentido.
O momento é belo
porque existe
o leque do pavão/jardim.
Fica assim gravado no metal
do sonho*

*a tua lembrança
na tarde em leque
do pavão/jardim.*

BOI QUE VAI AO MATADOURO

*Ele sabe.
É estreita a passagem
A pau a pique (curral da morte)
mas mesmo que não fosse,
seria o único
neste caminho que não tem retorno
nem verde vida vegetal.
O sangue é o mesmo
e ele sente ser o sangue
o único que mata
além da faca.
O seu pescoço forte
é igual ao corte.
E sendo um bicho triste,
igual ao homem,
o seu destino muito tem de humano,
nesta hora de conhecer a sua sorte.*

HORIZONTES CURVOS

Para Luiz Rabelo

*Não é poema de amor
nem de ternura este poema
que em mim é chama e sina.
Outro que vive em mim
sabe e procura
a vida que não finda
enquanto anima.
Não sou mais que isto:
a hora que passa.
Barco no silêncio naufragando,
horizontes curvos
curvos sonhos que invento
para o meu delírio.
- Portas do inferno
quero conhecer os meus abismos.*

DO OFÍCIO

*Não espere que alguém te diga
O que fazer. Faze-o logo.
Pois este é teu ofício.
Esta a tua meta.
Nada te detenha.
O que tiver de ser feito,
faze-o pleno*

*e na mesma direção onde
outros pisaram
com acerto.
O que é invisível aos outros
é canção no teu coração.
Do resto o tempo se encarrega.*

PONTO E CONTRAPONTO

*Conheci minha alma de repente.
Investigo o mistério da hora.
Descobri de repente
Minha alma. Hei de perdê-la um dia
como tantas coisas que tive;
um crepúsculo num bairro do Menfis
quando Lincoln cortava lenha
e Walt Whitman com sua barba ainda negra
como os carvalhos negros, à chama do lume,
lia poemas longos, que o vento dissipava.
Tantas coisas gostaria de ter:
Um barco na costa do pacífico
e esta tristeza de estar diante da amada impossível.
Fernando Pessoa senta-se ao meu lado.
Seus olhos míopes vêem o rio
e tudo é náusea. Ninguém nos salvará
do dever cumprido, do nosso ofício.
Venho para perto do meu coração e nele sussurro
a única palavra possível: Poesia.*

DE ESTRELAS

*As estrelas
trabalham no horizonte
as suas usinas de luz.
E vão se fazendo de luz
as sementes
plantadas nos canteiros
do espaço aberto.
Até que um dia Deus
com o seu cesto sem fundo
recolhe-as todas
de uma só vez.*

SEGREDO

*À tarde ao cair das sombras,
ele se recolheu.
Era a hora sereníssima.
Madalena lava-lhe os pés.
A noite precipitava-se em seus cabelos longos,
deitava suas marcas
no alto dos muros da cidade santa.
Suavíssima a água. Ele sabia.
Acariciava os seus pés doridos dos caminhos.
de bálsamos e ervas ela ungiu seus pés
para que todo o corpo resplandecesse
como uma lâmpada.
Ele sabia onde lhe doíam*

*as marcas invisíveis dos pregos
e do madeiro, ele aceitava a carícia como aceitou a morte,
pois tudo já estava determinado
desde a eternidade.*

*No claro escuro do quadro
como se fossem dois amantes:
ela inclinada aos seus pés,
ele a contemplá-la
num suavíssimo e profundo segredo.*

DIVISÃO

*Eu terei de decidir e separar
a poesia do desastre, o milagre do desespero.
Terei de remover os ossos
dos retratos memoráveis
que habitaram estes corpos,
colher nas conchas das mãos
as rosas da alegria.
Terei de decidir
se as cidades explodem nos seus fósforos de luzes
no concreto e vidro;
e as cidades antigas
com seus palácios, lendas,
seus fantasmas e sinos
suas cúpulas góticas,
setas apontadas para Deus.
Terei de decidir
o que é bom para mim e o que é bom*

*para a poesia.
O que resultará da divisão de bens humanos;
de bens colhidos ao longo desses anos.
Ou se não valeu a pena ter recriado
os sítios.
Onde os deuses se reúnem.
Terei de decidir entre a vida breve
ou o registro que é eterno.*

OS VELHOS JOGADORES

*Diante do outro, destinos que agonizam.
Ocupam-se do jogo. Os velhos.
Suas almas, pássaros em outros horizontes,
ontem.
Ocupam-se do jogo. Voaram dos seus olhos
os pássaros de ontem.
E eram atentos os olhos, rápidos
como o vôo dos pássaros, prescrutadores,
profundos os olhos da vida.
Agora apagados como cinzas,
fixos no gamão. As mãos tremulam. Asas de um pássaro.
Escarnadas pelas estrias que o tempo fez
nos seus caminhos. O tabuleiro do jogo
igual aos seus crânios polidos pelos anos.
Jogo dos anos.
Tarda a tarde sobre as lonas listradas,
fecham-se as portas de ferro enroladas
no alto das marquises.*

*Há bem pouco gritavam os pregões
os últimos vendedores. Cores quentes,
verdes canções nas folhas e nos frutos.
Há poucos blusões vermelhos e "jeans"
saltavam as manchas
na água/tinta refletida na calçada. Chovera.
Os velhos continuam jogando gamão.
A tarde esta morrendo.
Sobre a rasa tábua do gamão
escutam-se dos ossos
o bater das pedras.
Uma avalanche de sombras
pouco a pouco os encerra.
A noite os surpreende,
num jogo que só eles
conhecem e entendem.*

AO MAR

*Não sei falar mais do que preciso
mas é forte em mim
este mar que me divide.
Sou a sua extensão.
As aves noturnas com seus gritos
de triunfo sobre a morte.
Sou a sua urna, onde coloquei
meu coração e um poema.
Abro as suas portas
onde um líquido escuro divide
a sua superfície.*

*Outro mar conheço e o seu verdadeiro
sentido. Vou, que litorais e verdes plantações
não vejam meus olhos
acostumados agora às luzes marinhas
da terra este canteiro semente
quero saber-me distante e esquecido.
Minha vida um vitral de água
o meu enredo nunca ninguém saberá
decifrar, nem seu sentido.
Nos vidros de água os meus registros.
Que os vidros verdadeiros são águas sólidas,
alquimia dos bruxos.
Nada revelarei do que fui; poeta, vagabundo, nenhum poema
me revelará.
Nem medíocre nem ridículo. Nem rima, nem métrica, nem heterônimos como os de
Fernando Pessoa,
nem litanias infernais de Baudelaire.
Todos os meus poemas, as horas impossíveis,
belos teriam sido. Belos se tivessem sido escritos.
O belo esta sempre nos outros, naquilo
que poderia ter sido. Fernando Pessoa sabe muito bem disso.
Belo é o seu poema, Walt Whitman:
"o que não esta numa parte está noutra, nalgum lugar estarei a tua espera".
Em algum lugar nos encontraremos, Walt Whitman.
Em algum lugar eu saberei por que procuro a morte,
assim como procuravas a vida.
Saberei por que há tantos séculos rolavam as pedras,
na parede dos mortos e nenhum se levantou e disse
como disse Lázaro: do reino de onde vim, eu não vi nada.
Ele – O único que não ousou ressuscitar.
Veio como foi, cheirando a morte, e nenhuma palavra
acrescentou ao que sabíamos.*

*Sábio é aquele que sabe ver além das aparências?
Poeta é aquele que sabe sonhar o que não existe?
Eu coloquei os meus versos e o meu coração numa urna.
Em algum lugar, em algum dia, alguém decifrá o que eu
quis dizer:
Em algum lugar, a qualquer hora, alguém escreverá
o poema que eu não fiz.
- Todos me esqueceram.*

DO TRANSITÓRIO

*Sou proprietário do que sonho.
Senhor das terras
que não tive.
Herdei os campos
que pisei;
as vinhas sabem
o sumo,
a árvore o fruto,
a terra a medida
que me cabe.
Como a roupa
que me veste
nem mais nem menos
a medida certa.
A alma
de mim transborda
água da fonte.
Excede*

hora que a memória exige.

Existo.

Intermináveis apelos,

séculos de feudos,

frias madrugadas,

largos portões, livros

lidos,

pontas de lanças,

ferrugens do meu sangue.

Cinzas das cinzas

dos retratos vivos

ontem

me olham sempre

deste retrato

indivisível.

RETRATO

*Estamos juntos.
O "flash" é que guardou
o menino
em preto e branco.
O que restou do instante;
o que era antes
clara luz/diamante,
sons tão familiares
(a avó arrastava as chinelas
nos corredores da eternidade),
que se confundiam
às sedas já roçando
a pele
nos vestidos vazios
a porta que se abre:
viajo nas lembranças
nestas terras frias
no alto desses montes.
Múltiplo me faço
sendo um só
(nunca sairei desta casca
inútil)
réplica de cera
da estátua verdadeira.
Amarga o ser
nos sinais
A morte certa.*

PERTO DE MINHA ALMA

*A noite adormece só
(a noite é curta
como a vida).
Longe a música,
o brilho da festa.
Estou só
mais perto de minha alma.*

BEM PODERIA SER UM QUADRO DE WATTEAU

*Este quadro irreal e inútil
onde passeio meus sentidos
fala-me de damas e personagens
antigos. Todos mortos.
Os seus gestos elegantes
roçam plumas no ar.
Aves exóticas
bicam o tempo
nas frutas que o verão
envelheceu
nas tintas.
Há ainda sugestões
primaveris
nas formas carnais
que dos vestidos leves
parecem fazer o vento girar*

*e a vida parecer mais breve.
Nada mais é preciso.
Esta a arte do pintor.
Este o seu motivo.*

DO IMPONDERÁVEL

*Alta é a torre
belo é o som
da flauta
em plena
multidão
quando a cidade
queima seus óleos
e carvões.
Dentro da pedra
escuto a sua voz.
Caminho em sua direção
na hora do "rush".
Nos bares, nos viadutos,
nos albergues,
nas catástrofes,
na ambivalência
da minha solidariedade.
Não consulto os oráculos.
Sepultei os meus deuses
para sentir
a eternidade.
Esta a minha certeza.*

*Coloquei a minha vida
na palma de sua mão.
Este o meu triunfo.
Conhecerei o meu segredo
quando a minha alma
for beber
em sua fonte.*

DA BELEZA

*Saio de ti
orgulhoso de ter sido
gestação e fruto,
lucidez
e procura,
pródiga beleza
onde o mais alto
reino sucumbe.
Extrema embriaguez
que me conduz
pelos sentidos.
Ó beleza,
manténs em mim
a tua ira.
Nada tem mais poder que esta sensação
permissível.
Nada é mais profundo
que esta face
ignorada.*

*Orgulho-me de a ter pensado
em meio às minhas
dúvidas
e aos meus desencantos.
Toda beleza é terrível
e todo deus, um equivoco.
Festejo-a.*

A HORA DO ÂNGELUS DE MILLET

*As aldeãs rezam
e para que se escute
o som da prece
dos trigais
silenciosamente
os grãos
se calaram.
Distâncias que os campos
guardaram enquanto
os fenos fenecem fatigados.
Nos cones de luz
ainda acesos
as tintas
emprestam
eternidade
ao quadro.
O aldeão se curva
para o chão
haste da terra*

*que o viu passar.
A aldeã reza.
Dos sons audíveis
deus recolhe
as messes
na hora final da prece.*

UM POEMA CRETINO

*Não quero do amor falar asneiras,
tantos já falaram românticas
tolices, galanteios só para os elegantes
menestréis
de púrpuras brilhantes.
Não. Não serei eu a falar
entre penachos e alvos punhos
luvas de roçar as carnes alvas
de alguma donzela (ou gazela)
entre árvores tão belas.
Arre! com tanta doçura
para o meu pâncreas diabético.
Fico-me aqui
que das mulheres sei falar;
todas elas sabem muito bem o que fazer
da minha ignorância no prazer.
Vamos a elas.*

ALTAS TORRES

*Conheço torres altas, montes,
curvas dos rios, pontes.
Conheço fechadas pedras, chuva,
linha do horizonte, serras.*

*Conheço vôo de pássaros, ilhas,
espaços onde cresce o trigo.
Conheço o anoitecer nas vastidões
desses crepúsculos brancos.*

*Conheço o caminho, a pálpebra de sono
da água que te vestia, teus olhos escuros
O amor começado, o restituído espasmo.*

*Conheço o equilíbrio da hora, inútil espera.
Só não conheço o outro lado da tua porta,
A única sem entrada e sem regresso.*

DO SONETO SEM SENTIMENTO I

*Com a exatidão das coisas práticas
quis fazer um soneto definido
que falasse só do que é possível
e que da matéria não tivesse jaça.*

*Que de raro brilho nunca tivesse
o falso brilho dos metais polidos.*

*E fiz do verso o meio mais perverso
de conseguir o meu intento.*

*E a minha meta. Qual um vilão que rouba
e mata pelo simples prazer do crime
e este crime é que me impele.*

*Este soneto breve fazer
desconhecendo o sentimento que é princípio
de tudo que é belo e é profundo.*

DO SONETO SEM SENTIMENTO II

*Detive-me no teu corpo antigo.
Nos intervalos de teu ventre múltiplo.
Fui sal de ternura em tuas coxas,
pêndulo e equilíbrio no teu corpo lúcido.*

*As tuas mãos desenharam o caminho
onde o sexo se evidencia
e guarda noites da entrega
entre silêncios e intervalos longos.*

*Nos teus lábios, nos teus olhos,
no teu sangue, teu corpo reflui
constante, entre espasmos.*

*De amado ritmo e rito,
mais comuns aos mortais, sendo por eles
do que aos deuses, verdadeiros.*

JOGO DE GAMÃO I

*O primeiro parceiro:
As sombras se derramaram nas calçadas.
Os velhos ainda jogam a última partida.
Logo será noite.
Frutas ácidas queimam o verão.
Os vendedores arrumam os restos
da feira, desarmam as estacas
dos lonados à luz dos vermelhos lençóis
do horizonte. Logo será noite.
Como dizer que os velhos não escutam
nem percebem que a noite vem chegando
no pátio da feira onde eles jogam?
A vida?
E como dizer que a morte se aproxima
e ninguém a vê enrodilhada aos pés
dos jogadores, cão vadio que procura
a humana companhia.
Como dizer ao parceiro que a casa
que ocupou (no jogo) está vazia
que sei eu dos teus pensamentos?
Que vãos tuas mãos trêmulas
Teceram à tua vida?
Completas a jogada. Fecha tua casa.
Que bela cartada.
Algo ainda te resta?
Escutam-se dos ossos
o bater das pedras.
Uma avalanche de sombras
pouco a pouco os encerra.
A noite os surpreende
num jogo que só eles
conhecem.*

JOGO DE GAMÃO II

*Eu os conheci. Os velhos jogadores
de gamão. Completaram a jogada.
Só Deus sabe este jogo da vida
sem sentido. Eles jogaram.
Seus corações dissolveram-se
na terra. A casa é a mesma.
Os mesmos móveis os mesmos retratos
nas paredes. Eles já não estão.
A morte foi uma sombra que se deitou
sobre os seus corpos, suavemente.
E foi-se o primeiro.
Ninguém viu a morte chegar
nos lençóis da noite.
Só os mortos sabem a morte.
Os amigos o levaram no leve
e breve cortejo ao campo
santo e o enterraram.
E ficou assim mais só o outro
que as horas viu passar
sem ter parceiro para matar
o tempo derradeiro; este que chegou
também sem avisar
e o levou.
Deus sabe porque jogaram a partida
os velhos, e os seus motivos.
A tarde esgarça suas últimas manchas
de luz sobre as calçadas.
Os dois velhos vão aos poucos se apagando
como duas estátuas num jardim
de outra eternidade.*

REINO

*Percebo com nitidez
que nada somos.
Nem somos de nós
donos primeiros
nem os últimos seremos. Vivemos.
Se viver é "ir entre coisas"
ou morrer, nós somos.
A morte não é nossa.
As suas portas nunca abrimos
ou fecharemos. Nem sabemos falar
dela, e falamos.
Reino de sombras. Nem nas sombras sabemos
ser o reino.
Ausências todas. O que ouvimos,
o que amamos são ausências
de nós. Dissolvem-se como os invernos.
Os dias, os outonos, as folhas
que guardam os perfumes.
Só este momento é verdadeiro.
Só ele brilha vidros, espelhos,
diante do qual nunca mais seremos.
Não há nada a fazer.
A vida se esgota (ou se renova?).*

ODE AO PÃO

Outra vez te ergo

branco corpo místico.

Outra vez és meu alimento.

Repartes comigo

minha pobreza.

(cada um dos filhos recebia

sua cota.)

Nunca vi um campo de trigo

assim como nunca vi os lírios

do campo,

mas sei que eles existem.

Se não vi o trigal, o ouro dos campos,

vi fermentar o pão no forno

caseiro na sua hora mística.

Repartias o pão, ó mãe,

e era como se o Cristo o repartisse.

Nunca vi os lírios do campo

assim como nunca presenciei um milagre,

mas sei que eles existem.

Sei também que existe um lugar

que em qualquer parte do mundo

é comum a todos. Quando entro numa

padaria, sou irmão do padeiro

sou irmão do meu irmão anônimo.

Não existe hora mais solidária.

Imagino Abel Lincoln lado a lado com o marceneiro

na fila do pão discutindo

o ágio do trigo,

o preço justo do pão.

*Imagino Lênin afirmando aos camaradas
que está próximo o dia
em que o pão será distribuído
aos cestos e
eles se multiplicarão como peixes.
Imagino todos os pobres do mundo
que esperam pelo pão,
o duro pão de ontem, mas que lhes basta
à fome. Chego mesmo a pensar
naqueles que nem isto têm
na hora mais solitária do homem.*

POEMA PARA A AMADA

*Tudo em mim
avança para ti.
Tudo em mim
foi preparação.
Como as margens do lago
cingem todo o círculo da terra
em teu redor.
Tudo em mim foi este círculo
de ouro que coloquei em tua cabeça
para te coroar, ó rainha.
Acima de teus ombros, alçada assim
como um pássaro branco prestes ao vôo
nos limites das minhas mãos,
entre o que sou e o que somos
a infinidade do espaço.*

DA ESPERA

*Te espero além de toda espera.
De toda longa lida e além da vida.
Te espero.
Dos mortos esquecido.
Sem tempo e sem orgulho
te espero.
Sei, nada possuo, a não ser
a minha morte.
Por isso te espero.
Além da vida e além da morte.
Tudo o mais é efêmero. Ou silêncio.
Onde posso te colocar
senão nos extremos destes mundos,
ou na minha eternidade?*

O FRUTO MADURO

*Numa só palavra
farei um poema de amor.
Numa só noite
conhecerei
o segredo eterno de todas
as noites.
Porque nasci,
a morte sobe à minha boca,
tapa os meus ouvidos,
grita no meu sono.*

*Quando nada mais tenha
a cantar,
dá-me o silêncio e a alegria
do silêncio.
Nada criei que já não existisse
em algum lugar.
A pérola perdeu seu brilho
ao ácido de minhas mãos.
O que faz o brilho da pérola
é o segredo da concha.
Nascem em ti os equívocos. Oh! Amada.
As luas e os ritmos.
Tudo foi para a morte
soprada pelas flautas dos pastores.
Debaixo das minhas pálpebras
irei noturno
como um fruto que se enterra
em terra de ninguém;
lá onde ninguém me espera.*

A HORA DO ANOITECER

*Na noite, inquieta-se o meu coração.
Velhos sonoleiam seus sonhos terríveis.
Sinos batem em seus ouvidos
os sons dormidos de curvos bronzes tardos.
Quando? Quem agora me visita
abandonou-me mesmo depois de morto.
Sonho? É profunda a noite, o peso do meu corpo.*

*Alguém morre sem saber por que na “hora grave”.
Os dias passados abrem perfumes raros.
Velas, mastros, águas claras
pelo brilho dos teus olhos.
Já não estas comigo (insistes?)
Somos os mesmos.
O céu é largo e profundo.*

AINDA

*O que perdi
acrescenta-se em ti.
Eu devo calar o que perdi
para que floresça em ti
radiante a beleza,
a juventude, os lírios da noite,
as claridades perfumadas.
O que perdi
nasce em teus cabelos noturnos,
no teu pulso rítmico,
na tua boca,
no amor que doas
tão simplesmente,
tão perfeito,
tão explicitamente completo
como a primeira vez;
o tímido começo (o amor
tomou conta de todos nós até o último
espasmo o último orgasmo).*

*Eu devo esquecer as lembranças
para que venhas do arco das flores
(Ó Vênus de Botticelli),
de um tempo sem memória
deitar estas sombras sobre os meus sonhos.*

PASSEIO NO MUSEU, VELHOS AFRESCOS

*Afrescos que o tempo trabalhou
ausências vivas.
Curvos ornatos, corpos em decúbito
de amor; outros adornos. Outros poemas
folhas de bronze,
céus de turquesa,
leves aquarelas de paisagens
vistas de um jardim
em chamas. Estátuas.
Na linha das montanhas
cavalos azuis passeiam luas
suspensas.
O amor se toca nas pontas dos dedos.
Armas antigas envelhecem o sangue
da ancestralidade sem nome.
Flores renascentes
renascem.
Tudo no ouro dos corpos
na vibração da luz,
o tempo triunfando da morte.*

CARNAVAL, ÚLTIMO DIA

*Uma alegria súbita.
Brilha em tua boca
o ouro e o suor da festa terminada.
Os teus cabelos são degraus
de negra escadaria.
Não teve medida tua dose de narcótico.
Teu corpo de estátua cai entre os vidros partidos.
O vinho escuro festeja
o teu regresso à terra
ou a tua partida?
Ave selvagem. Há pouco teu grito
era uma chama rubra
que, consumindo-se, fechou a tua boca.
Ninguém poderá julgar-te.*

BAILARINA

*Na armadura de teus ossos
o pássaro leve.
Exercício matinal.
O sexo sob a malha,
o gesto.
O ritmo do corpo
construindo o espaço.
Compasso de
chama.
- A poesia invade a sala.*

POEMA PARA UM CEGO DO ABRIGO NOTURNO EM DIA DE FESTA

*A casa em festa.
Largas portas conventuais
e portões de ferro
que se abrem.
Os sons
dos sinos, tinir de copos e taças.
Hoje é dia de festa.
escutam-se vozes que vibram
violinos. Alguém ri. Pássaro que mergulha
as brancas asas na água noturna.
E esta indivisível tristeza,
tateia no escuro a mão imprevisível.*

NA PONTA DOS ÚLTIMOS RAMOS

*Nenhuma lua morre em minhas mãos.
Que poder eu tenho?
Nada posso fazer.
Já plantei o trigo
e atravessei os rios
ao brilho das águas
e no agitado caminho dos peixes.
Nada tenho o que dizer.
Já levantei os céus além
dos astros
e falei a Deus.*

*Ele não me viu
nem me respondeu.
Que poderia dizer um Deus
a uma criatura?
Nada tenho que fazer agora.
Três vezes fui visitado pela morte;
ela veio solerte, manhosa e mordeu
meus pés. Mas o coração floresceu
na ponta de seus ramos.
Nada tenho para fazer agora.
Nem os meus poemas que eram a minha
oração, têm significado agora.
Que pode um poeta contra
a máquina do mundo,
se todos os dias constroem-se novos abismos?
Deito-me sobre as minhas idades e espero.*

METAMORFOSE NO CLARO-ESCURO

*Somos ou sou único e indivisível.
Sobrevida embriaguez lúcida
debaixo de minha língua; atento
como um réptil, desolado como um campo
de batalha, depois de perdida a batalha.
Cubro meus mortos com o lençol dos lázaros
sobrevivos, mas verdadeiros.
Raiz luminosa de luz branca. Isto não é
uma metáfora. Os pássaros não são flores;
os mortos não sonham. A fonte não tem segredo. Segredo*

*tem o homem em sua mecânica de gestos,
em seus impulsos de sangue. As suas últimas
almas. Sou muitos. Fragmentos procurando
a unidade absoluta. A única alma.*

*Os caniços de luz envergados pelo vento sibilante
cantam uma canção. Mas, nós sabemos que eles
não tem boca para o canto. Que relação
pode haver num caniço de bambu no choupo
com a flauta do pastor para que se escute
o pastor com seu rebanho?*

Quem o escuta?

*Só os que tem ouvidos perceptivos,
os que tem coração.*

*A maçã na mesa entende o perfume da madeira.
Sabe de qual árvore o marceneiro cortou as tábuas
e em qual verão elas secaram
para que a sacralidade do seu perfume
fosse preservada.*

Na noite ardem estrelas?

*Que relação misteriosa existe
entre as estrelas que as mantêm
próximas e distantes? Vê, filho,
como elas se mantêm unidas, como se uma força
(assim como o amor) as mantivesse sempre perto?
Pai, onde estas na constelação secreta da eternidade?*

*Por que afastas estes sinais de mim
na multiplicidade das minhas horas?*

*Não vê que a única e grande
verdade é a morte? Nenhum mármore te divide
nenhuma pedra me separa de ti.*

*Que cidade preciso visitar para encontrar
a tua casa? Tenho caminhado e viajado;*

*tenho-me debruçado em varandas e conversado
com poetas e mendigos. Visitei museus e conheci
sábios, nenhum é mais lúcido que tu, nem mais profundo
que a tua sabedoria simples; a tua ingênita certeza.
Sei que ele existe. As mãos de Deus estão tão
próximas de nós; quase a tocar-nos, a não ser
por uma impossibilidade divina.
A minha vida tem sido esta pálpebra aberta
à espera do milagre. Porque se eu durmo ninguém
me decifrará a rosa. Ninguém saberá que eu grito
dentro do poço.
Se escrevo, desperto os meus paradoxos,
reivento tua soberba majestade.
O tempo é que corrompe a nossa divindade.*

PARÁBOLA DA ÁRVORE

*Eu lhe direi que esta árvore sonha.
Debaixo dos seus olhos aconteceram longos
estios e grandes invernias. Relâmpagos queimaram
a ponta de suas folhas
e Deus fez de um só golpe de luz
uma grande fenda em seu corpo. Estremeceu-lhe
todos os seus nervos expostos. E como num milagre
à semelhança de Jô, a quem Deus tirou toda a fortuna
e saúde, ela resistiu. Deus lhe concedeu mais um
tempo; delicadamente a cobriu de folhas
novas e de ramos fortes e disse: cresci.
Mas sobre tudo crer no milagre.*

MAÇÃ

*A maçã na mesa.
A toalha branca a divide
em dois espaços:
e constrói o silêncio, a branca claridade.
Não há solidão maior
do que a do fruto que espera
A mão que o toque, a fome que o use.
Para isso foram feitos. A terra sabe,
e espera.
Ela está ali, aparentemente intacta,
mas a máquina da morte
desde a floração
trabalhou o seu sumo; poliu
o brilho de sua casca.
Se corto-a em quatro partes,
cada uma interrompe a eternidade absoluta.
A maçã na mesa espera a visita
de Cézanne.*

SEMENTE/FRUTO

*A semente é mais sábia que o fruto.
Permanece lúcida, núcleo vital, átomo
que se expande. Célula mãe.
Pura sensibilidade na mão do plantador.
Ela conhece a energia da mão que a repõe
na terra para que cresça e floresça/árvore.*

*É preciso preparar o chão para sua gravidez.
Escutar seu pequeno coração que estala
dentro da terra e do centro de sua formação
nasça a raiz
que segura com garras
a terra e projeta o talo além do seu limite.
A semente sabe. A vida floresce
como um Deus. Os frutos, todavia, voltam à terra.
Passei a minha vida escrevendo poemas
e pintando quadros; a levantar paredes
invisíveis,
a habitar casas. Entrei e saí da minha
vida
todas as horas, pleno de certezas absolutas;
orgulhoso de ser útil, confiante, resoluto.
Tudo que fiz não passou de enganos; sombras que se
projetam na água das tintas; óleos que cobrem
o claro-escuro. Palavras dissipadas
que ninguém entende, que não servem para nada.
Passei a minha vida criando enigmas,
acreditando que eles eram verdadeiros.*

VIAGEM INTERIOR

*Eu digo que entendo a pedra
e o sono
que entre uma e outra existe uma relação
conflitante. E porque sonho a morte
deus conversa comigo
nas páginas antigas de um livro.*

*A pedra deseja o meu jazigo.
Eu digo que conheço os mortos
que ressuscitando do abismo
das minhas palavras
decifro seus enigmas.
Abro um livro e lá encontro
a palavra que conforta,
a palavra doce como o mel das abelhas selvagens.
Eu digo que atravessei cidades antigas;
as ruínas de Creta, as cinzas de Pompeia.
Trouxe em minhas unhas
um pouco deste pó dos tempos.
Enrolei os afrescos de Miguel Ângelo
com cuidado, lado a lado com gravuras
de Picasso. Viajaram comigo no ônibus, no metrô
e atadas com o mesmo laço do tempo
vivemos a alegria do convívio
como fazem os velhos conhecidos quando se encontram.
Em Congac, quase ao anoitecer,
encontrei-me com Romaind Rolland. Alguém tocava
Beethoven.
Certamente vi rostos inumeráveis,
mas só uma vez estive com Verlaine.
Não foi em seu túmulo nem em sua casa
e certamente não foi em Paris nem em Charlleville
onde nasceu o seu amado Rimbaud.
O reconheci numa taverna onde se bebe e fuma
na obscura penumbra quase ao fim da tarde.
Tenho certeza de que era ele, por uma particularidade
da alma. Isto eu entendo. Faz sentindo.*

VISITA

*Imagino o objeto da minha alegria.
O verão foi longo e a espera
é a minha vida levantando-se
para te receber. Nada tenho a não ser
esta súbita vontade de viver.
Verticalmente me concedes a delicadeza.
Julgo que a escuto.
Atravessado dardo de loucura da hora
imprópria.
Da idade imprópria. Das ramagens brancas
que te trago; sem adereço, sem endereço,
sem perfume. Cinza dos anjos
diante da morte. Levanto-me devagar
(quase uma eternidade) e digo ao teu ouvido:
a canção está pronta, mas inaudível.*

DA NOITE

*Penso nas noites redondas
nas noites fechadas
como punhos cerrados.
Pedra atirada no poço.
Deus distribuiu os dias
no livro do tempo.
A noite fecha a sua grande
pálpebra pesada de sono.
Não tenho segredos para os que amo.*

*Permito esta invasão dos que amo.
Atravesso a verdade com cuidado
para que pleno como uma árvore
me sustente no alto de seus galhos.
Se somos isto, bailarina dança da vida,
danço com os meus ancestrais
o rito da vida e da morte.
Esta constante mutação. Esta sacralidade.
Palha das minhas lembranças. Sombras secretas
desta perdida vontade de viver.
Foram tantos e tantos anos
não sei se me ergo
ou se me debruço à beira do abismo.*

DIANTE DO MAR

*Estava ali, pesado
como se não tivesse alma.
As pernas rígidas, as pupilas
dilatadas.
O mar veio para os seus olhos;
dobradas asas de espumas
baterem na pedra
e as lanças do mar derrubaram
os espelhos das águas.
E eles não respiram
o hálito dos naufragos,
nem medem a distância
da vela do barco. Deus sabe*

*a sutileza da imagem
e o engano da semelhança.
Nada é tão diferente como
o ser do criador.
Fundamento da morte, dá-me uma só razão
e abrirei as portas da minha morada.*

PASTORAL

*Largas manchas verdes
sem esforço cresceram
até o muro em ruínas.
A pedra guardou o segredo
da família. Ali, outrora,
o riso e a cor
brilharam nos olhos da menina.
Homens trabalharam a terra;
bois lentos e tristes
pastaram estas terras e estes
fenos douraram os cubos de luz.
Oh! Angelus. Millet escuta a prece
dos aldeões.
Os mortos sabem. Guardam o segredo
das ervas.
Alguém tocava uma flauta.
Nenhum pastor descia a colina
com o seu rebanho.
Na ponta dos meus pés
piso a memória.*

NA CASA DE MEU PAI...

*Minha morada nunca estará pronta.
Certamente nunca tive uma morada.
todas elas foram de passagem.
Não há caminhos que não tenha andado
Walt Whitman sabe disso, o andarilho.
O sagrado e o profano tocaram-me
com a sua chama sagrada.
Nem rei fui nem mendigo,
mas certamente tudo isso fui,
somos.
Jamais ergui uma coluna
ou escrevi um poema.
Não me mirei na água
nem Narciso fui nem Apolo
reconheci-me.
Sou mais esta máscara arcaica
de erguido troféu
separada da alma.
Mereço a glória e o escárnio,
certamente mereço. Quando eu morrer,
uma página do firmamento estelar
cairá sobre a minha pouca terra
e me cobrirá.*

OS DEUSES ESCREVERAM

*A noite cobre seus pensamentos;
túnica túrgida. Assim não vemos
os seus mortos silenciosos
nem as suas mãos retiram
da sombra as flechas
de sua dor.
Nascemos para a vida.
Deus é nosso tempo.
Sobre sua cabeça a coroa
resplandece. A nossa alma estende
a sua luz pela única razão
de acreditarmos que debaixo
de nossa língua os deuses
escreveram nosso destino.
Que posso sonhar que já
não sonharam?
Quando dirijo meus passos,
outros completaram.
Basta-me saber que assim
a minha incerteza não é só
minha. Que a minha solidão
não nasceu de minha vida longa e fatigada.*

COLINAS

*Pastor antigo,
debaixo de minhas sandálias
procuro as verdes colinas,
piso os altos penhascos
e grito teu nome, Deus,
entre as paredes dos séculos.
A voz volta-me.
No eco da minha própria pergunta
que já não precisa de resposta.*

HOMENAGEM A KANDINSKY

*Igreja de Santa Úrsula, 1908
Munique.*

*As cores libertaram o tema.
Mas existem os volumes: as casas
azuis e verdes
a cúpula da igreja vermelha
os flocos de luz onde crianças
brincam. Kandinsky sabia a sua insustentável
matéria. A metáfora de sua natureza.
Seu símbolo.
A tarde que se guarda na memória.
Esta profundidade, este compacto azul do céu,
estas luzes de tintas amarelas
são ilusões que tremem*

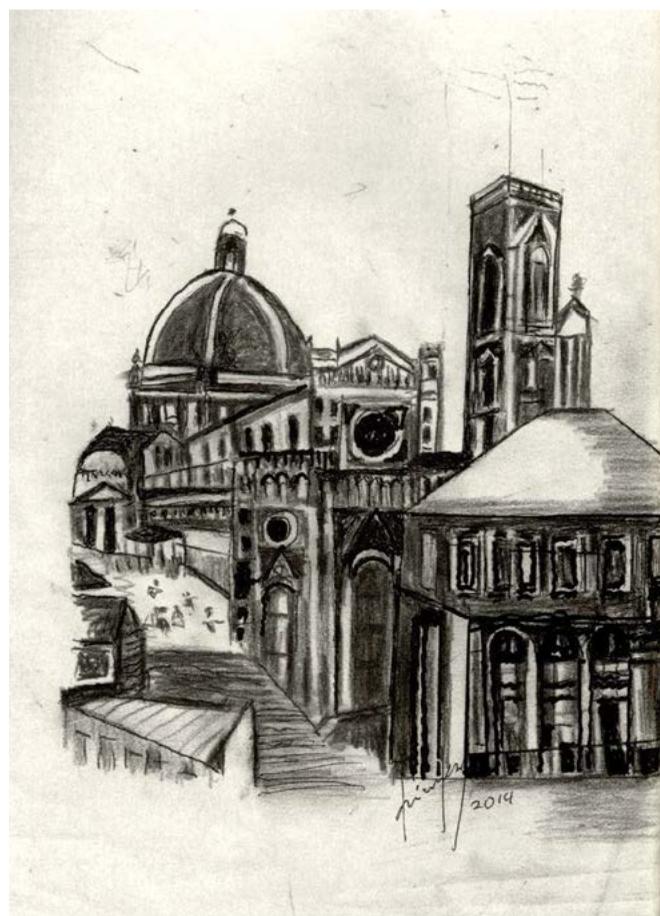
*em nossos olhos. A nossa possível
e limitada possibilidade humana.
Nada disso existe. Só esta solidão
em volta do abismo.
Só estas cores, belas, vibrantes
e estáticas de sua alma extinta.*

FLORENÇA

Dorian Gray Caldas

Para Diógenes da Cunha Lima

*Viajamos, (Na noite?) É noite.
Um anjo de Botticelli voa
de encontro à abobada do céu,
à altura do campanário de Giotto.
Pousa na torre gótica florentina.
Arcos de flores da Primavera
deslaçadas das virgens
de túnicas transparentes: transparências
Primavera. Vênus se cobre de vergonha,
os cabelos serpenteiam seu corpo
em curva gestual; sacerdotisas do amor,
amante que se debruça sobre o amado
O sagrado ritmo da vida.
Florença de mármore de todas as cores
La plaza Del Duomo e a cúpula da catedral
de Brunelleschi "os nervos que a rodeiam"
em aspirais para o eterno.*



*Portal de Bronze do Batistério na praça
do Santa Maria dei Flore,
a obra prima de Ghiberti, o inspirado
As esculturas inacabadas de Miguel Ângelo,
o rosto lívido de Cristo se antecipa
no olhar de água lustral
de sua mãe súplice. Falam a vida
os mármores, a alma dúctil da pedra,
a luz branca imaterial da vida
movendo-se nas águas.
Davi no arco da portada
triumfa da morte. Miguel Ângelo sabia
que a morte canta a sua "canção em meio a vida"
e que era preciso erguer Davi, o belo
e salvar a arte. A sua presença vence
a nossa fragilidade. A sua ausência está
repleta como um mármore está repleto de sua essência.
É o que excede da arte: a alma do incomensurável
Florença, Florença. Leio os poemas do Miguel Ângelo,
"Rime", choro sobre o seu túmulo em Santa Croce
Foi aí mesmo que lhe enterraram? Será que a morte
pode fazê-lo morto? Ou sua alma branca voou
entre os brancos deuses da abobada celeste?
Florença, Florença. O princípio
anuncia-se pelas mortes e as artes
edificadas. Os séculos nos ensinam
a lembrar só os milagres.*

O MANGUE

Palavra e imagem. Poesia e Desenho. A arte de Dorian Gray Caldas. Retirar das palavras o sofrimento que cada um carrega. Perceber a Dor dos que estão à margem. Transformar a mesma Dor em Arte. "Lixos negros" vistos pelos olhos límpidos e sensíveis do artista. O poeta "rasteja na sombra" com as fêmeas marginalizadas que catam os restos dos homens saciados.

Em *As Catadeiras*, essas fêmeas são levadas à luz através da poesia, numa quase ressurreição. Aqui as flores da lua estão negras. Este poema é um registro lúcido de um drama que todos conhecemos, feito por um artista de igual lucidez.

Woden Madruga

O MANGUE

*Passeio sua pele
mangue
e em seu piso
nenhuma coluna
se plante
nenhuma coluna
faça-se ponte
nenhuma ponte
seja
mais profunda
que sua raiz
de sombra.
Nenhuma árvore
cresça
nenhuma folha
ou flor
faça-se jardim
ou urbana
praça
com repuxo
límpido
de água.
Neste mangue
restos da fome.
Semoventes terras
onde navegam flores
negras
sob uma lua cega.
A noite lavra*

*a sua saga.
Seus campos
de larvas
escavam
o lixo
da madrugada.
Farnel de tudo
surpresa
do supérfluo
perdido
entre os detritos.
Negro quintal
da cidade
de onde fugiram
os pássaros.
Lixos negros
onde aves negras
vêm depositar
seus ossos
nos rácidos
do espúrio
da larva dos lençóis.
Convulso e inumerável
como uma centopeia
respiras em toda a extensão
de seu piso
enquanto suas raízes
crescem de seu corpo
lerdo bicho
de mil bocas.
Meus pés pisam este ser
ambíguo*

*com cuidado.
Aqui estão os restos
da cidade
(sem memória e sem história).
Quando em si
os despojos fermentam
crianças em bando
saem à cata
do fartum/sobrevivência.
Fere a vida.
O homem em seu mistério
novamente rasteja
na sombra.
Avinagra sua sede;
compara e separa
o essencial
à vida.
O cinturão da rocha marinha
divide o mar do rio.
Na linha do horizonte
a outra metade deste mar curvo
fecha sua tampa.
As velas dos mastros
dos barcos e navios
suspendem a noite
acima das estrelas.
Viajo pelo rio.
Deste ventre escuro
ainda queimam
suas escamas frias.
Jornais já lidos
livros roídos*

*peças retorcidas
de uma máquina
antiga
ainda trituram
esta massa
impura
devolvendo ao homem
sua fome.
Roupas sem uso
onde meter
os braços
para vestir mendigos;
peças que serviram
um dia
suspensas de um cabide
que não existe;
lâmpadas que não acendem
vidros que guardaram
vinhos
louças que já foram brilhos
de porcelana
e curvas pelo ouro
das bocas, o chá ou o café
servidos.
A manhã é de vazante.
Os caramujos apontam
suas cabeças.
Os meninos do rio
saem ao largo, pés na lama
para colher o fruto
de suas fomes.
Arrancar dos olhos da lama*

*ainda vivos, o molusco que se propaga
em toda a extensão
do mangue.
Olhai os lírios do campo.
Olhai os lírios escuros.
Olhai os simples de coração
os vossos irmãos.
Reparai bem suas mãos
disformes
que do corpo avançam
sem direção.
As semoventes bocas
sugam o sangue da terra.
Reparai bem suas pobrezaas
suas ásperas flores
negras
suas roupas
suas farpas
suas lepras
suas sarnas;
suas passividades
sem respostas
suas vidas
mortas.
Reparai
seus gestos
lerdos
na noite
como a sombra
de um gato
atravessando
um claustro.*

*Negra é a noite.
Negra a estátua nua
sua íntima estrutura.
Negra a beleza
do mangue.
Negra a fome.
Negros os dentes
de hera
as desertas primaveras,
Negra a capa
que veste o mendigo.
Negro o miasma
em sua náusea.
Negra a água do poço
negro o calabouço.
Negra a boca do morto
em silêncio posto.
Negras as roças
das várzeas.
Negras as flores
da lua
sobre a paisagem
nua.
Negro o canto
que eu canto
negros os quintais
com as redes
e os tresmalhos
suspensos dos varais.
Negros os anzóis
com o peixe morrendo
e os olhos dos meninos*

*doentes.
Negro o sal
da cinza
a espúria
condição
de mangue
e margem
marginal
da cidade.
Branca a flor
que tece
o ofício
libertário
do povo
e o nosso
compromisso.*

IFRN
Editora ■■■■



DORIAN GRAY CALDAS, pintor, escultor, tapeceiro e poeta, nasceu no dia 16 de fevereiro de 1930, em Natal/RN. Filho de Eloi e Nympha Caldas, interessou-se por arte muito cedo, motivado pela sua própria vocação, por seus pais e por seu tio, o pintor e retratista Moura Rabello. Sua primeira exposição foi em 1950, quando organizou junto com os pintores Newton Navarro e Ivon Rodrigues, o 1 ° Salão de Arte Moderna de Natal. A partir daí, participou de várias exposições individuais e coletivas, em sua cidade ou pelo Brasil. Artista incansável, já produziu mais de 10.000 obras em pinturas a óleo, gravuras, bicos-de-pena, desenhos, painéis, tapeçarias e esculturas. Seu talento artístico é reconhecido internacionalmente e contabiliza prêmios importantes como a Medalha de Ouro no Grand Prix da Bélgica (1971. além dos diplomas nos 20°, 21 ° e 23° salões internacionais de Revin, na França (1992,1993 e 1995). Algumas de suas tapeçarias podem ser encontradas em lugares como o Banco do Brasil, em Zurique (Suíça) e o Departamento de Segurança da Casa Branca, em Washington (EUA). Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras do Instituto Histórico e Geográfico do RN e da Associação Brasileira de Críticos de Arte. Recebeu o Prêmio Portinari da UBE, União Brasileira dos Escritores – Rio de Janeiro 2004, a medalha do Mérito Câmara Cascudo – Assembleia Legislativa do RN – 2008, e o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade Federal do RN – 2008. Dorian é casado com Wanda Dione Caldas e tem dois filhos: Adriano Gray e Dione Caldas. Vive em Natal, onde sempre residiu, exercendo sua apaixonante profissão de artista e escritor, para a qual dedicou toda a sua vida.

